



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

LUDMILA RAQUEL KARINO TAVARES

**ENTRE CARTAS, COLCHAS E CORES: A ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA DE
UMA MULHER QUE FOI UMA MENINA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Brasília-DF

2025

LUDMILA RAQUEL KARINO TAVARES

**ENTRE CARTAS, COLCHAS E CORES: A ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA DE
UMA MULHER QUE FOI UMA MENINA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, da linha de pesquisa: Educação em e para Direitos Humanos e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza

Brasília-DF

2025

LUDMILA RAQUEL KARINO TAVARES

**ENTRE CARTAS, COLCHAS E CORES: A ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA DE
UMA MULHER QUE FOI UMA MENINA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania a ser avaliado pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza
Universidade de Brasília (Presidente)

Profª. Dra. Ana Carolina Cerqueira Medrado
Universidade de Brasília (Membro Interno)

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues
Universidade Federal de Goiás (Membro Externo)

Prof. Dr. José González-Monteagudo
Universidad de Sevilla (Suplente)

Brasília, 16 de janeiro de 2025

AGRADECIMENTOS

Mais que agradecer, é reconhecer. Reconhecer que esse trabalho foi escrito por mim, mas foi construído por muita gente.

Ao Divino, por me fazer carteira e guiar todo esse processo.

À minha família, pela base que me firma e me leva a caminhar.

Às minhas amigas e aos meus amigos, pelas conversas, sorrisos e suporte.

Ao meu orientador e banca, por me guiarem no labirinto.

Ao Comunica Mulher, pela continuidade do Tainacan.

Agradecer e reconhecer que somente pelo coletivo esse texto se fez, seguiu seu curso e desaguou. E somente pelo coletivo ele passa a existir.

Agradeço também a quem me ler nesse mergulho traduzido em palavras.

Reconhecer. Agradecer. Continuar.

A memória te autoriza a criar uma narrativa sobre o mundo. Se você não tem memória você vai ficar citando bibliografia. Antes de ganhar um Alzheimer (risos).

Ailton Krenak (2020)

PLAYLIST DA DISSERTAÇÃO ¹



¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLcBuYQAynmkDPbHA1evPHwcF-5Vf1KwrH>.

Tavares, Ludmila Raquel Karino. **Entre cartas, colchas e cores**: a escrita (auto)biográfica de uma mulher que foi uma menina vítima de violência sexual. 2024. 156 f. il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

RESUMO

Este texto é um exercício (auto)biográfico da minha escrita de pós-graduação como mulher vítima de violência sexual na infância e adolescência. Por meio de cartas ao meu orientador, durante o mestrado, construí um processo de emancipação como indivíduo e como estudante, e por meio de cartas o trabalho é escrito. Essas cartas mostram como a (auto)biografia pode contribuir no ambiente acadêmico e no campo dos direitos humanos, permitindo que narrativas vindas de meios de pensar que historicamente foram silenciados possam ser contempladas, inclusive em sua forma de produção de conteúdo acadêmico e científico.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Narrativas epistolares. Violência sexual.

ABSTRACT

This text is an (auto)biographical exercise of my postgraduate writing as a woman victim of sexual violence in childhood and adolescence. Through letters to my advisor during my master's degree, I built a process of emancipation as an individual and as a student and through letters the work is written. These letters show how (auto)biography can contribute in the academic environment and in the field of human rights, allowing narratives coming from ways of thinking that have historically been silenced to be contemplated, including in their form of production of academic and scientific content.

Keywords: (Auto)biography. Epistolary narratives. Sexual violence.

QUEM É QUEM?

Visto que esse texto é construído de forma (auto)biográfica, algumas pessoas que fazem parte da minha vida também fazem parte desse texto. Para facilitar a compreensão do trabalho, deixo aqui, de forma bem resumida e em ordem alfabética, uma lista de quem são as pessoas as quais me refiro.

- Adeir: amigo, professor de filosofia e doutor em Metafísica.
- Amanda: prima materna, mãe da Mel.
- Bebê Bruno: neto de Elisângela.
- Carol: professora Ana Carolina Cerqueira Medrado, esposa do professor Rodrigo e integrante da banca avaliadora.
- Clarissa: minha filha, que nasceu em 2014 e é o momento inaugural de muito do que sou hoje.
- Dona Rita: Maria Marques da Silva, minha avó.
- Elisângela: prima paterna, avó do bebê Bruno.
- Etelvina Maria: bisavó materna.
- Japa: Marcos Tsuyoshi Karino, pai da minha filha e ex-marido.
- João José Marques: bisavô materno.
- Lala: Laís Marques de Moura, prima materna.
- Lory: Loryenne Procópio Tavares da Silva, irmã mais velha.
- Mainha: Ruth Marques da Silva, minha mãe.
- Marisa: amiga muito querida, companheira de estudos e de orientação no mestrado.
- Memel: Mel Oliveira dos Santos, sobrinha neta materna, melhor amiga da Clarissa.
- Moana/Nana: gato nº 1, muito bravo.
- Natália: amiga desde a adolescência e parte de tudo que sou.
- Paulinha: amiga desde a adolescência e para quem mais escrevi cartas até hoje.
- PC: Paulo César Moura Santana, 6 anos, filho da Lala.
- Pepe: professor Jose González Monteagudo, professor visitante da Universidade de Sevilla.
- Professor Rodrigo: Rodrigo Matos de Souza, meu orientador no mestrado em Direitos Humanos e Cidadania – PPGDH/UnB.
- Tia Stella: Maristela Tavares da Silva, tia avó paterna.
- Titi: gato nº 2, dengoso.
- Valderi: Valderi Santana de Souza, esposo de Laís e pai do PC.

SUMÁRIO

PRELÚDIO.....	11
1 CARTA INTRODUTÓRIA.....	13
2 CARTA TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	19
RETALHO 1: A PESQUISA DA ARTE.....	19
RETALHO 2: PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM DIREITOS HUMANOS.....	23
RETALHO 3: PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA EPISTOLAR.....	26
Carta à professora Margaréte.....	28
RETALHO 4: CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA E CONTRACOLONIAL.....	31
RETALHO 5: VIOLÊNCIA SEXUAL E SILENCIAMENTO.....	36
3 CARTAS PARA MEU ORIENTADOR.....	39
PRIMEIRA CARTA.....	39
SEGUNDA CARTA.....	65
TERCEIRA CARTA.....	80
Carta às professoras Dorian e Vanessa.....	86
4 CARTA DE CONCLUSÃO OU BREVE DESPEDIDA 1: ESCRITA ANTES DA DEFESA....	91
CARTA DE MARISA: RECEBIDA APÓS A MINHA DEFESA, ENQUANTO EU TENTAVA ESCREVER UMA NOVA CONCLUSÃO.....	94
CARTA PARA MARISA: PARA FINALIZAR A CONCLUSÃO.....	95
RESPOSTA DE MARISA.....	100
5 CARTA DE CONCLUSÃO OU BREVE DESPEDIDA 2: ESCRITA COMO RESPOSTA À MARISA.....	101
6 CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS.....	105
REFERÊNCIAS.....	106
Referências no texto:.....	106
Referências gerais:.....	111
Sites úteis:.....	112
APÊNDICES.....	113
APÊNDICE A – CARTA PARA ADEIR.....	114
APÊNDICE B – CARTA PARA A LUDMILA ADOLESCENTE QUE AMAVA ESCREVER CARTAS.....	117
APÊNDICE C – CARTA PARA A PROFESSORA DÉBORA DINIZ.....	123
APÊNDICE D – CARTA PARA O PROFESSOR PEPE MONTEAGUDO.....	127
APÊNDICE E – CARTA PARA A PROFESSORA ELEN GERALDES E PARA O PROFESSOR HERRERA FLORES (EM MEMÓRIA).....	130
APÊNDICE F – CARTA DA APRESENTAÇÃO DO EVENTO NA UFG.....	138
APÊNDICE G – PRÉ-PROJETO DE INGRESSO NO MESTRADO DA UNB.....	142
APÊNDICE H – CARTA PARA A MINHA MÃE.....	147
ANEXO.....	153
EPÍLOGO: A HISTÓRIA.....	154

PRELÚDIO

UnB

17/12/24

Professor Rodrigo,

Essa, que no texto da minha dissertação é a primeira carta, na verdade é a última carta que te escrevo no meu mestrado.

Ela nasce da minha tentativa de finalizar esse processo intenso de escrita no qual você foi meu orientador e leitor; mas, se concretiza como texto na certeza de ser o meio, o meu meio de escrever e o meio que intercala os começos. Ela é o começo do meu trabalho e vem assim, feita à mão, caneta azul sobre papel, angústia no peito, alguma clareza na mente, muitas incertezas sobre o futuro, boas esperanças também, peito apertado, olho no relógio, o demônio na caneta, a busca na qual me encontrei.

A entrada no mestrado coincidiu - de coincidência e de coincidir - com um processo de busca por um meio de viver mais agradável comigo mesma, com mais paz em habitar meu corpo, esse corpo que eu sentia doer como fragmentos desarticulados uns dos outros.

Eu precisei construir - eu redescobrir - uma linguagem para conseguir dizer o que eu precisava. Precisei conhecer novas



palavras e novos ~~indios~~ idiomas (perce-
bo que dessa vez o erro foi certo, não
seria mesmo das índias pegar no laço
e sapagadas das histórias esse idioma?)
que me permitissem falar. Falar sobre a
minha dificuldade em falar.

No princípio era o silêncio, o medo de fa-
lar e a necessidade de falar, de elaborar,
de dar sentido, de aliviar. No meio, as
cartas. E os novos princípios.

Nessa escrita, com sua orientação, nessa
fronteira que é a universidade e nesse
lugar que é o meu corpo território ainda
tão desconhecido nasceu esse trabalho
que termino - ou começo - com essa carta
como um convite.

O convite, que também faço às demais leito-
ras, é ao mergulho no rio que corre den-
tro do envelope de uma carta. O rio que
traz os retalhos, que mistura os pigmentos
e as cores, que conflui, que se junta, que
tem o curso desviado para servir à cida-
de e que segue seu curso apesar disso,
por muitos meios de desaguar e evaporar.

Este trabalho é meu mergulho. É meu
respiro para um novo começo.

Um abraço,
Laudmila

1 CARTA INTRODUTÓRIA

Essa introdução é uma carta para mim mesma. Ela está sendo elaborada após a defesa do meu mestrado em Direitos Humanos e Cidadania na Universidade de Brasília (UnB), cursado entre os anos de 2022 e 2024, sob a supervisão do professor Rodrigo Matos de Souza.

Escrever essa carta alguns dias após a defesa – dias nos quais, por muitas vezes, precisei me lembrar e ser lembrada de que fui aprovada – é, mais uma vez, um começo. E eu escrevo para trazer para mim mesma a clareza que preciso alcançar nessa escrita, de forma que a carta dê conta de apresentar, a quem vier a ler esse trabalho, sobre o que ele se trata. E nem sempre eu soube.

Quando fui aprovada no mestrado, eu pretendia falar sobre as narrativas (auto)biográficas como ferramenta de emancipação do sofrimento de vítimas de violência sexual, partindo da minha própria história. Eu precisava, de alguma forma, romper o silêncio que me mantinha sufocada em dor, e eu via nesse mestrado a oportunidade de fazer uma reflexão mais aprofundada sobre o tema. Cheguei a esse entendimento após um processo intenso de escrita e de insegurança sobre a minha escrita, o que me levou a escrever uma carta², e, dessa carta, nasceu a proposta de investigação com a qual fui aprovada.

Dessa forma, hoje consigo entender que, desde o início da minha jornada na construção desse trabalho, eu precisei lidar com a insegurança diante do curso. Percebi que o meu processo de escrita parecia seguir ao mesmo tempo em que eu buscava conhecê-lo ou desvendá-lo. Trabalho árduo, intenso e constante, uma vez que me propus a viver a minha pesquisa e pesquisar a minha vida nesses dois anos.

Seguir pela via das cartas foi um caminho ao qual cheguei sem pensar muito a princípio, embora depois eu tenha me dado conta de que elas estavam sempre presentes na minha vida, compondo a tessitura de amizades (Camargo, 2011) e me ajudando a conseguir expressar em palavras os sentimentos e os pensamentos que eu não conseguia traduzir numa escrita menos pessoal.

Decidida e autorizada a seguir escrevendo cartas, eu me aventurei na fronteira entre a oralidade e a escrita (Battistelli; Oliveira, 2021) que elas possibilitavam e encontrei conforto na intimidade e na imediatez (Anzaldúa, 1981) que essa forma de escrever me trazia.

Algumas cartas eu escrevia no computador, tentando organizar melhor os pensamentos, outras escrevia à mão, deixando-os seguir livremente. E, no primeiro trabalho que entreguei ao meu orientador, eu entendi que tanto as cartas digitadas quanto as

² Apêndice A.

manuscritas o formavam.

Seguindo o curso das cartas, chegaram as cores. Escrevendo as cartas manuscritas, e entendendo que elas também eram o meu texto, eu passei a me preocupar com o que chamei de *parte estética*, o que dizia respeito, inicialmente, a cuidar para que elas não fossem muito rabiscadas e que a letra estivesse legível. E, dessa preocupação, veio a vontade de brincar com as aquarelas.

Eu não recorria a desenhos e pinturas como meio de expressão desde o Ensino Fundamental 1, de forma que via as aquarelas apenas como um jeito de enfeitar as folhas. Eu pintava flores, passarinhos e ficava encantada com a fluidez com que a água e os pigmentos diversos se misturavam, criando cores e contornos indecifráveis. Mas, logo percebi que eram mais que enfeites, também eram um jeito de falar, e me ajudavam a expressar aquilo que apenas por meio das letras em papel eu não conseguia.

Brincar com as cores se mostrou um recurso de entendimento da minha autoria em construção, um curso inconsciente e líquido que fui seguindo por meio das águas, me guiando em direção ao rio de onde vieram as colchas de retalhos da minha avó e a minha busca por aprender a costurá-las como escrita.

Entre cartas, colchas e cores, construiu-se este texto chamado dissertação. Poderia ser a narrativa do mergulho no silêncio tumultuado dos meus sentimentos, poderia ser o grito desesperado de um corpo fraturado existencialmente (Xakriabá, 2018), poderia ser a tentativa de falar da dor da violência sem saber como, e com muitas lágrimas, poderia ser um correio de cartas e de memórias desconhecidas. E é um pouco sobre tudo isso.

A minha dissertação foi escrita em forma de cartas, a maioria delas para o meu orientador. Cartas que escrevi ao longo dos dois anos de curso, e algumas contém fragmentos de textos pessoais e desabafos que escrevi durante o processo de seleção. E, nesse processo de escrita e de construção do trabalho, eu tinha muita dificuldade em alterar as cartas que havia escrito, editá-las, posto que eu as via como retalhos já costurados em uma colcha que eu ainda estava conhecendo. Assim, a cada retorno do meu orientador, após ele ler o que eu havia escrito, eu ia acrescentando novas cartas e novos retalhos ao texto, que continham o que passei a chamar de (re)entendimento do que eu estava fazendo.

Essa carta, que escrevo para mim mesma em forma de introdução, é também um movimento de (re)entender o que fiz e de construir uma espécie de guia para a leitura desta dissertação, como me foi sugerido no dia da defesa.

A primeira carta a compor a estrutura da dissertação é o que chamei de **Prelúdio**, ela foi escrita à mão, no momento em que eu finalizava o texto para enviar para a minha banca e

antes da defesa. Foi a última carta que escrevi para o meu orientador, e colocá-la no trabalho, como o começo dele, marcou em mim a circularidade que vivi ao longo do processo de escrita, feito de começo, meio e começo, como aprendi com Antônio Bispo dos Santos (Confluências..., 2020) a nomear.

Em seguida, vem a carta que chamo de **Carta introdutória**, que tem a função que o próprio nome já diz e que já falei um pouco nos parágrafos anteriores.

Logo após, vem a **Carta teórico-metodológica**, na qual falei das autorias e das teorias que me acompanharam no processo de escrita. É a carta na qual costurei pedaços de teoria com a minha autoria e na qual busquei aquarelar as autorias que me ajudaram a construir o trabalho.

Depois dela, vem um conjunto de três cartas, que chamo de **Cartas para o meu orientador**. Elas foram inicialmente escritas antes da minha qualificação e (re)entendidas depois dela, de forma que acrescentei novos trechos a essas cartas, visto que cortá-las não se mostrou como um caminho possível dentro do meu processo. Elas marcavam o momento em que foram escritas e traziam os vestígios do processo de construção do trabalho, com seus labirintos e descobertas que só foram se desvendando para mim aos poucos, a cada leitura, com o desenrolar da escrita, com os (re)entendimentos que pareciam estar sempre um passo atrás do que me havia sido demandado academicamente, com a teimosia instintiva em não entender algumas dessas demandas, com as batalhas vencidas contra a insegurança, com as leituras de hoje, os escritos de ontem e os contornos de amanhã nebulosos.

É importante marcar que essas três cartas foram feitas como texto em PDF e versões artesanais. Os textos em PDF, enviados por e-mail ao meu orientador, só me pareciam completos com as cartas, os retalhos e as cores das versões artesanais. Elas eram o meu trabalho e o que eu tinha a contar, a minha autoria e os meus entendimentos das teorias que eu aprendia. Eram a minha dissertação em outra forma, diferente, porque eu não conseguia digitar. Eram cartas manuscritas, tecidos, adesivos, carimbos, aquarelas, folhas e flores secas, cheiro de Leite de Rosas, restos de festas e de reformas em casa, amuletos sagrados e orações, colagens, fotografias, anotações, bilhetes, lembretes. Elas foram feitas à mão e entregues ao meu orientador no mesmo dia em que eu enviava o texto em PDF. E, desde a primeira dessas cartas, eu sabia que as versões artesanais não eram parte da minha dissertação, elas eram a minha dissertação, assim como o texto em PDF também era. E lidar com esse saber, que era imperativo no meu processo de escrita, foi um desafio que eu precisei conhecer, aprender a lidar e encontrar soluções.

Na fase que antecedeu a minha qualificação, eu reuni as versões artesanais na *Caixa*

Marrom, que era uma caixa de madeira, com detalhes em palha, comprada em uma feira de rua que me encheu os olhos assim que a vi. Ela era um pouco maior e mais larga que uma folha de tamanho A4 e coube as versões artesanais, que eu coloquei em sacos transparentes, indicando as versões em PDF. O fundo da caixa eu cobri com retalhos de tecido e enviei essa caixa para as professoras da minha banca alguns dias antes da qualificação; e cada uma delas ficou com a caixa por alguns dias.

A Caixa Marrom foi a solução que encontrei na fase que antecedeu a qualificação para apresentar o meu trabalho para a banca, mas ela não era uma solução possível como registro formal; eu não poderia deixar a Caixa Marrom num repositório, como o texto em PDF. E foi pensando no registro oficial em repositório que cheguei ao Tainacan³.

Ele me surgiu a princípio numa conversa informal, num contexto fora da academia, mas que com ele se entrelaçou por meio da partilha com outra mulher que também foi uma menina vítima de violência sexual. Eu não consegui entender, nessa ocasião, como o Tainacan poderia fazer parte do meu trabalho, mas os vínculos com a nova amiga se fortaleceram, as águas de duas mulheres confluíram (Dorneles, 2021), o tempo foi amadurecendo o meu entendimento do meu trabalho e essa ferramenta foi escolhida como meio de deixar o registro oficial das versões artesanais das cartas.

O acervo está disponível em: <https://comunicamulher.tainacan.org/colecaoludmila/>, na instalação do projeto *Comunica Mulher*, uma plataforma de informações para o enfrentamento da violência contra a mulher. O projeto é vinculado à Faculdade de Ciência da Informação da UnB e convoca mulheres a quebrarem o silêncio sobre qualquer forma de violência. E eu fico muito feliz com essa interlocução porque, de alguma forma, eu venho tentando romper o meu silêncio.

Por fim, as versões artesanais se uniram às demais produções manuais que compuseram a exposição *Entre Cartas, Colchas e Cores*, que aconteceu entre os dias 16 e 21 de janeiro de 2025, no hall de entrada da Unidade de Ensino e Docência, do campus de Ceilândia-DF, da UnB. A exposição foi pensada como a versão artesanal da dissertação, de forma a também ser a apresentação do meu trabalho no dia da defesa, indo além do que as minhas palavras poderiam expressar e expondo justamente a minha necessidade em encontrar um jeito de falar da minha dificuldade em falar da violência sexual.

³ Tainacan é um software livre brasileiro que possibilita a criação de acervos digitais. Ele é desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus.

As pinturas e os trabalhos manuais que compuseram a exposição traziam as cores que aquarelei, as cartas que escrevi à mão, os retalhos de memórias que aprendi a costurar. Foram imagens da minha busca por encontrar um jeito de falar além das letras digitadas no computador, da minha tentativa de trazer para a minha dissertação um pouco do que aprendi a sentir no meu corpo. Elas falavam das palavras que só saíam na caneta, nos rabiscos, na água que dançava no papel. Elas, que chamei de *inconsciente líquido*, vieram de momentos em que eu pintava aquilo que ainda não conseguia falar, mas que, de alguma forma, precisava expressar.

Após as cartas para o meu orientador estão as **Cartas de conclusão**. A primeira, escrita antes da defesa, e a segunda, após a defesa – como uma troca de cartas com Marisa, na qual busquei falar melhor daquilo que aprendi a nomear na minha pesquisa, dos (re)entendimentos após a defesa e da minha esperança de que o meu processo de escrita, e o que eu construí nesta dissertação, possa, de alguma forma, inspirar outras mulheres a falarem de suas dificuldades em falar de algumas coisas.

Nos **Apêndices** estão as reproduções de algumas cartas que enviei e que fizeram parte do entendimento do meu processo de escrita e de aprendizado no mestrado, bem como a proposta de investigação com a qual fui aprovada.

Nos **Anexos** estão as cartas que recebi do meu orientador.

No **Epílogo**, eu contei “a história”, fabulada em livro infantil. O que eu chamo de “a história” veio da tarefa que meu orientador me passou na primeira reunião individual de orientação. Ele me pediu que escrevesse a história que eu queria contar, que a terminasse e a deixasse guardada por um tempo, para só depois retomá-la num outro momento. Eu abri um arquivo chamado “a história” e comecei a escrevê-la, de forma bem livre, sem uma cronologia. Às vezes, eu escrevia sobre as lembranças dolorosas do período da minha infância em que aconteceram os primeiros abusos; outras vezes, tentava descrever com a dureza dos detalhes as memórias que sentia doer em meu corpo; em outras ainda, tentava elaborar como me sentia naqueles instantes em que escrevia; e tudo isso era, de alguma forma, “contar a história”. Mas eu nunca terminei esse arquivo, nunca consegui sentir que poderia colocar um ponto final naquela história, nunca achei que ela estava terminada, de forma que acabei por contá-la em forma de um livro infantil, que foi escrito antes da minha qualificação. Escrevê-lo me permitiu conseguir contar “a história” que, de outra forma e, mesmo após a defesa, eu ainda não consigo.

E talvez eu nunca consiga.

Esse trabalho é também sobre a minha dificuldade em falar das violências que vivi e sobre a minha tentativa de fazer isso num texto acadêmico, de forma a reivindicar, no campo dos Direitos Humanos e da produção de conhecimento na universidade, o lugar das narrativas (auto)biográficas e da experimentação artística na emancipação de mulheres que foram meninas vítimas de violência sexual.

Minha dissertação transita entre a necessidade de denúncia e de contribuir, de alguma forma, com o campo dos Direitos Humanos no que diz respeito ao tema da violência sexual contra crianças e adolescentes, por meio da narrativa (auto)biográfica e artística da minha experiência e, ao mesmo tempo, trazer uma reflexão sobre a construção desse texto e desse trabalho dentro da universidade, com os desafios e as possibilidades que me trouxe.

Por fim, encerro essa carta com a insegurança que me acompanha na escrita desde o início e com a esperança que resiste e caminha lado a lado com ela.

Com a força que me ampara,

Ludmila

2 CARTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

RETALHO 1: A PESQUISA DA ARTE

Professor Rodrigo,

Essa carta nasce após algumas tentativas frustradas de reescrever as cartas teórico-metodológicas anteriores. Reescrever meus textos é realmente um desafio que ainda não tenho conseguido superar. É que o que eu escrevo se torna um retalho e o que posso fazer é costurá-lo com outro retalho para continuar a compor a colcha; confiando em um processo criativo que assumo, conforme muito generosamente me sugeriu a professora Manoela dos Anjos, como centro da minha investigação, “uma investigação que tem a dimensão artística, que não é apêndice, mas sim, compõe o corpo do trabalho”⁴.

Reescrever as cartas teórico-metodológicas anteriores não é possível porque elas são rastros que mostram justamente a construção do referencial teórico e da metodologia que venho utilizando na escrita da minha dissertação e das quais quero lhe falar nessa carta. Mas, embora eu tenha optado por não reescrever os textos teóricos metodológicos anteriores, eu me permiti recortá-los e recosturá-los aqui, nessa carta.

Você me disse que não sabia se eu havia de fato entendido a minha banca na qualificação e você tinha total razão, eu não havia entendido muitas coisas. Não entender as coisas no tempo em que são ditas e (re)entendê-las algum tempo depois é parte da metodologia que o rastro das cartas anteriores revela.

Eu lhe falo em rastros como vestígios de um processo que só agora consigo reconhecer como tendo uma base teórica e uma proposta metodológica. E que consigo assumir e nomear como sendo uma pesquisa em arte⁵, que, inserida num programa de pós-graduação em Direitos Humanos, traz, de forma interdisciplinar, uma narrativa (auto)biográfica epistolar que se constituiu organicamente como uma ferramenta contra-colonial, a qual vem me permitindo depurar internamente, nomear intelectualmente e discutir academicamente os impactos do silenciamento, enquanto dispositivo de uma narrativa colonial e revitimizadora, diante da violência sexual que vivi na infância e adolescência.

Os rastros das cartas anteriores me mostram o processo pelo qual esta dissertação foi construída. São, em si mesmas, registros desse processo. De um leitor vago, passando por estudantes e professores universitários abstratos, chego ao destinatário final dessa carta: meu

⁴ Trecho das anotações da professora Manoela dos Anjos na ocasião da minha qualificação.

⁵ Na academia se faz ciência, mas, também se faz arte e em arte também se faz pesquisa. Cito de memória, e com afeto, você e Manoela.

orientador. Esse processo foi se assemelhando a um funil, como se a especificidade do destinatário fosse proporcional ao meu entendimento do que, de fato, era construir uma carta teórico-metodológica. Ou, prefiro dizer, do meu (re)entendimento disso.

Escrever pra você é, afinal, o que tenho feito, embora tenha concordado em retirar do título. Na relação de orientação que construímos ao longo desses dois anos, o seu papel poderia ser definido pelas diversas possibilidades que Cecília Almeida Salles (1998) apresenta no que diz respeito ao leitor particular. O leitor particular acompanha o processo criativo, ele tem acesso aos passos que o compõem e poder diante da construção dele. Cecília apresenta o leitor particular como parte do “trajeto com tendência” que constitui um processo criativo artístico. Você, como leitor particular, faz parte do “rumo vago” que direciona o processo de construção de um trabalho, no meu caso, acadêmico – embora não apenas meu e nem apenas acadêmico, preciso dizer.

E, se digo, é porque o fazer artístico me permite sentir, pensar, viver e experimentar a universidade e o meu trabalho de uma forma que diversos saberes (e dores), de antes, de longe e de fora da academia convivem e confluem⁶ com os saberes (e dores) de agora, de perto e de dentro da academia, numa relação que enfrenta e impõe desafios e que também abre novas possibilidades⁷. E, talvez, eu só tenha (re)entendido agora que a parte “teórica” dessa carta é justamente contar como eu descobri isso. E como (re)entendi várias coisas apenas depois de um tempo e de um processo que acabaram se constituindo como a parte “metodológica” dessa carta.

E, para lhe falar de tudo isso, sigo não a ordem cronológica do processo teórico e metodológico que venho construindo até aqui e que deu vida, corpo, forma e conteúdo a essa dissertação; até porque seria impossível, visto que tudo foi acontecendo como em um vai e vem, ou em uma espiral. Escolho separar os retalhos das palavras que usei no quarto parágrafo dessa carta, quando finalmente (re)entendi o que estava fazendo e falar melhor de cada um deles. O “finalmente” expressa não uma felicidade de finalização, mas a clareza do início de um caminho. Eis os cinco retalhos: pesquisa em arte, pesquisa interdisciplinar no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UnB, pesquisa (auto)biográfica epistolar, constituição orgânica e perspectiva contra colonial da pesquisa e impactos do silenciamento e da fala sobre violência sexual.

⁶ Fala de Antonio Bispo dos Santos (Uniperiferias..., 2019).

⁷ Eu me refiro aqui à fala do professor Marcio Goldman (Rede..., 2024b), no encerramento da IX Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. Nessa fala, ele deixa claro que toda a construção da reflexão apresentada ali vem sendo feita em conjunto com seu amigo, o filósofo Vladimir Moreira Lima, a quem estendo materialmente a citação.

Sendo assim, começo por lhe falar mais sobre a pesquisa em arte, que é o lugar da minha investigação – e esse é um lugar difícil, como bem disse a professora Manoela na minha qualificação, “pois o problema de pesquisa é algo que vai sendo transformado à medida que a artista pesquisadora vai lidando com a obra em construção”. E, embora o meu problema de pesquisa não tenha sido transformado, uma vez que me percebi fazendo exatamente o que me propus ao entrar no mestrado, ele foi sendo (re)entendido⁸.

Compreender a minha como uma pesquisa em arte⁹ foi possível porque você cumpriu o seu papel de me mostrar uma academia que eu ainda não conhecia e que “se ocupa de outras sensibilidades, de outras formas e de outros modos de existência”¹⁰. E me falou da professora Manoela, que me mostrou Cecília Almeida Salles (1998) e seus escritos sobre “o gesto inacabado”, no qual ela uniu a experiência criativa de vários artistas diferentes de uma forma que me permitiu identificar no meu processo de escrita acadêmica aqueles elementos que ela aborda como sendo parte dos processos criativos em arte. E, que vão do caos ao cosmos.

Talvez você, como meu orientador e leitor particular, tenha visto o cosmos em meio ao caos que eu te apresentava em meus trabalhos. E, sim, eu não sabia o que estava fazendo, e ainda não sei se eu sei bem, mas agora eu sei também nomear o que faço e estou aprendendo a “praticar os nossos nomes” (Dorneles, 2021) e os nomes que outros já deram, costurando, assim, retalhos das teorias à minha autoria.

Ao longo da construção da minha dissertação, eu fui descobrindo coisas que não sabia antes e que só pude ter acesso pela própria dissertação, como se o fazer desse texto fosse me esclarecendo o que procurava, ou como se o enigma dessa obra fosse se desvelando (Rey, 1996). Por isso, assumo o “erro” nos destinatários anteriores dessa carta da forma como Sandra Rey (1996) nomeou: aproximação. Eu fui me aproximando do que agora escrevo – com mais coragem – e entendo – com mais clareza – à medida que as possibilidades anteriores foram sendo dissipadas.

⁸ Na última revisão ao meu texto, você disse que achava que o que eu queria expressar era entendimento mesmo. Eu não sei bem como responder a isso, então resolvi falar sobre os motivos que me fizeram acrescentar o (re). Ao longo desses dois anos, eu pesquisei a minha vida e vivi a minha pesquisa, num vai e vem que fui criando e conhecendo, ao mesmo tempo em que tentava sistematizar e situar num campo de saber, e, nisso, eu descobri que muita coisa que eu pensava que eu havia entendido em algum momento passava a fazer outro sentido. Talvez pensar que entendeu não seja entender e pode ser que de fato eu esteja entendendo o meu trabalho só agora. Mas eu não consigo desconsiderar o entendimento anterior, ainda que confuso, na minha escrita. Por isso o (re), porque ele marca um outro lugar em mim, que pode ser de mais maturidade intelectual e de mais autoconfiança, mas que vem de uma tentativa de trazer os rastros e vestígios do processo, algo que minha escrita me impele a fazer.

⁹ Sandra Rey (1996) diferencia “a pesquisa em arte” da “pesquisa sobre arte”, sendo que a primeira compreende o processo de criação do artista, enquanto a segunda se dedica ao estudo do produto final da obra.

¹⁰ Trecho da sua primeira carta, disponível no Anexo.

Antes que eu soubesse que existe um campo de pesquisa chamado “crítica genética”, que lida justamente com registros e documentos dos processos criativos na ciência e na arte¹¹, eu sentia a necessidade de marcar e mostrar os processos do meu trabalho e do meu texto, mesmo que não soubesse bem como ou por que fazer isso. Eu escrevia, no que chamei de NOTAS EXTRAS, as coisas que eu achava que queria falar, mas não conseguia ou não deveria, e as coisas que eu achava que não deveria falar, mas que não conseguia e acabava falando. Essas NOTAS EXTRAS traziam justamente registros do meu processo de escrita acadêmica, embora eu não soubesse o que estava fazendo e só tenha re(entendido) assim algum tempo depois.

Elas passaram a compor meus textos como um recurso que tinha uma forma, inclusive visual, com a escolha da fonte em caixa alta, de apresentar um conteúdo que compunha o texto ao mesmo tempo em que se dizia extra, exterior, externo a ele. Mas, com o decorrer do processo, relendo meus textos, percebo que essas NOTAS EXTRAS foram rareando ao passo em que passei a utilizar outras linguagens no meu texto, como a aquarela, que passou a ser conteúdo, embora pareça forma. E é conteúdo porque elas dizem aquilo que as palavras não conseguem nomear.

E, falando em conteúdo, um dos meus objetivos ao te escrever essa carta, que é uma carta teórica e metodológica, é justamente o de privilegiar o conteúdo em detrimento da forma, para que não pareça que eu não sei o que estou dizendo e que só importa o como estou dizendo. No entanto, cada vez mais, eu fui percebendo que, no meu trabalho e na minha dissertação, bem como nas pesquisas em arte, a fronteira entre forma e conteúdo é extensa. E falo em “fronteira” como Antônio Bispo dos Santos nomeou: como um lugar onde o limite não foi rompido, pois, quando se rompe o limite, o lugar deixa de ser uma fronteira (Dorneles, 2021). Ele disse ainda que a universidade também é um lugar de fronteiras que “se movem, avançam, recuam, mas, nunca devem ser ultrapassadas” (Dorneles, 2021). Eu escrevo nessa fronteira e sem a pretensão de ultrapassar nenhum limite.

E, sendo assim, eu me propus a fazer esse texto nesse sentido, o de fazer um texto cujo “conteúdo” seja o foco e que também demonstre, defenda e reivindique que o local no qual eu realizo esse trabalho, no caso, a universidade ou o meio acadêmico e científico, é, de fato, o local onde ele deveria ser realizado. E que, embora as questões que trato em meus textos e a perspectiva na qual escrevo e a forma que encontrei de escrever sejam profundamente

¹¹ Ainda sobre a crítica genética, Cecília Almeida Salles (1998, p. 13) fala que se trata de dar atenção ao “processo por meio do qual algo que não existia antes, como tal, passa a existir, a partir de determinadas características que alguém vai lhe oferecendo”. Esse processo, no caso da minha dissertação de mestrado, foi sendo registrado de forma quase involuntária até que pude (re)entendê-lo e nomeá-lo dentro da crítica genética.

singulares e pessoais, elas são também localizadas histórica e politicamente num campo de luta em Direitos Humanos, que passa – e perpassa, alinhava e costura – por reivindicar os meios para exercê-los, inclusive no próprio ato de escrever.

RETALHO 2: PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM DIREITOS HUMANOS

Eu escrevo como quem esculpe a própria carne.

Eu mantive esse pequeno fragmento que escrevi em algum momento do dia anterior e escolhi continuar essa carta a partir dele porque, de alguma forma, ele diz um pouco sobre o que pretendo lhe falar a respeito de entender a minha pesquisa como uma pesquisa em arte que vem se construindo, de forma interdisciplinar, no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UnB.

Quero falar um pouco sobre a experiência de construir um texto acadêmico, num programa de pós-graduação em Direitos Humanos, em uma universidade federal. Nesse lugar que é uma fronteira onde transito há dois anos e onde passei a me entender como costureira de palavras, parafraseando o “lavrador de palavras”, Antônio Bispo. E que também é o local onde já estive alguns anos atrás, na graduação em Ciências Sociais, e de onde me senti bastante apartada por treze anos, período dedicado à Educação Básica, como professora de Sociologia.

A escolha pelo PPGDH se deu, a princípio, pela vontade de mapear e analisar políticas públicas voltadas para o combate e prevenção da violência sexual em escolas públicas do Distrito Federal. Mas, já na elaboração do projeto de pesquisa, com a minha dificuldade de me sentir capaz de escrever academicamente gritando e com o silêncio evidenciado pela ausência de publicidade das políticas que eu pretendia mapear, esse caminho se transformou e eu me propus a fazer uma escrita (auto)biográfica sobre os impactos do silenciamento diante da violência sexual. Incomodava-me muito – e isso vai ficar explícito em diversos momentos ao longo de todo o trabalho – o quanto não se fala sobre a experiência de ter sido vítima desse tipo de violência em específico. E eu queria falar sobre ela, falar de um lugar que eu nem sabia ao certo qual era, visto que eu nem mesmo sabia como me nomear: eu sou uma vítima de violência sexual? Eu fui uma vítima? Eu sou uma sobrevivente? Eu sou uma mulher que foi uma menina vítima de violência sexual. Hoje eu sei. Mas me permita voltar ao ponto em que eu não sabia.

Eu queria reivindicar o direito à fala sobre a experiência de ter sido vítima de violência sexual como um direito humano que é constantemente violado por conta de discursos e

práticas sociais derivadas de uma perspectiva limitada ao legado colonizador. E eu queria fazer isso colocando a minha própria história de vida como fonte de pesquisa, revisitando as minhas memórias acerca do que vivi.

Ainda no meu primeiro semestre no mestrado, eu escrevi uma carta¹² ao professor Joaquín Herrera Flores, da qual retiro o seguinte trecho: “A meu ver, professor, a sua perspectiva situa os Direitos Humanos como um campo de disputa pela dignidade de existir e de viver uma vida digna de ser vivida, trazendo, assim, a ideia de que os direitos não são entidades jurídicas e sim vivências materiais. E viver uma vida digna pressupõe ter os meios necessários para vivê-la, pressupõe recursos materiais, concretos e visíveis”. Eu tentava, ali, estabelecer um diálogo com uma bibliografia obrigatória da disciplina de Fundamentos Teóricos em Direitos Humanos (PPGDH0048) que eu estudava, e me questionava: “Uma vez que os direitos humanos são frutos provisórios de processos de luta, como a minha luta pode configurar a origem de um direito? Como a minha luta pode criar o direito à fala e ao fim do silenciamento? Será que os direitos só existem porque são violados? Se eu não tivesse sido violada, haveria necessidade de reivindicar o meu direito à fala? Seriam os direitos humanos, na verdade, não descobertos nem conquistados, mas encobertos?”.

Essas perguntas, de certa forma, foram perdendo um pouco o sentido quando passei a entender ou quando eu, de fato, (re)entendi que o silêncio acerca da violência sexual que me incomodava era muito mais profundo do que não poder falar das minhas experiências. Ele se misturava, daquela mesma forma inseparável que a aquarela permite, com um silêncio de violações ancestrais, de mulheres que vieram antes de mim e que me permitiram chegar até aqui por meio de seus trabalhos e seus esforços, de suas lutas e de suas lágrimas, dos alimentos que prepararam, das cantigas que cantaram, das plantas que cultivaram, dos bolos que assaram, das histórias que contaram e que eu não pude ouvir... E, por mais contraditório que pareça a princípio, eu fui tomar consciência disso justamente no local do qual me senti apartada durante um longo tempo: a universidade. E a aparente contradição inicial se desfez justamente com o contato que tive, aprofundando minhas leituras e diálogos em uma universidade que foi profundamente impactada por aquela que considero uma das maiores conquistas no campo dos Direitos Humanos: a política de cotas raciais.

Como disse Ana Mumbuca (Rede..., 2024a), o quilombo está ecoando a voz; a voz daqueles que sempre viveram no caos. E essa voz dos quilombos, das aldeias, dos rios e das matas que passou a ecoar com mais frequência na universidade impactou, sobretudo, os campos de saberes nos quais me situo, o das Ciências Sociais e da Educação. E não poderia

¹² Apêndice D.

ser diferente, ela diz, uma vez que “cada membro dos povos contra-coloniais que adentram a universidade com suas cosmologias, alteram a paisagem da academia eurocêntrica” (Silva, 2019).

Na disciplina Tópicos Especiais em Direitos Humanos e Cidadania II: Abordagens não-hegemônicas: Entre a epistemologia e a política (PPGDH0185), ministrada pelo professor Wanderson Flor do Nascimento, que cursei no segundo semestre do mestrado, tive contato com diversas paisagens em forma de textos e trabalhos que me trouxeram novas perguntas e novas reflexões.

Célia Xakriabá (2018), afogada nas ausências do que não viveu no rio, me ajudou a entender a falta que eu sentia de espaços nos quais pudesse não apenas falar ou elaborar racionalmente as experiências de violência sexual que vivi, mas que eu pudesse sentir, doer, acolher e elaborá-las no meu corpo. E, para falar disso, eu preciso te contar uma história que li em um livro de ficção (Boulley, 2022). Vou recontar como me lembro e não com a precisão de uma citação.

Uma menina sempre colhia flores com sua avó, que lhe explicava sobre cada uma delas enquanto conversavam. A avó nunca falava da flor amarela, embora a menina sempre lhe perguntasse. A menina foi crescendo e, um dia, um homem mau a encontrou e a machucou. A menina parou de conversar com a avó enquanto colhia flores. A avó lhe perguntou o que estava acontecendo, mas a menina apenas seguiu calada. Uma noite, a menina foi com a avó encontrar outras mulheres, elas se sentaram numa roda, onde havia uma cesta cheia de flores amarelas que foi passando de uma por uma. As mulheres se levantaram e, antes de jogarem a flor no fogo, cada uma interagiu com ela de um jeito diferente, umas choravam, outras gritavam, outras rezavam baixinho, outras ainda dançavam e gargalhavam. Quando a cesta chegou à menina, ela entendeu o propósito das flores e pegou a sua flor amarela, fez uma oração em silêncio e a jogou no fogo.

Eis a ausência. O silêncio da voz e do corpo. O silêncio das raízes desconhecidas e dos territórios distantes. Eis as vozes que passaram a ecoar com mais frequência na academia e que me mostraram as paisagens nas quais o meu corpo fraturado existencialmente (Xakriabá, 2018) passou a se perceber. E deu-se essa costura.

Foi tentando reivindicar meu direito à fala sobre as minhas experiências como vítima de violência sexual que passei a me entender e a me posicionar como a autora desse texto e como sujeito e fruto do direito que ele busca alcançar, que é o de garantir não apenas o direito à fala, mas ao como se fala, como se escreve, como se constrói conhecimento acadêmico, como se faz pesquisa na universidade. E meu trabalho foi construído não apenas de uma

“forma” diferente, mas de uma forma que se constituiu enquanto pertencimento do meu corpo-território.

“Minha avó foi pega no laço”, uma narrativa bem presente na minha história de vida, como bem disse Braulina Baniwa (2022), naturaliza e normaliza o rapto e a violência contra mulheres indígenas, pois retrata o contato de apagamento mais violento. Ao longo da minha busca de uma emancipação como mulher vítima de violência sexual por meio da fala e da escrita acadêmica em Direitos Humanos, eu passei a conseguir (re)entender e nomear o meu corpo território fraturado como um corpo território em movimento. E eu me encontrei justamente na busca por me encontrar. Estar em busca já é estar em algum lugar. Estar em busca de narrativas que não foram registradas, que não estão nos arquivos, nem nos livros, nem nos textos e nas palavras escritas, mas que estão na memória do corpo, nas correntes dos rios, nas cores que se formam indivisíveis, numa aquarela de autores e teorias, já é estar em algum lugar.

RETALHO 3: PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA EPISTOLAR

Ao longo desses dois anos, venho construindo um texto (auto)biográfico, em forma de cartas e totalmente na 1ª pessoa do singular, no qual falo tanto do processo de elaboração do sofrimento que vivi na infância e na adolescência como vítima de violência sexual quanto das reflexões que pensar esse tema academicamente vem me trazendo. Eu entrei no mestrado me propondo a falar sobre a escrita (auto)biográfica como uma ferramenta decolonial de emancipação do sofrimento de mulheres vítimas de violência sexual. Mas, entre a proposta e esse texto, percorri um longo percurso que nem sempre ficou muito claro para mim.

Mas, aos poucos, com a paciência e a dedicação do meu orientador, com leituras, aulas, conversas, meditações, banhos e rezas, com a ajuda de pessoas queridas e com uma vontade absurda de concluir esse mestrado, eu fui descobrindo o que posso hoje chamar de “percurso teórico-metodológico”.

Eu nem sei bem de onde veio a ideia de escrever cartas para o meu orientador, visto que escrever cartas é algo que, de alguma forma, fez parte da minha vida desde muito cedo. Aprendi a ler e a escrever aos cinco anos, li meu primeiro livro aos nove¹³, e sempre que eu não conseguia me expressar direito falando, eu escrevia cartas para me comunicar. E

¹³ *Éramos seis*, de Maria José Dupré, na edição da Série Vaga-lume. Estava passando a novela de mesmo nome na TV e eu achei o livro jogado nas bagunças da casa de uma tia. Pedi para ela e comecei a ler por causa da novela, mas achei muito mais legal, de forma que considero esse livro como um dos motivos do meu gosto pela leitura.

costumava dar certo; de forma que não sei bem de onde veio a minha proposta, mas não foi por já saber do potencial da escrita de cartas no ambiente acadêmico. Para mim, as cartas eram uma forma de alcançar a intimidade e a imediatez (Anzaldúa, 1981) que eu buscava ao escrever.

Esse potencial eu fui descobrindo depois, com textos que foram inspiradores, e conhecendo outros trabalhos que utilizam a escrita epistolar que não é a mais comum, nós sabemos¹⁴, mas que já tem uma boa caminhada. A escrita de cartas tem sido fundamental no meu processo porque ela me confere a possibilidade de construir o texto de forma que eu consigo transitar entre as minhas memórias (auto)biográficas e o que venho aprendendo enquanto aluna da pós-graduação e professora afastada para estudos. Escrever cartas me permite abordar esse “minúsculo” (Gonzaga *et al.*, 2023) da história de vida que está longe de ser pequeno, ao contrário, é parte integrante de qualquer produção, inclusive acadêmica.

Escrever esse texto me permitiu exorcizar (Lima, 2023) o demônio do silêncio que tanto incomodava e me permitiu me reconhecer melhor como professora-pesquisadora. Eu gostei desse termo, assim com hífen, para marcar a junção das duas coisas. Afinal, durante treze anos em sala de aula, eu já me via totalmente como professora, mas não conseguia me ver sendo capaz de pesquisar algo e agora acho que sou. E isso aconteceu escrevendo cartas.

Foi escrevendo cartas que consegui construir uma narrativa capaz de provocar uma mudança (Barros, 2013) na forma como eu me sentia e na forma como eu compreendia as violências que sofri ao longo da vida, especialmente as de cunho sexual e de gênero. E essa mudança só foi percebida por mim no momento em que buscava organizar as cartas que escrevia, não exatamente no momento em que as escrevi, o que também faz parte de (re)entender o meu trabalho.

Escrever cartas (auto)biográficas na pós-graduação me possibilitou escrever como quem conversa com alguém, e, ao me colocar no lugar de falar com alguém, eu fui entendendo quem era que falava, conseguindo, assim, entender melhor o meu lugar. Afinal, “se a narrativa constrói o mundo, é através das autonarrativas que o sujeito constrói a si mesmo” e, ao narrar o meu eu para o outro, cria-se a relação na qual o sujeito se aprimora (Medrado; Jesus, 2018), ou, ousa dizer, se (re)entende.

¹⁴ Infelizmente, é comum que o ambiente acadêmico formate mestres e doutores para elaborarem textos que reproduzem dados e teorias (Negrão; Gonzaga, 2023) e que não incentive muito escritas que fujam a essa norma.

Refletindo sobre alguns textos da professora Manoela, e aqui me permito “aquarelar” três deles¹⁵, ficou bem evidente para mim a importância das pesquisas autobiográficas¹⁶ como forma de “restabelecer pertencimentos – individuais e coletivos – que foram interrompidos, apagados, silenciados ou tomados como certos ao longo de processos sócio-históricos forjados pela violência colonial” (Rodrigues, 2021b, p. 104). E, no meu caso, pensar autobiograficamente a minha história com a violência sexual me levou a pensar também o meu corpo – e com o meu corpo¹⁷ – como território de pertencimentos apagados.

E foi justamente uma memória autobiográfica que me forneceu a metáfora da colcha de retalhos que me ajudou a compreender o meu trabalho. Ver a foto de uma colcha de retalhos tão semelhante às que minha avó fazia, num local vizinho ao que ela nasceu; lembrar das coisas que ela me dizia; rezar as orações que ela me ensinou; cozinhar as comidas que aprendi com ela; falar com as plantas como ela fazia; tudo isso me remeteu a um pertencimento de corpo-território em retomada que, de forma orgânica, foi passando a compor a minha dissertação também.

Sobre isso, escrevi melhor em uma carta para a professora Margaréte, a qual acrescento a esse texto.

Carta à professora Margaréte

Professora Margaréte,

Conheci seu trabalho com a colcha de retalhos (Berkenbrock-Rosito, 2009), por sugestão do meu orientador no mestrado que estou cursando. A primeira vez que ele me

¹⁵ “O espaço biogeográfico em construção” (Rodrigues, 2021a); “Autobiogeografia como metodologia decolonial” (Rodrigues, 2017); “Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais” (Rodrigues, 2021b).

¹⁶ A professora Manoela também fala em autobiogeografia incorporando uma dimensão geográfica e espacial às possibilidades de narrativa de si; o que, a meu ver, se costura bem com a noção de corpo território de Brulina Baniwa (2023) e Célia Xakriabá (2018), no sentido de reconhecer que a vivência de um território geograficamente localizado, muitas vezes, é limitada às condições geopolíticas vigentes num mundo desigualmente globalizado e, apesar disso, e por meio do corpo território, é possível encontrar pertencimento. No decorrer do texto, no entanto, opto pelo termo “autobiografia” para facilitar o entendimento.

¹⁷ Conhecer o trabalho de Manuela Cirigliano também me ajudou a nomear esse pensar – e escrever – com meu corpo. Manuela, em seu artigo “Quando o corpo é um só: sobre a construção de um saber localizado” (Cirigliano, 2022), narra o processo de construção de sua dissertação de mestrado, que, segundo ela, correu junto com seu processo de reconhecimento de si enquanto pessoa com deficiência. Sentindo seu corpo, Manuela se deu conta “de que não era uma mente que estava produzindo aquele estudo, mas um corpo. Quando digo isso, não quero dizer que me dei conta de que também havia um corpo atuando naquele momento além da minha mente. Em vez disso, o que aconteceu foi uma ruptura com o dualismo corpo-mente” (Cirigliano, 2022, p. 171). E, assim como ela, “a princípio, eu me via como um ser (alma/mente/espírito) que habitava um corpo” (Cirigliano, 2022, p. 173), mas, enquanto eu sentia, escrevia, pintava e costurava esse trabalho, mais ficava nítido que eu era o corpo. “Se eu sou corpo e se este não é apenas o receptáculo do que sou, tudo o que sinto, penso e falo sobre o “meu corpo” é, em última instância, o que sinto e penso sobre mim” (Cirigliano, 2022, p. 173).

indicou seu trabalho, passou despercebida, o que me surpreendeu, pois eu costumo ser muito atenta a essas indicações. E depois, quando ele me cobrou a referência, eu estava às vésperas da qualificação e não consegui te escrever da forma que eu queria. Digamos que, naquele momento, eu alinhavei sua teoria na minha colcha e agora, nessa carta, eu voltei para costurá-la melhor e mais de acordo com o entendimento que hoje eu tenho do meu trabalho e de como ele dialoga com o seu. E, pensando bem, foi bom que eu tenha conhecido a sua colcha só depois de entender melhor a minha, assim, a construção da minha colcha pode seguir seu próprio curso.

Eu queria te contar de como eu descobri a minha colcha de retalhos, como essa metáfora tão bonita foi se construindo para mim e do quão importante para o meu trabalho foi conhecer a sua colcha. Eu digo “sua colcha” para delimitar um contra ponto à “minha colcha”, mas sei que a “sua colcha” é um trabalho de construção coletiva, que envolve de forma inseparável a sua história e de seus estudantes.

Como professora, foi muito bom conhecer a sua história, ouvir o seu relato de fracasso, que se transformou num projeto tão inspirador. Foi muito bom ver que, de um aparente acaso, ou de um imprevisto pedagógico, surgiu algo tão rico. Como, da desobediência de estudantes, uma nova pedagogia se mostrou possível para você. É a magia da sala de aula acontecendo.

A colcha surgiu para mim em uma imagem, uma fotografia que evocou memórias da minha avó materna e remexeu a terra de um corpo-território ainda desconhecido de mim mesma. Ela fazia colchas e almofadas de retalhos e vendia de casa em casa pelas ruas de Ceilândia-DF, e, assim, inúmeras vezes, ela colocou comida em casa. Eu a ajudava separando os retalhos, lavando e picando as espumas que ela usava como enchimento, perfumando com Leite de Rosas as peças prontas e indo com ela algumas vezes vender. Eu só não aprendi a costurar tecidos. Está na minha lista de coisas a aprender.

Mas o que eu sabia, e não sabia que sabia¹⁸, era costurar retalhos de textos, de autores, de teorias... Eu não sabia que eu sabia, porque eu sabia de um jeito que eu ainda estava descobrindo, e achava que devia saber de um outro jeito. E, quando eu me lembrei das colchas da minha avó, eu consegui nomear o que eu estava fazendo. Eu estava escrevendo retalhos, estava costurando esses retalhos e utilizando retalhos de outras pessoas com as quais eu queria

¹⁸ Eu achei que Paulo Freire havia dito isso, eu anotei “eu sabia, mas não sabia que sabia” entre aspas, nas minhas anotações do livro *Pedagogia do oprimido*, mas, quando voltei no texto para colocar a citação correta, como meu orientador me sinalizou na revisão do texto, eu não encontrei. Baixei um PDF e usei até a ferramenta de procura e não encontrei. Eu mantive a frase no texto e retirei a referência, mas a mantenho aqui, porque ele não disse essas palavras, mas ele que me disse isso de alguma forma.

dialogar. Eu consegui visualizar a confusão de temas, assuntos e escritos, que eu julgava um caos, como uma colcha de retalhos, colorida, com pedaços e texturas diferentes, mas que compõem um todo, uma dissertação.

Eu não pude deixar de notar que, tanto no seu caso quanto no meu, a colcha de retalhos também foi se construindo aos poucos e envolvendo bem mais do que apenas o trabalho acadêmico. A colcha também te provocou a olhar mais fundo, te desafiou e te ajudou a construir um novo caminho. E foi muito bom ler seus relatos; e mais ainda ouvir sua aula junto com a professora Luciana¹⁹, porque ela também me ajudou a entender melhor outra dimensão do meu trabalho, que correu junto com a colcha, a dimensão das cores que compõem o meu trabalho por meio das aquarelas.

Vocês falaram, em certo momento da aula, sobre a composição de imagens na colcha de retalhos e mencionaram algo sobre os desenhos que me deixou bem pensativa, porque, de fato, eu parei de desenhar no final do Ensino Fundamental 1, daí em diante o aprendizado se deu com as letras, com as palavras. Eu parei de aprender a desenhar ainda criança e não sei desenhar além daquilo que eu desenhava quando menina e da mesma forma; como vocês comentaram que geralmente acontece na nossa escolarização, o meu desenho não seguiu se desenvolvendo como a minha escrita, ele parou no Fundamental 1. E, seguindo o curso das águas, eu me vi não apenas querendo como tendo a necessidade de me expressar por meio de desenhos, imagens, pinturas, colagens...

E foi aí que me surgiu a aquarela, uma intuição aleatória, uma oficina gratuita, uns exercícios online, e quando eu vi, a aquarela também se tornou uma forma de nomear meu meio de pensar e de escrever. A pintura em aquarela permite mistura de pigmentos diferentes de um jeito que faz surgir uma cor nova, da qual é impossível distinguir com clareza os pigmentos iniciais.

Isso foi acontecendo no meu trabalho. As teorias, autores, aulas, seminários, eventos, apresentações, tudo foi se misturando conforme eu escrevia, mas, essa fluidez eu não conseguia colocar exatamente em palavras, apenas em manchas, imagens e rabiscos que passaram a compor o meu trabalho. E, espero, que assim como aconteceu com sua colcha, eu consiga fazer dessas construções um projeto de autoria como professora.

¹⁹ A professora Luciana Dias Simões, com quem você fez uma conversa chamada “Colcha de Retalhos, experiência estética na narrativa autobiográfica”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NYUGb-pqBB8>. Acesso em: 27 jan. 2024.

Por fim, gostaria de me despedir, agradecendo pelo seu trabalho e dizendo da minha alegria em poder ter a possibilidade de conhecê-lo melhor. Quando o trabalho estiver pronto e aprovado, prometo te enviá-lo como outro agradecimento.

Com retalhos e afeto,
Ludmila

RETALHO 4: CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA E CONTRACOLONIAL

A imagem da colcha de retalhos passou a fazer parte do meu trabalho na IX Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (IX REACT), que aconteceu na Universidade Federal de Goiás (UFG), em novembro de 2023. Na ocasião, participei com um grupo de amigos²⁰ da apresentação de um trabalho chamado “Subvertendo a ‘Marcha para o Oeste’ e a mútua exclusão – trocando farinha e memórias enquanto tentamos sobreviver à capital modernista”.

Nosso trabalho fez parte do Grupo de Trabalho (GT) “Coletividades, imaginações e enfrentamentos diante da ameaça e das alterações de regimes de vida”, e, a exemplo do que aconteceu nesse trabalho, eu só fui (re)entender depois o que havia apresentado. Ali, eu confesso que estava daquele jeito que você, professor, identificou bem na qualificação: sem entender direito.

Diferente de mim, os demais integrantes do grupo entendiam bem o que estavam fazendo ali. Suas pesquisas e pertencimentos firmes me conduziram não só até a UFG, onde nos apresentamos, como ao (re)entendimento do meu trabalho, do qual agora lhe falo.

Na nossa apresentação, eu falei das coisas de Correntina-BA, que vivi em Ceilândia-DF com minha avó, sobre ler os Salmos, rezar para as almas aflitas, cozinhar, cuidar de plantas, cortar e costurar retalhos... E falei da ausência do que não vivi no rio (Xakriabá, 2018) e de como “as experiências” naquele grupo vinham me fazendo redescobrir memórias.

Coloquei “experiência” entre aspas porque queria marcar aqui um diálogo com seu texto sobre esquecer Larrosa (Matos-de-Souza, 2024). Lembro que um dia, em alguma reunião de orientação, você falou sobre esse texto. Eu me lembro de não ter entendido direito

²⁰ Natália Maria, Guilherme Peixoto e Bruno Lopes.

o que você havia dito e de ter falado algo como: “Mas como você coloca no título do trabalho algo que diz querer esquecer?”. Quando li seu texto, eu vi que foi um comentário sem sentido, porque eu, de fato, não havia ainda entendido o conteúdo que você escreveu, e havia me prendido à forma de que veria escrito em negrito no título do seu trabalho algo que você estava propondo que fosse esquecido. Eu não sabia nomear esse incômodo entre forma e conteúdo, essa aparente contradição que me provocou ao ler um nome como imagem, ou como cor.

Mas eu queria mesmo lhe dizer que as experiências que você evoca como sendo possibilidades de resistência às formas, aos modos ou ao todo do eurocentrismo (Matos-de-Souza, 2024) são, para mim, o jeito de nomear as experiências que eu vivi e vivo naquele grupo – que, aos poucos, venho conseguindo (re)entender como aldeia. São experiências que desafiam o meu sentir e o meu pensar no mundo; e também o meu escrever nesse trabalho, porque elas desafiam o que aprendi sobre quem eu sou, desafiam quem eu pensava que eu era, desafiam o que eu acreditava e o que achava que sabia, inclusive sobre mim mesma. E foi justamente buscando conseguir te escrever a carta teórica que eu entendi que essas experiências desafiadoras se inseriam em outros meios de pensar²¹. Os meios de pensar que também estão na academia como novas paisagens, como falei em algum retalho anterior, e que me possibilitaram costurar esse trabalho como uma colcha de retalhos, como aprendi com minha avó a fazer e com a universidade a situar²².

²¹ Utilizo “meio de pensar” partindo da explicação do professor Marcio Goldman (Centro..., 2023), que diz que essa expressão serve para falar tanto daquilo que se pensa, como o modo como se pensa, o que se faz ao pensar e, talvez, sobretudo, o ambiente no qual se pensa.

²² Em um artigo publicado em 2009, de autoria da professora Margaréte May Berkenbrock-Rosito, que se chama justamente “Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação”, ela fala um pouco das próprias experiências como professora e de como um momento de frustração com o seu fazer docente lhe trouxe a possibilidade de construir um outro caminho para seu trabalho e para sua escrita. Seguindo a sugestão de alguns de seus alunos, e inspirada em Paulo Freire (quem acredito que dispense apresentações; e quem foi orientador dela – eu achei isso incrível, pensar no Paulo Freire sendo o professor Rodrigo da autora), ela sistematizou a atividade que chamou de “Colcha de Retalhos” e que era literalmente a construção de uma colcha, com retalhos de tecido costurados pelos estudantes e nos quais as narrativas escritas que eles produziram de forma (auto)biográfica se tornam imagens pictóricas. Essa atividade, de certa forma, transformou a relação da professora Margaréte com seu trabalho e ela a relaciona com a formação dos futuros professores.

Quando li o trabalho dela, na fase de finalização do meu texto de qualificação, eu pensei em duas questões, sendo que a primeira delas seria melhor explicada com um meme que vi na página do Instagram @depredaposgraduacao. O meme traz a imagem de uma vaga de estacionamento aparentemente desocupada, mas que, na verdade, tem um carrão estacionado. O texto diz que ver a vaga desocupada é o pós-graduando achando que encontrou uma novidade e o carrão estacionado é alguém em 1980 que já escreveu sobre ela. E eu acho isso incrível, mas também assustador. Lendo o texto da professora Margaréte (Berkenbrock-Rosito, 2009), percebo que chegamos a uma metáfora bem semelhante, por caminhos e histórias completamente diferentes. E o que conheci do trabalho dela serve, não apenas de referência bibliográfica, como de inspiração. É um trabalho incrível, que veio bem antes do meu, que me trouxe referências que eu quero conhecer melhor e me aprofundar e que sei que vão deixar meu texto melhor. E isso é o que eu acho que existe de mais bonito na academia, essa conversa entre os textos, essa identificação com algo que outra pessoa nomeou. E é tão lindo quanto assustador, porque me faz pensar na autoridade que algumas ideias ganham e que as torna referência em algum assunto. E isso historicamente reproduz ideias que reproduzem desigualdades de classe, raça e gênero e suas interseções.

As letras que foram sementes plantadas em papel por Antônio Bispo dos Santos (2020) germinaram em mim como pequenas plantas que venho aprendendo a conhecer, cultivar e regar. E que também vem compondo esse texto, esse trabalho, esse mestrado e tudo o que o envolve.

E envolve tantas coisas. É uma colcha de retalhos mesmo. Ou uma aquarela de autores e autoria, na qual as fronteiras entre o que crio, o que aprendo, o que relembro, o que descubro, o que reconheço e o que produzo são fluidas como os pigmentos que se misturam de um jeito que se torna impossível distinguir as cores iniciais. E tudo isso se faz com a água, a água do Rio Corrente²³, no qual fui afogada de ausências não vividas. A água, que como disse Nego Bispo, “tem essa grandeza de transfluir através dos vapores, transfluir através da infiltração ou transfluir rompendo paredões. Ou seja, a força das águas é uma força que está em tudo, e assim está em todas as vidas, porque a água está em todos os lugares. Nas árvores, animais, pedras. Então as águas estão em todas as vidas e de uma forma fantástica. Estão nos movimentos e movimentam tudo” (Dorneles, 2021, p. 17).

E, diante disso tudo, e diante da fala do professor Marcio Goldman (Rede..., 2024b) no encerramento da IX Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, que se misturou com o seu texto sobre esquecer Larrosa (Matos-de-Souza, 2024) e com as dissertações de mestrado de Célia Xakriabá (2018), Brulina Baniwa (2022) e Daiara Tukano (2018), eu queria mesmo, nesse retalho de carta, te dizer que todo esse processo teórico e acadêmico que venho desenvolvendo, desde que fui aprovada como aluna no mestrado e como sua orientanda, está acontecendo, como você bem disse na nossa primeira reunião de orientação, junto com a vida. E você me disse, e cito de memória, que as coisas acontecem na nossa vida, pessoas nascem,

E isso me lembra de uma aula que o professor Rodrigo deu na UFG, na qual ele citou um grupo de pesquisadores indianos e deu um exemplo que era mais ou menos assim: “Leite, farinha e açúcar é mingau. Pois esses caras vão lá, misturam leite, açúcar e farinha do jeito deles e dizem isso é tal coisa, dão um nome”. E isso me lembra também das aulas de Etnocenologia (PPGCEN2700), com o professor Graça Veloso, quando ele disse que “Canjun” não é “ópera” chinesa; um “brincante” da Folia do Divino Espírito Santo não é um “performer”; a encenação da Via Sacra não é teatro e seus representantes não são atores. Embora um brincante, muitas vezes, precise concorrer a um edital de fomento de cultura popular se denominando ator ou performer. E relaciono essas aulas com essa nota sobre o trabalho da professora Margaréte, porque é um pouco como elaborei a minha falha em relação à sugestão.

Foi incrível encontrar um trabalho que me inspirou tanto e, ao mesmo tempo, foi assustador pensar que a qualidade do meu trabalho nessa prova depende também de saber o caminho que outras pessoas trilham até nomear algo de um jeito que eu também nomeei, mas tomando um caminho totalmente diferente. Contudo, encontro conforto para esse susto justamente no pacto acadêmico de integridade, proposto pela professora Débora Diniz (2020), no qual ela diz que não devemos temer escrever e que a leitura séria do texto pelos nossos pares vai mostrar a originalidade dele.

²³ O rio que é margem e meio e que utilizo como metáfora para falar daquilo que não alcanço com as vistas, como um mergulho na fabulação viva que me permite ter direito à memória, que também é o direito a invenção. Afinal, “a cada invenção da memória, resgatamos, criamos e projetamos novos alinhavos entre a cidade e o rio, de modo que seja possível, inclusive, fantasiar uma cidade outra” (Mariani; Mariani, 2024, p. 10), ou uma outra universidade, me permito acrescentar.

pessoas morrem, casais se formam, se transformam e se separam, a nossa vida acontece enquanto a dissertação também. E tudo isso aconteceu comigo, eu ganhei uma afilhada, perdi um tio materno, me separei, vivi experiências e momentos enquanto lia, escrevia cartas, assistia aulas, preparava apresentações e seminários, pintava aquarelas, assava bolos, cuidava de plantas e gatos e crianças, conversava com amigos, tentava pagar as contas e pagava algumas delas.

E, a sensação de incapacidade de separar esses processos, diante da necessidade de construir um texto academicamente válido que me acompanhou durante esses dois anos, foi justamente o que acabou se constituindo como o meu percurso metodológico, porque eu cedi ao processo criativo que me possibilitava escrever e essa escrita me trouxe até aqui, até essas cartas, que são a minha dissertação de mestrado. Eu cedi aos chamados do meu corpo-território ainda desconhecido e fui aprendendo o que estava fazendo e fui (re)entendendo tudo depois.

Eu te escrevi sobre isso em minha terceira carta, para justificar minha transgressão de te enviar mais um texto inacabado no lugar da finalização de um outro texto, como havíamos combinado. Naquela ocasião eu te escrevi assim:

Hoje eu sustentei te mandar esse texto novo e não o outro finalizado. E acho que isso aconteceu porque na semana passada, na Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia (IX REACT), eu falei da minha avó encomendadeira de alma de Correntina-BA. E das colchas de retalho que ela fazia e vendia nas ruas de Ceilândia-DF para comprar mistura para o almoço. Ela fazia almofadas também. E esse ofício das colchas e almofadas é parte de mim. Eu ajudava a separar os retalhos que ela ganhava das costureiras da rua, ajudava a lavar e a cortar as espumas que ela usava como enchimento.

As mesmas mãos que digitam esse texto lavavam enormes pedaços de espuma, restos de colchões imundos de indizíveis secreções humanas que as minhas sensações infantis não sabiam nomear, concentrada que estava nos milhões de bolhas que atravessavam meus dedos. Eu separava os retalhos ora por cores parecidas, ora por cores que combinavam, e me lembrei disso quando aprendi sobre círculo cromático nas aulas de aquarela. Meu círculo cromático eram os retalhos da minha avó.

Eu sempre era responsável por perfumar as almofadas. Colônia Alma de Flores ou Leite de Rosas, bastante, pra pessoa pegar e sair cheirosa.

Esses cheiros, esses tecidos, as rezas dela para as almas e sua fé na proteção das mesmas, eu falei sobre tudo isso no trabalho da REACT como ciência. E vi que a ciência valida como científicos os conhecimentos da minha avó, ao mesmo tempo em que a academia me traz a fala de Antônio Bispo²⁴ e seu dizer de não querer ser ciência não. O que ele faz não é ciência, são saberes orgânicos, palavras que germinam em encruzilhadas e que me fazem voltar a dialogar com a Antropologia como um fazer possível para mim. E essa fala me chega por meio de um professor num congresso acadêmico, que como homem branco e de prestígio me diz que ninguém nunca fez Antropologia sozinho e que foi o pensamento dos povos estudados que formou o pensamento ocidental.

E, agora, alguns meses depois, eu queria te falar do meu (re)entendimento disso e costurar/aquarelar teoricamente esse retalho na minha dissertação. Eu não falei das colchas da minha avó como ciência, porque classificar o saber dela como ciência é cair em uma das muitas armadilhas – do que o professor Marcio Goldman (Centro..., 2023) chamou de “mecanismos de neutralização”. A armadilha da equivalência. O “isso é ciência também” apaga justamente aquilo que as colchas da minha avó significam pra mim. E o que eu queria dizer. Porque, ao ouvir Nego Bispo dizer que não reivindica o lugar de ciência e Marcio Goldman se perguntar como a academia pode lidar com meios de pensar orgânicos, como o dele²⁵ – e como venho aprendendo que é o meu também –, com simetria em vez de equivalência, com igualdade em vez de reconhecimento, e com respeito em vez de tolerância, eu passei a me perguntar se meu trabalho e as experiências que o construíram não seriam o

²⁴ Na conferência de encerramento da IX REACT, o professor Marcio Goldman (Rede..., 2024b) leu uma carta para os participantes que me impactou muito. Nela, ele falava do impacto do pensamento de Antônio Bispo dos Santos na ciência e na universidade, mas ele ainda não disponibilizou o texto para publicação, de forma que eu ainda não tenho essa referência completa. Mas, na carta, ele cita um encontro dele com Bispo e de como ele repensou sua prática nessa troca. Esse encontro a que ele se refere está disponível no YouTube com o título de Palavras Germinantes (Centro..., 2023).

²⁵ Queria dizer que foi engraçado quando o professor Marcio chamou a “encruzilhada” de Nego Bispo de conceito, logo após ler uma resposta dele dizendo que a encruzilhada não é um conceito. Ele percebeu a contradição e foi um momento muito autoexplicativo de como realmente é difícil não ceder aos conceitos tradicionais e coloniais. Ele chamou encruzilhada de conceito e eu chamei o que eu fazia de ciência. Ele queria dizer que “conceito” não se aplica a encruzilhada de Bispo, mas caiu na própria armadilha e contradição de pensar as coisas como conceitos. Eu queria dizer que o meu saber era orgânico e não ciência, e, ao mesmo tempo, me precisando dela como autoridade e validação. E rir realmente me parece a melhor reação a isso, aquele riso de desespero mesmo.

meu jeito de rejeitar um projeto de academia cuja linguagem não me permite intervir, participar e existir plenamente, como você orientou no texto sobre esquecer Larrosa. E você ainda disse nesse mesmo texto que ele, de certa forma, nasceu dos questionamentos dos seus estudantes, que, imagino eu, organicamente questionavam as interdições à noção de experiência daquele autor.

Por fim, mais uma vez, produzo um texto que me deixa em dúvida sobre o que você me pediu. O conteúdo, a teoria. Está bom o suficiente? Dessa vez eu acertei? Ou estou acertando, visto que ainda falta um retalho?!

E, antes de passar a ele, gostaria de me despedir, posto que, depois de todo o meu esforço até aqui, eu me permiti falar do tema do silenciamento e da violência sexual em uma carta endereçada a uma mulher, a professora Gloria Anzaldúa (1942-2004), como uma resposta à sua carta a jovens escritoras do sul global, conforme sugestão preciosa da professora Manoela.

Dirigir-me à professora Gloria e responder a sua carta me parece um bom jeito de encerrar esse capítulo teórico-metodológico, escrevendo da forma que eu tentei defender que faço, nesse meu processo que envolve a produção desta dissertação: costurando e aquarelando letras, cores e autores.

RETALHO 5: VIOLÊNCIA SEXUAL E SILENCIAMENTO

Querida Gloria,

Sento-me aqui, à sombra de um Marabu, no gramado em frente à biblioteca da minha universidade, computador sobre as pernas, procurando imaginá-la. Eu te escrevo quarenta e quatro anos depois da sua carta; te escrevo enquanto aguardo, na farmácia de alto custo lotada, a minha vez de pegar o medicamento da minha filha; te escrevo no meu quartinho de estudos, que enchi de plantas, pinteí com três cores e coloquei tijolinhos de gesso que fiz, um a um, ao longo dos últimos dois anos – que coincidem com minha separação e minha entrada no mestrado; te escrevo dentro da biblioteca, repleta de livros e silêncio, enquanto chove e enquanto carrego o computador; te escrevo na rede acima da minha cama onde dormem duas lindas meninas e duas gatas aninhadas nelas, depois de um dia de casa cheia e páginas vazias que eu quero escrever; te escrevo à mão, em um caderno que deixo em cima da máquina de lavar, enquanto preparo o lanche da minha filha e de mais cinco meninas que cuido uma vez por semana, numa troca com as mães delas, que também cuidam da minha, ou no parquinho,

enquanto elas brincam. Como é difícil para mim pensar que posso escolher ser escritora, mas como tem sido bom sentir que eu posso.

A idade do primeiro abuso sexual que vivi coincide com a idade em que li meu primeiro livro, nove anos. Eu não sei ao certo o que aconteceu antes e o que aconteceu depois, mas desde então, o meu corpo e a minha escrita sentiram os impactos disso. Ainda criança, por volta de uns onze anos, eu escrevi e desenhei um livro, no qual um leão enfrentava vários desafios para proteger e salvar a floresta e, no final, todos os animais descobriam que o leão era, na verdade, uma leoa com uma juba de galhos e folhas secas que ela teceu como disfarce. E os animais só descobriam isso, quando, no final da batalha e do livro, a leoa paria dois filhotinhos. Aos quatorze anos, escrevi uma redação na aula de História, na qual eu rabisquei de uma reportagem a parte que falava sobre a morte de Anne Frank e continuei algumas páginas do seu antigo diário, como se eu fosse ela, já bem idosa, falando sobre o mundo que viveu e que vivia. Aos vinte e poucos anos, eu escrevia em um blog de noivas, no qual falava de forma escondida, mas não anônima, de vestidos e flores, mas também de dores e medos. Mas, fora isso, eu sempre escrevi, diários, cartas, poemas, contos... só que escolhi lhe falar dessas experiências porque, nesses momentos, a minha escrita foi validada, tanto pela minha prima mais velha (para quem mostrei o livrinho) quanto pelo professor da escola e pelas centenas de mulheres que seguiam meu blog.

Hoje, aos trinta e nove, estou escrevendo a minha dissertação de mestrado, num programa de pós-graduação em Direitos Humanos, na Universidade de Brasília. E essa carta que te escrevo faz parte do meu capítulo teórico e metodológico, do retalho sobre violência sexual e silenciamento. Eu reli várias vezes o trecho em que você diz por que você escreve e tentei fazer um com os meus motivos para escrever essa dissertação, mas não passei do primeiro: eu escrevo porque fui estuprada. Todo o meu trabalho começou com a necessidade de falar “disso”²⁶, de reivindicar, de alguma forma, uma emancipação frente ao lugar de dor que aquelas memórias de violência me traziam.

E, comigo, também aconteceu aquilo que você disse em sua carta que amava quando acontecia contigo: a escrita me surpreendeu e me chocou, revelando partes de mim que eu

²⁶ Na graduação, eu apresentei um trabalho chamado “Quando é preciso falar disso: a violência sexual contra crianças e seus significados na fala de profissionais que lidam com o tema”. Na época, eu era atendida por uma psicóloga que disse que sempre que eu falava sobre a violência sexual eu usava os termos isso, disso, aquilo. E esse trabalho foi também a primeira vez que falei de uma forma mais pública sobre a violência, e foi também, nesse dia, que consegui ter a primeira relação sexual consensual da minha vida. Encontrei essa apresentação disponível online (IPTV USP, 2008). A minha fala começa em 1:09. Foi um misto de sensações rever esse momento, aquela Ludmila tão novinha me fez lembrar muitas coisas, daí vieram algumas aquarelas.

mantinha em segredo de mim mesma. E eu precisei ancorar o meu corpo em rituais que, aos poucos, foram se tornando também o meu trabalho, ou, talvez, sempre tenham sido.

O que você chamou de distrações, hoje, eu entendo como meu corpo construindo esse trabalho. Comer uma torta de maçã, no seu caso, ou um bolo de banana, no meu, parar, levantar, pintar, esvaziar o lixo, cozinhar, chorar, sentir, sentir dor e prazer; o que escrevo é construído assim, com tudo, nessa mistura. Eu escrevo com aquarelas, como quem pinta; com retalhos, como quem costura; e com cartas, como quem quer contar algo.

Escrever essa dissertação me levou a confrontar meus demônios de silêncio e dor, exorcizando-o das minhas canetas e do meu teclado; e justamente porque ela não se criou apenas no meu papel, mas no meu interior, nas minhas vísceras e nos meus tecidos vivos. Na escrita que você chamou de orgânica. Assim como Nego Bispo chamou o saber dele e que fluiu, como fluem as águas, nos territórios e no meu corpo.

Obrigada pela carta, Gloria, e que de alguma forma essas palavras te cheguem, amém.

Agradecida, Ludmila

3 CARTAS PARA MEU ORIENTADOR

PRIMEIRA CARTA

Essa carta foi, ao mesmo tempo, o trabalho final da disciplina Seminário de Leitura 2: Narrativas, Autobiografia e Histórias de Vida (PPGEP2231), ministrada pelo professor Rodrigo Matos de Souza, cursada no primeiro semestre como aluna do mestrado; e também um texto que surgiu da primeira orientação que tive com ele, na qual ele me pediu que escrevesse a história sobre violência sexual que eu queria contar.

É importante dizer que essa carta foi o primeiro trabalho que entreguei para meu orientador e ele, de certa forma, contém os embriões do que hoje, dois anos depois, se constitui como essa dissertação. Depois dele, eu fui percebendo que o meu processo de escrita autoral segue um estilo que, a princípio, me parecia completamente caótico, mas, igualmente instigante, tanto intelectual quanto artística e emocionalmente. E, aos poucos, eu fui identificando alguns padrões, relacionando as referências e nomeando melhor as coisas, mas sobre isso eu vou falar melhor na carta de conclusão ou breve despedida.

Samambaia-DF, 23/01/2023

Professor Rodrigo,

Começo essa carta com as perguntas que me faço todos os dias depois da nossa última orientação – que, inclusive, também foi a primeira. Onde começa uma história? E como começar a contá-la? A história começa quando um fato específico acontece? (No meu caso, a história começa no dia do primeiro abuso, mesmo que eu não me lembre ao certo dele?) Ou a história começa quando a gente se dá conta de que viveu, no passado, um fato marcante, digno de ser o momento inaugural daquilo que a gente é hoje? Uma história sempre começa no passado?

Onde começa essa história eu ainda preciso pensar para escrever, mas, como eu quero começar a contá-la eu já sei. Preciso começar dizendo que fui estuprada.

Eu poderia não te dizer qualquer coisa sobre mim mesma que eu quisesse. Eu poderia escolher os pontos de vista sobre mim mesma que quero te mostrar. Eu posso te revelar ou não as minhas posições políticas. Eu posso

te falar ou não sobre meus relacionamentos ou sobre o meu coração. Eu posso não te deixar ver meu corpo nu ou posso me deitar contigo. Eu posso ser tua amiga. Eu posso te mostrar meu lado mais inteligente. Eu posso rir contigo em tardes ensolaradas de compromisso nenhum. Eu posso fazer tua comida e te negar um jantar. Eu posso te contar das minhas dores e chorar na sua frente. Eu posso ser sempre forte e seu alicerce. E tudo isso sou eu. Sou eu se você que me lê se viu em vários desses aspectos ou se você se viu em apenas um. Sou eu se só o que você conhece de mim é minha escrita e sou eu se já dormi no teu colo depois de chorar.

Mas, tudo isso eu poderia dizer ou não, mostrar ou não. Tudo isso eu poderia escolher e decidir a quem e se vou demonstrar. Posso escolher a intensidade da nossa relação. Posso decidir se seremos conhecidos, colegas ou amigos. Se amantes ou cônjuges. Ou você pode ser alguém pra quem eu escreveria sempre “conje”, por ter certeza de que você entenderia a piada com (sobre, do?) o Sergio Moro e não pensaria que eu não sei escrever a palavra. E eu posso não decidir nada e ser devorada por você.

Tudo isso sou eu. Todas essas podem ser nossa relação. Mas o que eu não posso deixar de te dizer e que preciso que você saiba sobre mim é que eu fui estuprada. Se você me conhece, me lê, se relaciona comigo, me admira à distância ou tem ranço de mim. Se você é alguém que por qualquer motivo e de qualquer maneira me conhece e se relaciona (ou já se relacionou) comigo, você precisa ouvir: eu fui estuprada. Saiba disso. Lembre disso. (Eu ia dizer que nunca se esqueça disso, mas eu não posso decidir suas memórias.)

Mas eu preciso dizer: fui estuprada. Sofri essa violência. E não foi uma única vez. E nem por apenas um homem. Eu já não posso mais viver sozinha com o meu silêncio sufocado e eu preciso dizer assim, num manifesto restrito de palavras, que eu fui estuprada. E que isso chegue aos quatro ventos. Para que eu não precise mais viver presa no silêncio sobre isso que me cerca.

Eu preciso gritar o meu grito e o de milhões que ainda não conseguiram gritar. Eu levei 27 anos para isso. Não precisa fazer as contas. Na primeira vez, eu tinha 9 anos.

Então está dito. Assim, gritado, escancarado, exposto e vexatório. Extremo. Um grito mesmo. Sufocado durante 75% da minha vida inteira. Eu não sei pensar matematicamente, mas esse valor é relacional. Hoje eu tenho

36 anos, 27 deles com a dor de ser abusada. Ou seja, 75% da minha vida foi vivida com a dor da violência sexual. Esse percentual só aumentaria. Na violência sexual, a matemática é inversa, quanto mais o tempo passa, mais longe o acontecido fica, porém, mais tempo eu passei vivendo silenciando isso. E o silêncio é um elástico sempre puxando a dor para perto. Aos 55 anos, eu teria passado 83% da minha vida sufocada. E aos 90, se assim vivesse, teria passado 90% deles sufocando uma dor.

Como é possível que a dor de ser estuprada aumente com o passar do tempo à medida que ela fica mais longe? Porque, nesse caso, estar mais longe cronologicamente da violência sofrida, te acrescenta mais anos e cargas de silêncio. O alívio da distância é diretamente proporcional ao sufoco (de sufocamento) do silêncio. Quanto mais longe, mais tempo em silêncio, e, quanto mais tempo em silêncio, mais dor. Eu não acredito que estou explicando assim, mas é isso, é matemática. Quanto mais o tempo passa, mais tempo eu passo calando a minha dor. E chega de carregar sozinha a dor do silêncio.²⁷

Esse texto eu escrevi ao longo do processo de escrita da proposta de investigação submetida ao processo de seleção do mestrado no PPGDH/UnB. Eu o escrevi como um grito. Como um grito que passou muito tempo preso e não sabia mais gritar. Escrevi como se fosse um post para uma rede social, embora jamais eu o tenha postado. Mas, enquanto eu escrevia, eu imaginava as pessoas lendo aquilo, absorvendo minhas palavras, se chocando ou se comovendo com elas. E, de alguma forma, aquilo me aliviou.

E, por isso, eu escolho começar a história dizendo essas palavras: fui estuprada.

Dito isso, eu chego a pensar se ainda existe mais alguma coisa a ser dita.

Mas, eu precisava fazer um trabalho para te entregar na disciplina de Seminário de Leitura 2 e eu não conseguia decidir o que fazer porque as perguntas (Onde começa essa história? Como quero começar a contá-la?) não saíam da minha cabeça. E, todos os dias, desde a orientação, eu me interroguei sobre elas, sem, no entanto, saber como respondê-las. Eu te escrevi algumas cartas nesses dias.

²⁷ Esse texto faz parte de um arquivo de umas trinta páginas de texto que escrevi ao longo de uma semana, prazo que eu tinha para escrever parte da proposta de investigação que submeti na seleção do mestrado. Esses textos são bastante pessoais, de forma que eu não me sinto confortável em compartilhá-los integralmente como apêndice.

Eu te escrevi algumas cartas nesses dias.

ISSAS CARTAS SÃO FOTOCÓPIAS PORQUE QUANDO COMECEI A ESCREVÊ-LAS
EU AINDA NÃO SABIA QUE USARIA ELAS AQUI ENTÃO NÃO TIVE
O CUIDADO DE FAZER CADA UMA EM UMA PÁGINA SEPARADA.

17/01/23

Boa tarde, professor Rodrigo, tudo bem?

Estou agora em um minicurso sobre técnicas de entrevistas na investigação sobre racismo e tranquilidade e acredito que vai ser importante para a minha dissertação.

O professor Sérgio Pereira da Jantar trabalha com narrativas de vida de pessoas negras e laranças em diversas situações de prestígio. E, ouvindo os relatos dele está me fazendo refletir sobre várias coisas.

Tem horas, professor, que parece que eu não sei de nada, que mistura tudo na minha cabeça e parece que tudo deu um nó. Mas é tão lindo também ir desfazendo esses nós. Tecendo tranças. Construindo tramas e tecidos.

Eu estou feliz demais em ter tempo e condições para fazer isso mesmo em meio ao caos. Hoje eu quase não conseguia vir porque preciso levar minha mãe no neurologista, ela tem Alzheimer e está com problemas no trabalho, mas estou aqui, deu certo.

Eu estou feliz demais com esse mestrado, professor, sério, poder estudar é bom demais.

Onde começa essa história e por onde eu começo a contá-la?

Essa pergunta serve.

Lucinda

19/01/23

Rodrigo,
faltando 8 dias para a data de te entregar
o trabalho final da disciplina eu finalmente
sentei para escrever e estou aqui tentando
me convencer de que esse é o meu processo de
escrita, que estou construindo e conhecendo
e não uma procrastinação acadêmica vulgar.

É isso é muito difícil porque me falta autoesti-
ma e decolonização. (OBS Isso estava na minha
monografia e na minha defesa na graduação).

É muito difícil acreditar que, sendo eu tão
colonizada, estava pensando de forma decolonial
em 2009.

Eu penso, imediatamente, que deveria mostrar
que sei conceituar e situar bibliográfica e teórica-
mente o pensamento decolonial.

Então hoje eu estou te escrevendo para te dizer que eu sigo em conflito com esse processo de escrever. Essa carta deveria ser sobre o trabalho da disciplina mas eu não consigo parar de pensar nas perguntas que você me fez: onde começa uma história? Por onde você quer começar a contá-la? E, que história é essa?

Acho que essa carta provavelmente vai ser o início do meu trabalho da disciplina de Seminários de Leitura.

É agora eu preciso pesquisar direito como se faz um ensaio ou outro tipo de texto acadêmico, para saber se isso que estou escrevendo haverá de se aproveitar.

É impossível não me sentir ridícula e essa palavra resume como me sinto a maior parte do tempo diante de você. Academicamente ridícula.

Escrever, ^{autobiograficamente,} sobre o processo de escrever meu 12º trabalho acadêmico no mestrado.

↳ Usar essas cartas coladas. Respeito c/o original.
↳ Nas cópias acadêmicas serão pto das cartas.

↳ Isso não faz parte da sua carta, é pra mim. Normalmente eu separo mas agora não consegui.

E, essa carta é sobre ^{como} a orientação para a dissertação que você me deu dia 13/01, (sexta-feira '13) fez nascer o meu trabalho da sua disciplina.

É agora eu já sei qual é o meu trabalho. E hoje eu fiz uma meditação numa fonte, pedindo (em outras palavras) força e inspiração.

(As minhas palavras foram: que eu consiga escrever um bom artigo na disciplina do Rodrigo).

Já sei qual meu trabalho e agora vou fazer. Ah, esqueci de dizer que gastamos exatamente 8 emails para marcar a minha primeira aula de orientação. É isso definitivamente é um dedo no olho a nossa comunicação, mas eu ainda não sou capaz de interpretá-lo, uma vez que ele já foi ^{por mim} construído.

E me dá a insegurança de você me responder tudo em branco nas minhas folhas e dizer que sequer há o que comentar além de: isso não ~~serve~~ ^{vale} de nada. Isso não serve de nada para você fazer uma dissertação e não tem nada a ver com nada. Você é louca. Melhor.

A urônia diz: força e desespero.

E, para começar a escrever esse "prato tinto", eu estou precisando fortemente não ouvir a voz que me diz o tempo todo que eu não deveria estar no mestrado na UnB, que eu não sei escrever e não tenho nada a dizer além de bobagens sem sentido.

E, até escrever essa carta (até aqui); eu parei umas 4x. Mandei uma prima com prebendas com o pai ^{o telejornal} de os pais, chequei meu email, perguntei o pai da.

queria
desista, minha filha, se ela dormir na casa
dele ^{com ele} ou na minha casa. E também, reli o email
que enviei para o professor Sérgio da UFMT. E
via whats app. Fa tu saber que eu tenho
~~o~~ TDAH praticamente diagnosticado?
Para não ter exageros, escrevo aqui.

Nessas cartas, fica claro o quanto o processo de escrever academicamente é difícil e complexo pra mim.

(E, no exato momento em que escrevi a frase anterior, eu pensei em colocar um “pelo menos pra mim” entre vírgulas, após o “fica claro”. Pensei nisso porque o “fica claro” me pareceu presunçoso. Afinal, quando você ler isso pode não estar claro pra você. Mas mantive a generalização) (E, enquanto te escrevia o parêntese anterior, eu fiquei me perguntando se deveria escrever “frase” ou “oração” anterior naquele contexto; uma vez que me vi classificando a função sintática de “o processo de escrever”. É verbo? É sujeito? É substantivo? Optei por manter “frase”, porque me lembrei de algum professor ou professora dizendo que “toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração”).

E, enquanto escrevo agora, percebo o quanto eu duvido de mim e das coisas que posso fazer. Duvido que seja capaz de escrever um trabalho na academia e duvido ainda hoje que consegui passar no mestrado.

O processo de seleção no mestrado foi um grande desafio pra mim, em todos os sentidos. Eu me sentia emocional, espiritual e fisicamente esgotada, vulnerável e cansada. Mas, estranhamente, alguma coisa em mim queria muito esse mestrado e essa coisa foi se enraizando até eu não conseguir mais parar. E passar.

E, aqui estou, na Biblioteca Central (BCE), escrevendo (“ou tentando escrever?” olha a dúvida aí de novo) meu primeiro trabalho no mestrado.

Em aula, eu tomei nota de todas as informações que você passou sobre esse trabalho. No primeiro dia, 11 de novembro de 2022.

(E eu queria ressaltar que esse dia é um portal, mas sei que isso é anticientífico; por isso, coloco essa informação nessas notas extras entre parênteses e me pergunto se facilitaria a compreensão se essas notas extras fossem feitas como notas de rodapé, mas decido manter e pensar nisso depois. E, me questiono também sobre o lugar dessas notas extras na minha escrita. De alguma forma, eu estou escrevendo sobre aquilo que queria escrever, mas não posso; e, de outra forma, estou escrevendo sobre aquilo que eu poderia escrever, mas não quero. E um exemplo disso é que pensei em escrever que, além de “anticientífico”, eu queria classificar a informação do portal como coisa de jovem místico. Mas aí me vi pensando se eu me enquadraria na categoria jovem, uma vez que já tenho perto de quarenta anos, e comecei a pensar sobre envelhecer, sobre ser uma mulher velha²⁸, e aí decidi parar de pensar para não me perder, e, assim, optei por não escrever que falar de portal é coisa de jovem místico para não ter que pensar – e escrever – sobre ser uma mulher envelhecendo e sobre tudo o que isso

²⁸ Li *Bens Imobiliários*, de Deborah Levy (2022), e pensei muito sobre essa questão de envelhecer.

implica. E eu não escrevi lá, mas escrevo aqui. E ganha mais um ponto a ideia da nota de rodapé, e vem também a ideia de que, eu optando pelas notas de rodapé, essas primeiras vão continuar assim e, a partir do momento em que eu decidir, as próximas notas extras serão em rodapé. [E lembrei de um trabalho que você citou na aula do dia 24 de novembro, cujo texto é a história de vida e a teoria está nas notas de rodapé, mas eu não consegui anotar a referência e depois me esqueci de perguntar, você poderia me passar?²⁹] E me pergunto onde vão entrar as referências teóricas no meu texto, ainda que sem ser em forma de citação direta, que você disse odiar. Mas eu sei que aqui tem Grada Kilomba³⁰, tem Rodrigo Matos de Souza³¹, tem Tatiana Salém Levy³², tem Conceição Evaristo³³, tem Debora Diniz³⁴... Mas, assim como essas palavras são cheias desses autores e suas teorias, elas também tem em si cartas, ligações e áudios infinitos com a Paulinha, tem disputas e embates imensos com a Natália, tem carência do colo da minha mãe, tem o cheirinho da Clarissa, tem o gato sempre deitado do meu lado quando eu escrevo em casa – agora já é noite e saí da biblioteca –, e tem o medo que eu sentia quando saía da biblioteca à noite e ia pra casa de ônibus durante a graduação e do medo que eu senti num beco escuro.)

E eu preciso reler tudo para me lembrar de que queria te dizer sobre as minhas notas de aula acerca desse trabalho. No dia 11 de novembro de 2022, você disse que era um artigo de dez páginas e, jogou de leve, arqueando o rosto para a lateral e com um sorriso de canto, que “nada impede que seja outro tipo de texto acadêmico”. E disse que a data de entrega era

²⁹ Você me passou essa referência, se chama *The Polish Peasant in Europe and America*, de William I. Thomas e Florian Znanieck (1996), mas eu não li, acabei deixando para depois, por ser em inglês, e minha leitura não ser tão agradável nessa língua. Mas eu li um artigo de Aryadne Bittencourt Waldely (2018) que fala sobre a forma como esse artigo pensa a migração utilizando cartas migrantes poloneses e de seus familiares.

³⁰ Li *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba (2019), no primeiro semestre do mestrado e me encantei com a escrita da autora que conseguiu fazer um texto bom de ler, mesmo com um tema tão doloroso: o racismo. Ela intercalava trechos de relatos de “racismo cotidiano” de suas entrevistadas com suas considerações sobre o tema, porém os trechos selecionados junto com o título sozinhos já seriam um livro para mim, e foi assim que eu li. Interrompi a leitura contínua e cedi à vontade de ler primeiro os relatos e só depois li o texto completo. O texto da Grada me provocou principalmente quando ela questiona a falsa ideia de sororidade enquanto uma ideia de universalidade entre mulheres, visto que mulheres negras acabam por ficar de fora desse pacto. E, como uma mulher branca, tem sido um desafio identificar em mim e no meu texto a cumplicidade com outras mulheres brancas que Grada se refere em sua obra.

³¹ Da pergunta inicial desse texto à orientação de todo esse trabalho.

³² *Vista Chinesa*, de Tatiana Salém Levy (2021), foi uma das indicações que esteve presente durante toda a construção desse trabalho. Foi sugestão da professora Ana Carolina Cerqueira Medrado e quando li foi como se alguém tivesse escrito um livro do jeito que os pensamentos aparecem na minha cabeça. Além da forma como foi escrito, o livro da Tatiana traz uma história real de uma mulher que foi violentada sexualmente.

³³ A escrevivência de Conceição Evaristo (2017) é fonte de grande inspiração neste trabalho. Ela escreve como quem nasceu rodeada de palavras e propõe uma escrita que contempla isso. A descrição dela, de conversas em um ambiente familiar no qual as histórias são interrompidas, dramatizadas e questionadas por alguém que diz que não foi daquele jeito não, e que ela imprime em sua escrita, é fonte constante de inspiração para mim.

³⁴ *Cartas de uma menina presa*, da professora Debora Diniz e da jovem Talia (2018) é um trabalho cuja sensibilidade me conquistou. O livro traz as trocas de algumas cartas entre a pesquisadora e uma adolescente internada no que Debora, muito corretamente, chama de cadeia, embora legalmente seja impossível uma adolescente ser presa no Brasil.

dia 06 de janeiro de 2023. (Nota extra: você deu um prazo tão curto por pura maldade acadêmica, eu imagino. E percebo que, a partir de agora, esses “pensamentos/escritos intrusos” serão sinalizados como “Nota extra:”.) Nas aulas seguintes, algumas estudantes pediram mais informações sobre o trabalho, pediram mais direcionamento, mais regras, algo mais limitado, e você foi evasivo, irônico e divertido ao responder sem dizer nada do que elas queriam saber.

No último dia de aula em sala, 16 de dezembro de 2022³⁵, eu estava numa sexta-feira à noite num boteco na Asa Norte, com um monte de gente inteligente e com o meu orientador, e penso no quanto isso parecia algo completamente inimaginável até alguns meses atrás. Você deu mais algumas informações e tranquilizou um pouco a turma. Disse que poderíamos “usar a criatividade porque existem muitas formas de fazer pesquisa autobiográfica”. Disse que poderia ser um ensaio ou outro tipo de texto acadêmico, entre 7 e 10 páginas. Disse que deveríamos te enviar por e-mail no dia 27 de janeiro de 2023. E, desde então, eu não pensava em outra coisa a não ser no que escrever para esse trabalho. Até o dia da minha primeira orientação, 13 de janeiro de 2013, dia no qual passei a pensar “Onde começa essa história? Como você decide começar a contá-la?”, e é aí que essas escritas se juntam.

³⁵ NOTA EXTRA: Me lembrei que esse dia foi a confraternização da turma e eu me dei conta de que foi a primeira vez que eu saí, após dez anos de casada, num relacionamento no qual eu me perdi quase que completamente de mim. E me vi pensando que precisava dizer que meu casamento não era tão ruim e que eu não sofri nenhum tipo de violência dessas mais óbvias e recorrentes. Sinto que preciso dizer que, no meu casamento, eu não fui tão violentada assim, porque eu não apanhei, não levei grito, não fiquei em cárcere privado, não fui estuprada. Mas aí me lembro que talvez eu tenha sido. E me obrigo a parar de pensar.

13 / 01 / 23

Oi, professor Rodrigo, podemos conversar? Hoje teremos a nossa primeira reunião e tem algumas coisas que eu gostaria de te falar mas não sei se vou conseguir, nem se vale, nem se terei a oportunidade... mas faz parte do meu processo escrevê-las.

Começo dizendo que questiono o tempo inteiro a minha capacidade de estar aqui, como aluna do mestrado no PPEDH/UnB e sua orientanda. É zico me achando inadequada o tempo todo, e, isso inclui essa carta e essas vírgulas entre o "e" que eu não sei se estão corretas. É muito ruim me sentir o tempo inteiro tão inadequada e ao mesmo tempo não agir diferente por não ver sentido. Eu sei que essas são questões para minha terapia e estão lá, mas de alguma forma elas também estão aqui.

Eu queria te dizer, professor, que eu queria fazer um livro longo de memórias, das minhas memórias, e escrever sobre o processo dessa escrita. Eu não sei como foi que vim parar aqui e eu não sei se sou capaz ainda de falar sobre narrativas, (auto)biografias e memórias ou só de apenas tentar fazer a minha.

Pode ser narcisista, eu sei, e é, mas eu não sei de que outra coisa eu poderia falar uma vez que não consigo me desligar do caráter ritual que a escrita tem para mim.

Eu queria analisar meus escritos (cartas, diários, mensagens, posts...) e, a partir daí, construir um espaço de fala acerca da violência sexual e do silêncio

que a envolve.

Acabei de te ver passar de guarda-chuva azul e de, novamente, me sentir inadequada porque eu estou aqui escrevendo para você sem saber se isso cabe aqui nesse metrô que eu ainda me pergunto como passei.

15.01.23 - 18:53 h

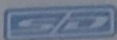
Interrompi a carta ontem porque você me chamou para começar, alguns minutos antes das três.

É, depois da orientação aquela carta até perder a direção. É outra vai começar.

15.01.23 - 18:55 h

Olá, professor Rodrigo,

Essa carta tem início com meu agradecimento por você ter sido tão perfeito na orientação de ontem. Preciso e perfeito. Até nos meus incômodos. Me incomodou você falar de suicídio não se lembrando que o meu pai morreu assim, uma vez que essa informação está na minha apresentação de candidatura do processo de seleção.



Desse momento veio a lembrança da terapia
e de quanto esse tipo de expectativa arruina
valiações.

E eu te escutei me explicar sentimentos rela-
cionados ao suicídio como se eu não os conhe-
cesse. Sem se lembrar.

A orientação de ontem não poderia ser
mais precisa ou perfeita.

Onde eu começo a contar essa história?

Onde? Onde estou hoje? Onde já estive?

Como essa história começa?

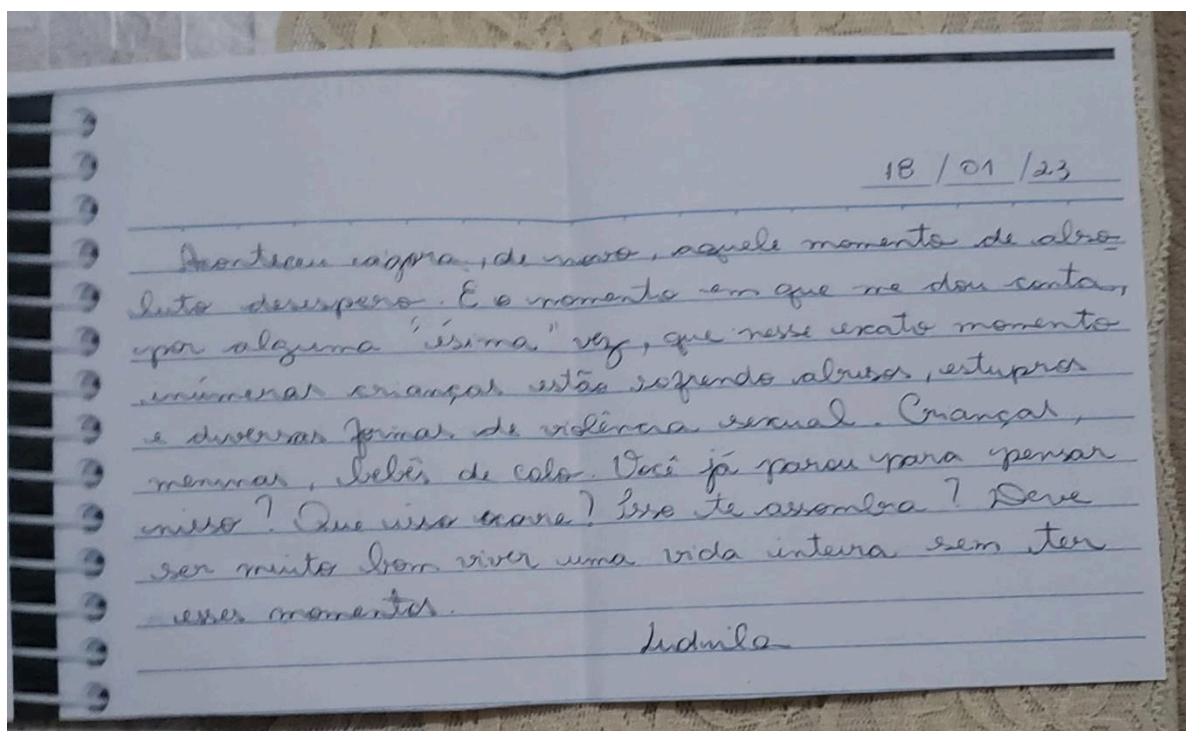
Muito obrigada por aceitar a proposta,
professor.

Leandrinho

Nessa carta, eu estava bastante ansiosa, não sabia como era uma reunião de orientação nem o que esperar ou como me preparar para ela. Eu deveria te falar como eu queria fazer minha dissertação? Eu deveria te ouvir me falar o que eu deveria fazer? Eu devia te fazer perguntas específicas? Quais?

Eu resolvi, então, te escrever uma carta antes, para, como agora você pode ler, te dizer coisas que eu queria falar e não sabia se teria oportunidade ou se conseguiria. E o resultado da minha primeira sessão de orientação não poderia ter sido melhor; foi preciso e perfeito. O que não quer dizer, nem de longe, que o que você me apresentou ali seja fácil. Definitivamente não é.

Tanto não é fácil que eu precisei transformar as suas perguntas no meu trabalho da disciplina de Seminário de Leitura 2. E, sendo assim, esse trabalho é, portanto, sobre o meu processo de escrita acadêmico e sobre como ele é caótico e confuso, e sobre como isso está ligado com o fato de que eu fui estuprada. Por mais de um homem. Mais de uma vez. Em diferentes momentos da minha vida. E com o fato de que eu preciso falar isso ao mesmo tempo em que eu odeio precisar falar e eu odeio que isso tenha acontecido e eu não queria nunca escrever sobre estupro e sobre como eu queria que essa palavra não existisse na face da terra porque não precisaria se inventar uma palavra para nomear algo que, de tão medonho, nem deveria existir. E a carta de 18 de janeiro de 2023 é um assombro e um pouco sobre isso.



Então, aqui chegamos exatamente no ponto do que é esse trabalho. Esse trabalho é uma reflexão autobiográfica sobre o meu processo de escrita acadêmico – sendo eu uma mulher vítima de violência sexual – feito em forma de carta e que usa como fonte (ou como dados) as cartas que te escrevi desde a véspera da minha primeira orientação.

Esse trabalho dialoga com o direito à fala como um direito humano, com uma ideia, por vezes abstrata, de que a emancipação por meio da palavra no ambiente acadêmico deveria ser garantida a todos aqueles que a desejassem, como forma de justiça e reparação decolonial. A nossa sociedade, no âmbito acadêmico, só escuta os privilegiados o suficiente para estar nela. E a ideia era que os “subalternos” lá não estivessem. Porém, aqui estamos. Porém, aqui eles estão. E precisamos ser ouvidos. E precisamos os ouvir. E eu reivindico um lugar onde seja possível eu ter uma titulação acadêmica sem ter que cortar tudo o que me deixa feliz de estar, finalmente, no mestrado.

Hoje à tarde, enquanto escrevia esse trabalho, eu me senti profundamente feliz em poder fazer isso, em poder escrever assim, em você ter aceitado a minha ideia de te escrever cartas, e eu tinha um desejo enorme de que você pudesse gostar do que escrevo. E, agora à noite, eu já tenho medo e me pego anotando a quantidade de vezes que pensei que você não ia gostar.

Escrever é complicado demais pra mim. Eu sinto ânsia de anotar tudo, de não perder nada, de registrar cada pensamento como parte do processo. E, nisso, saio fazendo notas, escrevendo cartas, anotações em diversos cadernos, e cada caderno por um motivo.

Eu estava dizendo que tenho uma ânsia de não perder nada, saio anotando tudo – o que quero dizer e o que penso enquanto tento dizer ou silenciar o que eu quero.

O que eu tanto joga fora do texto? Escrever é como talhar palavras numa madeira que, à medida que se esculpe, vai jogando lascas de madeira; pequenos e médios fragmentos que se perdem ao construir uma simples frase.

A mãe dela vai embora. A filha dela, quando ainda mais menina, se referia aos demais como “a mamãe dela, o papai dela, a vovó dela”. “Tudo era dela”, dizia a vovó dela.

Que privilégio eu tento te contar com tão sublime medicina para fazer algo tão pequeno diante da grandiosidade de um simples batuque de tambor; um só.

Nesse momento, ela abriu mão de um lasco de pensamento dos bons, dos grandes. Ele volta pra floresta e corre para o rio dos pensamentos que nunca serão palavras e nunca serão lidos. Mas, não se esqueça dos que voam pela arte. Esses são sempre lidos. Os mais livres e rebeldes, de onde ela fugiu, presa na gaiola das palavras. Escrever é sua última chance, a que ela vai se agarrar.

Isso faz algum sentido? Ela ainda precisa deixar alguém ler. Pra ela, lerem o que escreve é semelhante a ser estuprada novamente, como foi na infância e na adolescência. Ela não deixa ninguém ler o que ela escreve, que dirá os pensamentos troncos de madeira que ainda não foram esculpidos.

Precisa fazer algum sentido. Corte-se todos os pensamentos anteriores, simbolicamente. E comecemos a falar de ciência aqui.

Ela quer falar sobre escrever cientificamente, tendo como fonte as escritas literárias autorais dela mesma. Ela quer fazer ciência tendo como base seus próprios textos autorais não publicados. “Que pretensão!”, grita o avô velho, barrigudo e abusador, que preservou do branco escravocrata apenas a ruindade em querer oprimir para se sentir superior. Ela quer fazer ciência sobre o seu próprio medo de escrever, sobre a sua dificuldade em se candidatar a um processo de seleção, de forma que ela precisa escrever sobre o processo de escrever.

Até agora, tudo isso foi sobre apenas a 1ª linha.

Ela precisa escrever e as palavras não saem.

Esse seria um primeiro capítulo. Agora, ela precisa transformá-lo em ciência. Qual o método disso? De que isso vai servir? O método é que eu estou automaticamente avaliando se isso tem validade. Eu questiono como quem faz ciência. Mas não consigo escrever como querem aqui. Que adolescente. Seus pensamentos adolescentes pararam de se sentir os coitados, vítimas do mundo. Os pensamentos adolescentes eram mais livres nessa fase (nos diários privados dela) do que são agora, na pasta mental de textos sobre escrever que ela nunca escreveu.

Volta. Volta e transforma tudo isso em ciência, em categorias: abuso sexual, narrativa, estupro, autobiografia, escrita, literatura, etnografia.

Ela quer falar sobre a dificuldade que teve nesses dias de escrita do pré-projeto. Ela quer falar sobre tudo isso que está escrevendo sem conseguir almoçar, e quer parar para comer. E se sente sempre gorda e frustrada.

“Dispositivos de gênero”³⁶, ela leu. “Valeska Zanello”, ela invejou. Invejou alguém que consegue criar uma teoria com base em alguns troncos maciços de ideias.

Volta! Ciência.

6 páginas, e nada. Ela continua escrevendo sobre o processo de escrever. Quer comprar uma caixa de bombons e curar sua relação com a comida.

Ela quer falar sobre tudo isso que esteve envolvido em seu processo de fazer uma avaliação. E toda essa dificuldade é porque ela é mulher. E porque ela foi estuprada.

Pela terceira vez, ela escreve que foi estuprada. E, nas três vezes, o branco abusador diz: Você não foi. Não houve penetração. Você gostava. Você não reagia. Você se deitava do lado dele. E esse velho dela grita tudo isso na cabeça dela e ela pensa: “acho que não fui tão estuprada assim”.

Dispositivos que permitem o abuso. Os homens se beneficiam do nosso dispositivo amoroso, do materno e do sexual. O medo do abuso, o silêncio do abuso, isso é um dispositivo da subjetividade sobre o qual construímos nossa identidade. Ser mulher é conviver com o fantasma do abuso te rondando a todo tempo. A gente foge das falas. A gente foge das narrativas criando uma narrativa evasiva. A gente esconde umas das outras. A gente não quer falar de violência sexual porque estamos profundamente mutiladas por ela. A gente cala o nosso maior medo. Os homens lucram com nosso medo de ser estuprada. Eles ganham com ele. E a gente tem medo porque precisa de ter.

Esse é um texto sobre o que a dor de ser estuprada causou numa menina que hoje é uma professora se candidatando a uma seleção de mestrado.

³⁶ No livro *Saúde Mental, gênero e dispositivos*, a professora Valeska Zanello (2018) fala sobre a construção da subjetividade das mulheres ser baseada nos dispositivos materno e amoroso. Ela nomeia esses dispositivos com base na ideia de dispositivos de Foucault, ou seja, como mecanismos de manutenção de poderes hegemônicos. No caso das mulheres, o amor e a maternidade exercem essa função, uma vez que a necessidade da validação de ser escolhida por um homem e a imposição de ser a principal responsável pelos trabalhos de reprodução social e cuidado faz com que elas estejam em um lugar de desvantagem perante os homens. E esses dispositivos contam com diversas tecnologias de gênero que atuam de forma a manter a mulher centrada na maternidade e no amor romântico.

Tudo isso é uma seleção de mestrado e tudo isso precisa se fazer entender. E até agora já foram 6 páginas de nada.

Interseccionalidade, branquitude, literatura, redes sociais, abuso sexual, autobiografia, etnografia, antropologia da criança (é a antropologia que é da criança. A criança é a dona. Na antropologia da criança o foco está nela ser a dona, não é sobre ela. É dela).

Esse é um trabalho sobre o trabalho de escrever que ela parou de escrever para responder à irmã sobre o que fazer com sua mãe recém diagnosticada com Alzheimer, ignorando o quanto esse processo nesses dias a fizeram chorar e parar de escrever.

Já se perdeu novamente enquanto planeja comer, carregar o computador.

Sentar e recomeçar a escrever.

Esse texto eu escrevi também durante o período de seleção do mestrado. Ele é parte de um conto que nasceu em mais um momento de agonia, quando eu achava que nunca conseguiria fazer a proposta de investigação. E, relendo agora, eu percebo que o meu incômodo era muito semelhante a esse de agora. Eu não sei se consigo falar do que preciso falar; não sei se tem um jeito de fazer isso ou se esse jeito é válido.

Eu fiquei dias engasgada e não saiu nada, e ontem, numa tarde, saiu um grito sem sentido. Eu acho que não consigo escrever um trabalho acadêmico porque eu preciso é de – mais – terapia.

Eu não sei o que fazer porque eu sei do que eu quero escrever, mas não sai. Não sai. Eu não consigo articular as ideias na minha cabeça. Será que eu tenho jeito?

Por isso, eu resolvi abraçar esse caos e escrever assim, como dá, como sai, como consigo, de novo.

Eu quero falar cientificamente sobre a minha dificuldade em escrever cientificamente porque dentro de mim existe um caos e esse caos decorre da minha condição de mulher, que foi uma menina violentada diversas vezes. E que isso me atormenta. E que eu só quero chorar e até hoje não teve terapia que deu jeito. Mas, escrever me ajuda a organizar as ideias e me cura. E eu não consigo fugir desse caos e eu fugi dele a vida inteira. Só que cada vez

fica mais difícil. E eu queria simplesmente fazer um projeto pra passar, porque eu não estou dando conta de escrever direito sobre aquilo que incomoda o meu fígado, porque eu ainda não consigo falar da dor de ser violentada diversas vezes ao longo da vida e ter que engolir isso e seguir em frente quando o que eu preciso fazer é gritar. Só que a forma do meu grito ser ouvido é escrever. E eu choro, choro, choro, choro até a minha cabeça doer. E fico achando que talvez não tenha jeito pra mim. Mas aí, eu me lembro da minha filha, e que eu preciso e quero cuidar dela, e ser a melhor mãe que eu puder pra ela. E eu tento fazer isso. Eu sei que tenho conseguido cuidar bem dela, mas eu não queria me sentir louca. Eu queria ter escrito um trabalho normal, para o Adeir olhar e apontar coisas – eu fiz isso na minha monografia em 2009³⁷. Eu falei de estupro, gênero e dos Karajá de Santa Isabel e Watau. Eu coloquei literatura, futebol e fiz um trabalho massa. E, alguns meses depois, eu tentei me matar. Passei um mês internada. Eu não quero fazer isso de novo, e eu nem consigo, por isso que, dessa vez, eu abracei meu próprio caos.

E estou aqui enfrentando o fato de que eu ainda não consigo escrever sobre isso porque as minhas emoções não obedecem a minha cabeça. Elas vêm de forma avassaladora. É tipo um maremoto, com placas tectônicas se movendo no fundo da terra da minha mente e nada disso serve para a ciência.

E eu não sei o que fazer. Porque eu choro, choro, choro e vomito as palavras e isso de NADA serve pra me fazer passar na seleção do mestrado. E eu achei que com a ajuda do Adeir eu conseguiria, mas eu não estou conseguindo.

E eu não sei o que fazer. Não sei se paro tudo e continuo só na terapia. Não sei se insisto ainda nesses 16 dias.

(Se você quer viver, case-se e tenha muitos filhos. Só isso pode te salvar. A guerra não tem rosto de mulher, p. 187)

Eu escrevo literatura, mas eu preciso fazer ciência.

³⁷ O professor Rodrigo me questionou sobre a publicação do meu trabalho de conclusão de curso de graduação e eu simplesmente não sei nada sobre isso. Escrevi, defendi, fui aprovada e não mexi mais nele até o momento em que peguei a versão impressa – que é a única coisa que guardo dele, pois perdi os arquivos – para reler no momento em que tentava fazer a proposta de investigação na seleção do mestrado. Mas irei procurá-lo no repositório.

Encerro essa carta com mais um texto escrito no processo seletivo e mais um momento que agora se repete. Sigo abraçando o caos. Marco mais um quadradinho na sua outra carta. E eu ainda não consegui decidir onde começa essa história.

Ludmila Raquel

18:03 25/01/23

Rodrigo,

Eu acabei de fazer a nota extra n° 02 e imagina está lendo o meu trabalho e já no início pensar^{to} em sugerir nota de rodapé e depois lendo que eu também pensei e depois pensando no melhor lugar para eu decidir mudar, e depois vendo o momento que mudar.

E, aí eu percebi que em coisas que não consigo colocar nas notas de rodapé e sim em cartas, essas cartas ao meu orientador.

Eu não sei se essa carta já entra nesse trabalho. Eu chamo de trabalho porque não sei o que é. Não é artigo. Será um ensaio? É uma narrativa? É literatura de baixa qualidade? (nota extra: aqui eu colocaria uma nota de rodapé, se eu tivesse escrevendo no computador, dizendo que é inevitável me culte depreciar previamente.)

Essa carta provavelmente fará parte desse trabalho e só aí eu me dei conta de que, novamente me descuidei da parte estética e penso em carimbar um papinho. Mas decide não carimbar e tentar melhorar daqui para a frente.

Vou voltar para o computador.

Um abraço e obrigada,

Ludmila

Obs. Eu quero muito que
você goste do que eu
escrevo. ☒ E

→ Quantidade de vezes que pensei no seguinte exercício hoje.

Obs. Eu acho
que você não
vai gostar.

☒ 1

→ Quantidade

de vezes em

que pensei nisso

→ quanto
concreto ☒ 1

Professor Rodrigo,

A estrutura acima serviu de base para o trabalho da sua disciplina, Seminário de Leitura 2: Narrativas, Autobiografia e Histórias de Vida (PPGEP2231), que cursei no meu primeiro semestre como aluna no mestrado, sendo esse trabalho requisito avaliativo da disciplina. Eu não mexi em nada dele, além de acrescentar o fac-símile das cartas manuscritas que constavam apenas na versão artesanal. Coloquei aqui da forma que o escrevi e optei por não editar nada dele, apenas acrescentar esses escritos posteriores, porque mexer nesse trabalho apagaria os vestígios da construção da minha dissertação que estão ali – na escrita falada (Battistelli, 2022), nas cartas manuscritas, nas diferentes texturas e memórias que ajudaram a materializá-lo, na insegurança que tive em escrevê-lo e na ousadia que tive que ter para conseguir entregá-lo.

Lembro que eu pretendia deixá-lo em seu escaninho, na Faculdade de Educação, mas, chegando lá, dei de cara contigo e acabei entregando em mãos. Fiquei muito nervosa com isso, morrendo de vergonha, afinal, eu estava te entregando um trabalho encadernado à mão, com sobras de rendas, papéis e fitas; contendo cartas manuscritas e anotações que, até então, eu não sabia como iriam compor o meu trabalho. Mas, eu sabia que te entregar a versão que chamei de “artesanal” era necessário, afinal, o PDF sozinho não era o meu trabalho mesmo.

Eu estava muito insegura, mas também confiante. Não sei explicar muito bem até hoje como era essa sensação. Eu tentava me amparar nas suas provocações de aula. No seu “nada impede que seja outro tipo de texto acadêmico, usem a criatividade”, dito em sala.

Esse primeiro trabalho me ajudou a entender e reconhecer como funcionava a minha escrita e o meu pensamento, que me pareciam tão indomáveis e assustadores. Conseguir escrevê-lo, entregá-lo e depois receber sua resposta foi fundamental para me fazer acreditar e confiar que eu conseguiria mesmo fazer o mestrado. E eu demorei a acreditar que havia passado. De verdade, eu ficava olhando o site do programa com medo de alguma retificação na lista de aprovados. Abria e via meu número de inscrição, conferia de novo. Então, conseguir escrever meu primeiro trabalho no mestrado foi um desafio. Como tem sido esse trabalho como um todo, em muitas camadas. Mas, aqui quero te falar mais da insegurança.

Ela, que como você bem pontou, é uma expressão colonial. No livro de Bruna Battistelli (2022), ela fala sobre o quanto foi desafiador acreditar que o que tinha para dizer era interessante e que deveria estar sendo dito na academia. E eu agradeço muito que ela tenha dito e esteja dizendo o que diz na universidade, porque é nesse lugar que eu me encontro e é nesse lugar que venho construindo o meu trabalho. Estar nesse lugar – como estudante, como professora, como mulher, como mãe, como autora – é sentir o impacto de tentar enxertar

minha escrita num novo ambiente, e, com isso, também abrir novas possibilidades nesse encontro (Centro..., 2023).

A academia é, tradicionalmente, um local onde as desigualdades se escancaram, bastando um olhar minimamente atento para se analisar os dados sobre as características biopsicossociais dos integrantes das comunidades científicas do país, que são, historicamente, majoritariamente brancos; sem, no entanto, desconsiderar a intersecção entre gênero e classe.

Quando entrei na UnB para cursar Artes Cênicas, em 2003, antes da implantação da política de cotas, preciso frisar, eu vinha de um processo intenso de estudos para o vestibular. Havia feito cursinhos ao longo do Ensino Médio, havia ouvido falar da UnB, entendido que ela representaria a minha oportunidade de construir a vida que eu queria viver, diferente da vida das mulheres com as quais eu cresci e convivi – que me construíram e me formaram – ao longo da minha vida até ali, permeadas de maternidades e casamentos quando muito jovens, relacionamentos abusivos, insegurança financeira e alimentar, empregos precários e inúmeras humilhações e violações.

Eu via a UnB como a minha chance de escrever uma história diferente pra mim, e assim o foi. A UnB me mostrou outro mundo, possibilitou oportunidades, diálogos e contatos que me fizeram construir o caminho no qual me encontro. Ela me deu uma profissão, um diploma que me possibilitou ter um emprego como professora, um cargo no serviço público distrital. Mas, eu ia dizer que foi quando entendi essa oportunidade que o ensino superior representava para mim que eu percebi o abismo que me separava dele.

Eu sempre havia sido uma boa aluna na escola, tirava notas boas, nunca reprovei e tinha bom comportamento. Mas, ao assistir uma semana de aula gratuita num cursinho pré-vestibular particular, percebi o quanto eu estava longe de uma vaga na UnB, que o meu aprendizado até ali não era suficiente para passar na prova que me separava da oportunidade que eu vi surgir. Eu me lembro ainda da palestra motivacional que o cursinho deu e na qual, em algum momento, o professor que ministrava disse que era importante fazermos o cursinho porque, muitas vezes, o melhor aluno da escola pública ainda ficava atrás do aluno medíocre de uma boa escola particular. Ele explicou que o aluno preguiçoso de uma escola de alto padrão era mais bem preparado do que a gente, estudantes das escolas públicas de Taguatinga-DF, para as provas do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e do vestibular da UnB. Ele explicou que fazer o cursinho nos ajudaria a conseguir o nosso lugar lá.

Eu me dediquei bastante nessa época. Conciliei as aulas no Ensino Médio, o cursinho (no qual ganhei uma bolsa parcial, que fez com que minha mãe conseguisse pagar as mensalidades), meu primeiro emprego (na academia de ginástica, eu era recepcionista), os

estudos para o vestibular e as oficinas de teatro, que também eram uma preparação para a prova, visto que no curso de Artes Cênicas ainda tinha uma prova prática de habilidades específicas.

Eu estudava muito, tinha muito medo da prova, me incomodava quando meus colegas me animavam dizendo que o curso que eu queria tinha nota e concorrência baixas e que seria fácil para mim, que com certeza eu iria passar. E eles tinham razão, eu passei. Mas não foi fácil. E quando passei e finalmente me vi como aluna da graduação na UnB, eu me sentia constantemente inadequada.

Minha primeira aula foi na disciplina de Introdução a Antropologia, numa sala no famoso “Minhocão”, e a expressão de incredulidade e espanto do professor diante do meu pedido de permissão para ir ao banheiro durante a aula marcou o início da minha sensação de inadequação no ambiente da universidade. Foi engraçado. Não conto essa memória com dor e sempre falo dela com meus alunos no Ensino Médio, numa atividade na qual construímos e pactuamos as regras de saída de sala de aula. Mas a sensação de inadequação e insegurança ao longo dos anos na universidade foi algo que me acompanhou de forma menos divertida.

Em 2005, eu fiz outro vestibular e mudei para o curso de Ciências Sociais – movimentada pela disciplina de Introdução a Antropologia, a qual já me referi –, e, nesse momento, as minhas salas de aula já tinham outra cara.

Na primeira turma de estudantes cotistas estava Natália Maria, amiga que conheci (ou reconheci e reencontrei?) no cursinho que também já mencionei. Como estudantes na UnB, ela como minha veterana, bilhetinhos trocados em aulas, problemas e lutos familiares, compartilhando refeições e colchões, sendo cuidadas por nossas mães e brigando muito com elas também, vivendo a vida de jovens universitárias em meio a tantas disparidades com nossos colegas, na luta de horas de ônibus, filas de passe estudantil, moedas contadas para a xerox e o RU, leituras atrasadas... Em meio a tudo isso, em nossas vidas e na nossa ciência – em todos os sentidos que essa palavra possa ter, da Jurema Sagrada ao laboratório de biologia –, Natália e eu diversas vezes confluímos e nos juntamos e tantas outras nos desentendemos e brigamos.

Éramos duas meninas amigas vivendo contradições e tensões, especialmente as raciais e de gênero, que surgiam da nossa relação como amigas e como estudantes universitárias tentando construir trabalhos e autoria. Muito do meu entendimento sobre o meu trabalho de mestrado de hoje vem desse encontro.

E eu sei que acabei dispersando de novo, mas retomo, eu lhe falava da insegurança e da nova cara da universidade após a política de cotas. (Natália me contou outro dia que eu fui

a primeira pessoa a falar de forma positiva da política de cotas para ela, que ela não queria prestar o vestibular como cotista até conversar comigo. Eu fiquei feliz em saber disso.) Retomo, e retomo também Goldman (Centro..., 2023) e as novas possibilidades que meios de pensar diferentes dos que tradicionalmente ocupam a universidade abrem nesse ambiente. E os desafios que enfrenta. A insegurança é um deles.

E, diferente da Natália, cuja pele negra marcava a presença na universidade³⁸, eu, branca, me confundia com os corpos inseridos em seu habitat natural. Nada no meu corpo ou na minha aparência contava do meu percurso até ali. Eu era uma estudante cujo corpo era autorizado a estar ali. Mas não era essa a minha experiência, ao contrário, eu também anotava os nomes dos autores, como eles eram falados, para pesquisar depois como eram escritos – como narrou a professora Bruna Battistelli (2022) – e questionava o tempo todo a minha capacidade de fazer o que eu aprendia que deveria ser feito ali.

Essa insegurança ainda me acompanha, mas, ao longo desses dois anos de mestrado, nos quais vivi minha pesquisa e pesquisei minha vida, no desenrolar desse trabalho que foi muito sobre rever a minha relação comigo como mulher e com as mulheres que vieram antes de mim, apesar dela, eu consegui construir um percurso do qual me orgulho e um trabalho que gostei de escrever. E isso é muito bom. É um resultado desse trabalho e um ganho diante de um contexto que faz da universidade um campo minado de bombas de destruição colonial.

Eu sou muito agradecida por meu orientador ser você, professor Rodrigo. Nesse campo minado, eu sei que esse território é seguro. Mas, digamos que pisei em uma bomba nesse caminho como estudante de pós-graduação e sobre ela te falo depois. Sigamos para a segunda carta.

Obrigada por tudo,

Ludmila

SEGUNDA CARTA

Essa carta foi escrita para o meu orientador no final do meu primeiro ano de mestrado. Nesse momento, eu estava cursando muitos créditos, visto que, no meu primeiro semestre – que é quando o professor Rodrigo orienta que a gente faça isso –, eu ainda não tinha o

³⁸ Eu me lembrei de bell hooks (2017) que, em *Ensinando a Transgredir*, falou dos estudantes negros terem arcado com todo o custo da política de escolas sem segregação racial nos EUA. Ela disse que eles tiveram que se deslocar e adentrar um espaço onde eram vistos com desconfiança, sobre o quanto era cansativo e desgastante ter que provar a todo o tempo que eram capazes de ocupá-lo, e de como, por vezes, parecia que esse era o trabalho principal deles. E me lembro novamente dos meus anos como estudante da graduação na UnB e das vezes que ouvi relatos semelhantes dos meus colegas cotistas.

afastamento para estudos da Secretaria de Educação. Professor Rodrigo orientou que eu me dedicasse a cumprir os créditos para depois me dedicar mais profundamente à escrita; e foi o que fiz, embora a qualificação já fosse uma preocupação.

Esse texto nasceu em um semestre que foi especialmente marcante para mim no meu retorno à universidade após tantos anos longe dela³⁹. Eu me sentia bastante perdida em relação ao que seria, de fato, o meu trabalho. Queria continuar escrevendo com a “cumplicidade subversiva” que estava aprendendo a desenvolver com a universidade, mas também de uma forma que eu conseguisse publicar, porque, nesse semestre, ficou muito mais que claro pra mim que um currículo Lattes cheio de publicações tem um peso enorme. Principalmente quando são em co-autoria com outros autores já bastante publicados.

Portanto, esse texto tem o seguinte contexto: a necessidade de um sentido e de uma forma, de mergulhar e de expandir, e de continuar sendo autora do meu texto, por mais estranho que ele me parecesse.

Samambaia-DF, 24 de outubro de 2023

Professor Rodrigo,

Começo essa carta em meio a mais um processo de escrita – que eu chamaria de caótico, mas não o farei. Não é um caos porque eu não estou perdida nessa desordem, não resisto mais aos muitos processos simultâneos de criação, de estudo e de escrita. Eles vão surgindo e eu tentando me organizar em tempos, prazos e obrigações.

Já está esgotando o prazo da minha qualificação e eu ainda não sei direito o que vou apresentar. Quanto mais eu escrevo, menos eu acho que está pronto. Quanto mais eu desenrolo, mais eu acho que está faltando. Sendo assim, resolvi tentar sintetizar tudo de uma forma que eu consiga entrelaçar os processos em um texto coerente e academicamente válido.

Essa carta pretende também traçar o percurso metodológico que segui até aqui e o que pretendo continuar seguindo. Mas, antes de falar isso, eu quero dizer que o processo de escrita desse texto está sendo muito parecido com o processo de escrita da proposta de investigação que submeti na seleção de mestrado. Aos poucos, as coisas foram se encaixando, as ideias

³⁹ Ainda quero conseguir escrever sobre a experiência acadêmica tragicômica vivida naquele semestre. A carta dedicada à professora Debora Diniz foi o trabalho de uma disciplina que nasceu em um contexto que era uma mistura de novela mexicana com filme policial e página de fofoca. Não o meu texto, claro, mas o pedido de um então professor e a forma como tudo aconteceu. Mas se lhes falo disso é porque essa experiência, logo no início do meu retorno à universidade, me fez ficar entre incrédula e preocupada e refletir ainda mais sobre minha escrita e minha pesquisa. Sobre a integridade dela.

fazendo sentido e o desenho daquilo que vem se construindo como minha dissertação ficando mais claro.

Nesses dias em que fico entregue à escrita, quase reclusa, inquieta, fazendo o mínimo e tentando costurar as ideias na minha cabeça, tento juntar as leituras, as aulas, as conversas, os filmes, as músicas, os podcasts e as inspirações num texto que faça algum sentido, mas normalmente não é um processo fácil, embora não saiba pensar em outra forma de fazer.

No processo seletivo, eu comecei querendo mapear políticas públicas voltadas para a prevenção e o combate à violência sexual com adolescentes no âmbito da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Como professora, percebia o quanto esse assunto era negligenciado e o quanto estudantes estavam vulneráveis.

Não foram poucas as vezes em que, após a aula, uma estudante me procurava para pedir auxílio ou desabafar sobre situações de violência que envolviam ela mesma ou familiares. Esses momentos eram sempre difíceis pra mim. Eu explicava a minha posição de professora e as minhas obrigações legais em relação ao conteúdo que elas me relatavam; eu ouvia, acolhia e seguia os procedimentos e encaminhamentos adequados. Mas essas histórias ficavam ali. No privado de uma sala de aula fechada, num cantinho no corredor, na janela da sala dos professores ou até no banheiro onde elas foram contadas. Sempre falando baixo, sempre com cuidado para ninguém ouvir. Sempre em tom de confissão ou segredo.

E, por isso, eu quis mapear as políticas públicas. Conhecer e ver como elas poderiam ajudar estudantes. Quando comecei a pesquisar e buscar as informações, me deparei não apenas com muitas burocracias, mas com muitas ausências. Não encontrei nenhum tipo de informação de forma pública, fácil e acessível sobre violência ou abuso sexual, nem informações básicas.

Nesse momento – e precisando escrever –, a angústia do silêncio tomou conta. Eu não sei conceituar exatamente o que seria essa angústia do silêncio, mas é um sentimento que me acompanha e que sei reconhecer. Nesse momento, já não fazia sentido mapear políticas públicas, eu já havia passado a semana lendo e escrevendo sobre silêncio, dor e memórias. Escrevendo em formas de cartas, textos, mensagens e poemas. E essa semana era para eu escrever um outro tipo de texto. Um texto formal, com as minhas principais referências teóricas e argumentos. E eu não consegui fazer isso.

Quando digo não conseguir é no sentido mais absoluto de impossibilidade mesmo. De me sentar na frente do computador e não sair nem uma palavra. Diante disso, me vi vencida e desisti de tentar a seleção. No entanto, para dar alguma satisfação e agradecer ao amigo que estava me auxiliando e me incentivando, eu escrevi uma carta para ele, explicando os motivos

pelos quais eu estava desistindo. E, para minha surpresa, ele me disse que ali estava a minha proposta de investigação e a minha pesquisa.

Diante desse novo horizonte, eu consegui visualizar melhor o que eu queria pesquisar, o que eu queria fazer e como eu queria fazer isso. E foi assim que surgiu a ideia de me candidatar para ser sua orientanda. E eu não posso deixar de agradecer por isso ter sido possível, por você ter comprado minha ideia e considerado o meu projeto bom o suficiente para ser aprovado. Isso realmente me surpreendeu e ainda surpreende. Até hoje eu questiono como foi que eu consegui e como ainda estou aqui.

Uma carta me trouxe ao mestrado. Algumas cartas me deram aprovação em disciplinas. Com cartas te escrevi e com cartas você me respondeu. Com cartas eu tentei resolver e elaborar várias coisas na minha vida. Então, quando te propus esse formato, e você aceitou, foi realmente incrível para mim.



E estamos indo. Obrigada, professor.

Esse poderia ser o final dessa carta, se essa fosse uma carta comum. Mas essa também é uma carta em que pretendo te apresentar o texto da minha qualificação. Não o texto final, eu sei, mas o início do que virá a ser esse texto. Então, não me despeço aqui, pelo contrário, quero voltar ao ponto em que te contava sobre como uma carta se tornou a proposta de intervenção que me fez chegar ao mestrado e a esse texto que te escrevo agora. O momento inaugural daquilo que esse texto é hoje.

Foi ali que eu percebi que queria falar sobre o silêncio. Queria falar sobre o não falar sobre a violência sexual. E isso é algo profundamente pessoal para mim. Eu não tinha como falar disso de uma forma impessoal, não naquele momento. Sendo assim, a narrativa autobiográfica se tornou meu caminho mais acertado.

Sabe, professor Rodrigo, eu reivindico a construção de um espaço social em que seja possível falar sobre experiências de violência sexual. Falar, contar, elaborar. Como fazemos com outras experiências.

O que torna um relato de violência sexual tão pesado? Por que é tão difícil falar e ouvir sobre essas coisas? Por que sempre foi tão difícil para mim falar dessas coisas? Eu já me perguntei muito sobre isso. Eu já fiz anos de terapia, e ainda faço. Eu consigo ter uma vida organizada, estável, segura e até mesmo feliz. Eu já falei e já escrevi sobre as violências que vivi. E acredito que, de forma individual, eu estou bem encaminhada em relação aos meus processos. Mas um incômodo continua: o social.

Quando prestei o vestibular para Ciências Sociais, eu estava em dúvida sobre tentar Psicologia. Eu já cursava Artes Cênicas, mas queria mudar. A dúvida entre Psicologia e Ciências Sociais, na época, era que, para mim, uma explicava as coisas de dentro para fora e a outra de fora para dentro. Uma separação que hoje não faz sentido, mas naquela época fazia. Eu me lembrei desse dilema passado, porque hoje eles se encontram, porque, de fato, nunca estiveram separados.

Hoje, para além da minha necessidade individual de elaborar minhas questões como vítima de violência sexual, eu questiono a ausência de recursos sociais que possibilitem às vítimas uma elaboração coletiva dessas experiências. E, mais que isso, questiono o quanto essa ausência pode impactar em casos concretos envolvendo crianças e mulheres vítimas de violência sexual, especialmente casos envolvendo processos de guarda e visitação de crianças e adolescentes no contexto internacional ou de denúncias de alienação parental.

Moara, Júlia, Isabella, Louise, Adam, Neide, Raquel, Karin, Damaris... Esses nomes aparentemente aleatórios se encontraram em um enredo parecido, com cenas semelhantes de dor e lágrimas. Esse enredo tão assustador mostrou sua face mais cruel diante de mulheres e crianças, mais especificamente mães migrantes e seus filhos e filhas nascidos no estrangeiro. Essas mulheres e crianças tiveram suas vidas fortemente impactadas por um tratado internacional do qual o Brasil é signatário: a Convenção de Haia⁴⁰. Elas foram vítimas de

⁴⁰ Em resumo, a Convenção de Haia representa uma rede de acordos internacionais que busca facilitar a cooperação e resolver disputas transnacionais. Os tratados orientam detalhes como o reconhecimento e execução de sentenças estrangeiras, a proteção de crianças em casos de sequestro internacional (ou subtração, no Brasil), a legislação aplicável a obrigações contratuais e outras questões legais transnacionais. A parte da Convenção de

diversas violações, abusos e agressões por parte de homens estrangeiros e tiveram suas vidas e histórias colocadas à prova diante do tal enredo.

Foi pela sugestão do algoritmo do YouTube que eu conheci a primeira dessas histórias, a de Raquel Cantarelli⁴¹. Ela e suas duas filhas foram vítimas de diversas violações aos direitos humanos: abuso sexual, abuso físico, xenofobia, machismo, privação alimentar, tortura. Violações que vieram do Estado, da justiça, das leis, das instituições públicas e do irlandês, genitor de Julia e Isabella e ex-marido de Raquel. Ela sofreu essas coisas por ser mulher e migrante. E suas filhas também sofreram por isso.

Raquel é brasileira e morou na Irlanda durante alguns anos, período no qual ela se casou com o irlandês e teve duas filhas, que hoje tem 4 e 6 anos de idade. Ela relata que, com o passar do tempo, o comportamento do marido começou a lhe despertar suspeitas. Todos os dias, ao chegar em casa, o pai pegava a filha para trocar a fralda e esse processo demorava além do normal. Ela estranhava esse comportamento e também estranhava estranhá-lo, de forma que se pôs a prova e passou a trocar a fralda da filha pouco antes do marido chegar. E, mesmo com a fralda estando recém trocada e seca, ele insistia em trocar. Até que Raquel se deparou com uma ocasião na qual não foi possível contornar o que estava acontecendo na sua frente.

Ela buscou ajuda da assistência social, da polícia federal, da embaixada brasileira na Irlanda e de ONGs de apoio a mulheres vítimas de violência doméstica. E, assim, conseguiu vir para o Brasil com as filhas, onde viveram em paz por quatro anos, até que as meninas foram devolvidas ao pai aos gritos e de forma violenta e inesperada no dia 14 de junho de 2023. Desde então, Raquel não vê as filhas nem mantém nenhum contato com elas, embora tente de todas as formas legais possíveis.

A história de Neide e Moara⁴² tem elementos semelhantes. Moara é uma adolescente que atualmente vive na Suíça com o pai. Neide se casou com o suíço acreditando na promessa de que morariam no Brasil, coisa que não aconteceu. Neide não falava outra língua além do português, e, diante dos diversos abusos que sofreu, ela se separou do pai de Moara. A convivência não era boa e Neide acabou perdendo a guarda da filha na Suíça. O fato de não falar a língua foi fundamental nesse processo. O fato de Neide ser migrante também.

Haia a qual me refiro é a que lida com o sequestro internacional de crianças, estabelecendo procedimentos para garantir o retorno seguro do menor ao seu país de residência habitual.

⁴¹ RIBEIRO, Beto. Parte 1 – O pai abysador tirou minhas filhas de mim – Raquel Cantarelli – Crime S/A. **YouTube**, 30 jul. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_JcywqEVzjI&t=8s. Acesso em: 19 mar. 2024.

⁴² SOBREVIVENDO na Turquia. Adolescente implora autoridades brasileiras e suíças pelo seu retorno ao Brasil | Volta Moara. **YouTube**, 15 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FOF5ioEFmT8&t=22s>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Após oito anos longe do seu país, Neide conseguiu uma autorização para viajar para o Brasil com a filha por onze dias. Mas aqui elas permaneceram por quatro anos. Até que Moara foi levada para a Suíça com a roupa do corpo e parcialmente sedada.

Atualmente, Moara pode falar com a mãe por chamada de vídeo uma vez por semana, sendo que, nesses momentos, por força de decisão da justiça suíça, Neide não pode chorar nem falar expressões como: “confia na mamãe” ou “o amor pode tudo”, pois, se isso acontece, a chamada é interrompida. Elas também têm direito a duas horas de visita supervisionada a cada quinze dias.

Eu ouvi falar sobre a Convenção de Haia e sobre a Lei de Alienação Parental⁴³ mais ou menos ao mesmo tempo. Enquanto a convenção atua nos processos de guarda de âmbito internacional, a Lei de Alienação Parental é presente nos processos nacionais. E o que me intriga em ambos é justamente a questão das narrativas, especialmente das narrativas de mulheres sobre violência sexual, como a de Raquel e de Neide.

E eu falo aqui da questão das narrativas porque nem toda violência sexual deixa marcas físicas visíveis e comprováveis por meio de exames clínicos. Nesses casos, o relato das vítimas é a principal fonte de prova. E, se as vítimas são crianças pequenas, como era a filha de Raquel, o que vale é o relato dela, como mãe.

Nos casos envolvendo processos de Alienação Parental, uma denúncia não comprovada de forma técnica pode ser entendida como falsa. Como comecei a falar na nota de rodapé, a lei da alienação parental é baseada na ideia de que um dos genitores, ou mesmo outros familiares próximos, tenta manipular a percepção da criança em relação ao outro genitor, prejudicando o vínculo afetivo e o relacionamento saudável entre ambos. Isso pode ocorrer durante ou após um divórcio ou separação, e a parte alienadora pode utilizar táticas como difamação, desprezo, mentiras ou sutil influência para afastar a criança do outro genitor. Para evitar os danos decorrentes disso, inúmeras vezes a justiça decide por inverter a guarda da criança, concedendo-a, assim, ao suposto alienado.

Na prática, essa lei gera distorções extremamente prejudiciais às crianças e às suas mães. Mulheres que fazem denúncias reais de abuso, físico e psicológico contra seus ex companheiros e pais de seus filhos são acusadas de alienadoras, acusadas de manipular os filhos e implantar neles falsas memórias de abuso sexual. Provar um abuso sexual é extremamente complexo, exige uma abordagem interdisciplinar. Repito que nem todo abuso

⁴³ A Lei 12.318/2010, conhecida como Lei de Alienação Parental, é uma legislação criada sob a alegação de proteger crianças e adolescentes em situações nas quais um dos genitores tenta prejudicar a imagem do outro perante a criança, impedir ou dificultar o contato com ela. No entanto, essa lei tem diversos problemas e vem trazendo mais prejuízos que benefícios para mães e crianças.

deixa marcas físicas visíveis no corpo. Nem todo abuso possibilita algum tipo de prova concreta, validada legalmente e aceita pelo Estado, como um exame de corpo delito com comprovação de rompimento de hímen e lesões genitais em uma criança, por exemplo.

Diversas formas de abuso sexual contra crianças não deixam marcas físicas visíveis e validadas, mas sempre deixam marcas e rastros no comportamento da criança, na energia e no olhar dela. Essas marcas são linguagens comuns às vítimas, uma espécie de comunicação silenciosa de quem conhece o terror do abuso. Mas essa comunicação é invalidada; precisa ser comprovada em critérios concretos, visíveis e objetivos. Na ausência disso, quem denuncia vira réu, é acusado de estar mentindo, inventando e criando histórias porque não superou o fim de um relacionamento.

Esse fenômeno acontece especialmente com mulheres. Prejudica especialmente mulheres e crianças. Sob alegação de protegê-las. Dois dispositivos legais diversos e semelhantes, dois dispositivos legais que envolvem e criam situações extremamente dolorosas para crianças e suas mães. Leis que se baseiam na ideia de garantir o exercício da parentalidade especialmente para os homens.

E, ao mesmo tempo, eu penso que relacionar o abuso sexual, a Convenção de Haia, a Lei de Alienação Parental e o gênero só se tornou possível para mim porque eu consegui respeitar meu processo de estudo, criação e organização. É o como e o porquê desse trabalho. E, por isso, eu sinto a necessidade de falar não mais sobre teorias que se encaixam no assunto que eu quero pensar. A noção de corpo, poder, controle, direitos das mulheres, direitos humanos. Mas eu preciso falar sobre o falar sobre violência.

Para escrever esse trabalho, eu precisei ouvir muitas histórias, muitos relatos, muitas músicas. Precisei comer algumas colheres de chocolate caseiro, pintar algumas aquarelas e escrever algumas outras cartas. Chorar algumas lágrimas e sorrir alguns sorrisos.

Escrever esse trabalho é falar sobre gênero, é falar sobre corpo, sobre o meu corpo, sobre as dores e marcas que ele carrega. E não é fácil falar de abuso sexual, embora eu saiba que não falar não é uma opção. E eu me lembro mais uma vez das suas palavras em sua primeira carta de orientação: “escreva com sensibilidade e raiva, talvez até com ódio, mas sem tornar o processo um martírio”⁴⁴. É o que busco. Porque, mais do que falar, eu quero falar do porquê eu falo. Ou do porquê eu preciso falar. Ou de como eu decidi falar. E de como venho falando. E isso é a minha metodologia.

Minha metodologia parte da profunda sensação de inadequação ao ambiente acadêmico, alternado com a certeza de estar no lugar certo, falando do que preciso falar e da

⁴⁴ Anexo.

forma que consigo, de forma a desafiar a cosmovisão acadêmica e propor uma cosmopercepção acadêmica, e aqui me baseio em Oyèrónkẹ Oyěwùmí⁴⁵. E reivindico, do meu lugar metafórico de Xakriabá sem rio (Xakriabá, 2018), a necessidade de trazer o todo da minha experiência de escrita acadêmica.

E essa experiência passa pelas cartas.

As cartas me acompanham desde pequena, embora eu só tenha percebido isso há pouquíssimo tempo. E foi uma daquelas sensações de sorrir feito bobo pensando: “meu Deus, como eu não vi?”.

Em determinado momento da minha infância, ler cartas antigas ou dedicatórias em versos de fotos com a letra da minha mãe me fazia chorar. Aquela letra redondinha e linda que eu reconhecia de bater o olho. Eu tinha de oito para nove anos, e as letras eram o que eu tinha de mais próximo da minha mãe. E eu sei que eu poderia, para me adequar mais academicamente, ocultar essa minha primeira experiência com as cartas, devido ao fato dela ser profundamente pessoal. Minha metodologia de narrativas autobiográficas epistolares faz sentido se eu ocultar que minha primeira memória sobre cartas é a de ler cartas antigas não endereçadas a mim com a letra da minha mãe? Para mim não faria sentido. Assim como o corretor me corrige toda vez que digito “pra” no lugar de “para”. E, pra mim, faz diferença escrever assim. Pra mim, não para mim. E, ao mesmo tempo, me soa estranho, uma birra de adolescente rebelde – que eu já passei muito da fase – que quer romper com tudo, mesmo sem ter construído nada.

E é assim que funciona minha mente, meus pensamentos e minha reflexão acadêmica. É uma escrita que mistura tempos, ficção e realidade, cenas e espetacularidades. Que mistura o “que” e o “como” o tempo todo e me impele a não conseguir escrever do jeito esperado e acabar novamente saindo do estilo tradicional de escrita. E, apesar de toda insegurança que me atravessa, reivindico o meu direito de escrever, estudar e produzir assim.

Porque não é sobre o meu trabalho, nem sobre o meu trauma, nem sobre o que eu quero. É sobre reivindicar um direito de pertencer, de ter um lugar onde me agarrar, alguma

⁴⁵ Eu li *A invenção das mulheres*, de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), no processo de escrita do texto de seleção do mestrado e li novamente na disciplina de Tópicos Especiais em Direitos Humanos e Cidadania II: abordagens não- hegemônicas: entre a epistemologia e a política, (PPGDH0185), ministrada pelo professor Wanderson Flor do Nascimento, cuja avaliação constava da apresentação de um seminário e a construção de um resumo sobre o texto. E o livro de Oyèrónkẹ foi justamente o livro do meu seminário. E, nas duas ocasiões, embora de formas diferentes, a leitura desse livro me trouxe muitas reflexões. Da primeira vez foi de surpresa, pois foi a primeira vez que eu li algo que questionava o conceito de gênero e que não fosse com argumentos baseados em convicções religiosas. A autora argumenta que a ideia de gênero, enquanto categoria, uniformiza o ser mulher em uma condição bio-lógica e ela discorda disso, baseando-se em uma cosmopercepção diferente dos colonizadores. Na segunda leitura, o que me impactou foi justamente o fato dela trazer uma perspectiva que utiliza um nome já criado e consolidado para desconstruí-lo.

pedra para me firmar. Aqui, contrariando a sua orientação, preciso recorrer ao poder de uma citação direta:

As últimas gerações Xakriabá também crescem sentindo a fratura identitária dessas ausências: por não terem ido com sua mãe, pai e avô pescar; pela falta das histórias e dos conhecimentos que não ouviram ao andar pelo rio; com o gosto da água que não sentiu; pelo canto e força dos encantos que de lá sumiram; por estranhar o corpo do estrangeiro que passou a se banhar e mais tarde envenenar no rio. E quando lançam a perguntar a um jovem Xakriabá: você sabe nadar? E ele responde que não, pois não conhece o rio, sendo também questionado: como não sabe nadar? Você não é índio, Você não é Xakriabá? Poderia lhes responder a tudo isso da seguinte forma: Não me afoguei no rio porque a ausência daquilo que não foi vivido no rio foi o que me afogou (Xakriabá, 2018).

Esse trecho ecoa em todo o meu processo. Eu não sei funcionar de outra forma, mas eu não tenho pertencimento em nada que me permita me afirmar como parte de algo. É uma fratura existencial de não ser. Um corpo sem território. E em retomada.

E tudo isso se mistura na hora de escrever essa carta. Por meio da escrita de cartas, e sem conseguir me desvencilhar de minha história de silenciamento diante da violência sexual que sofri na infância e adolescência, decidi, a partir dela, e através da utilização de narrativas autobiográficas, construir uma proposta metodológica que pretende compreender – além dos fatores externos da violência – os mecanismos arrolados por narrativas dominantes que subjagam as vítimas a outras formas de violência nos âmbitos subjetivo, existencial, social e moral.

Falar sobre construções de narrativas de vítimas de violência sexual passa por repensar até mesmo a escolha do termo “vítimas” – sem necessariamente excluir o violentador como agente inicial da violência. O lugar de vítima é discutido na antropologia de forma a questionar a necessidade do reconhecimento social do sofrimento, conferindo formas legítimas de reparação da violência sofrida, daí a necessidade de se problematizar o uso do termo.

No meu entendimento, as narrativas autobiográficas possibilitam a construção de espaços nos quais as vozes tradicionalmente silenciadas sejam ouvidas e consideradas. Quando se vive a fratura existencial da ausência de memória, de coisas não vividas, tal qual colocado por Célia Xakriabá (2018), a construção da subjetividade das vítimas de violência sexual se dá num campo de ausência, horror e silêncio, trazendo a urgência da construção de espaços nos quais as narrativas alternativas possam ser pensadas e construídas coletivamente. Desse entendimento decorre ainda a minha necessidade de ampliar as ferramentas

metodológicas do meu trabalho acadêmico, tanto para realizá-lo quanto para conseguir comunicar adequadamente as minhas perguntas e respostas de pesquisa.

Uma dessas ferramentas é a escrita de cartas. E eu gosto da ideia das cartas como “um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica”, “uma escrita de fronteira entre a oralidade e a escrita” (Battistelli; Oliveira, 2021, p. 679).

Em “Ressignificando memórias: quando a (auto)biografia anuncia a luta pela vida”, Souza e Vanzuítá (2022) discutem, à luz da autobiografia, as vivências e experiências de quem teve a vida diretamente afetada pelo sistema prisional brasileiro – experiência vivida por um dos autores do artigo. Eles argumentam que, a partir dessa perspectiva, possibilita-se o direito de existir daqueles que viveram uma experiência impactante. No meu caso, a violência sexual sofrida ao longo da vida. É uma luta pelo direito de existir e um exercício de me conhecer e me reconhecer. Daí a escolha da escrita autobiográfica como abordagem metodológica.

Por fim, a escrita autobiográfica é referendada por Marques e Satriano (2017, p. 383) “como viável, válida e mais, como uma alternativa rica no estudo sobre o ser humano”, além de vista como importante no meu processo de aperfeiçoamento profissional e desenvolvimento social. E, também, quero acreditar, abre espaço para a emancipação de outras mulheres que passaram por esse tipo de violência.

Unindo reflexões autobiográficas, leituras, textos, histórias, narrativas e teorias, eu venho tentando ser, pertencer, existir e produzir.

Abraços e até logo,
Ludmila

Obs. Após te entregar a parte artesanal, eu senti a necessidade de deixar algumas coisas mais estruturadas. Pensei em propor um roteiro mais certinho do que pretendo fazer e ver se isso seria possível. E também te contar de uma possibilidade que surgiu.

Pensei em usar como fonte as entrevistas das duas mães citadas no texto, Raquel e Neide. Elas buscam visibilidade em seus casos e já concederam diversas entrevistas em canais de TV e internet. Eu ouvi várias dessas entrevistas e me chamou muito a atenção o fato de que os trechos dos relatos de Raquel e Neide, nos quais elas contam especificamente sobre violência sexual, são recontados de forma diferente de acordo com as críticas que recebem. Não como uma forma de manipular a situação, e, sim, como uma forma de se explicarem.

Raquel relata que, ao conhecer o pai de suas filhas, ela estranhou o comportamento dele em relação à filha que ele já tinha. Mas, como assim ela estranhava e não denunciou? Como assim ela teve uma segunda filha com ele? Perguntas desse tipo surgem aos montes nos comentários, muitas vezes anônimos, das entrevistas dela. O que me fez notar que, nas entrevistas seguintes, ela acrescenta detalhes em sua narrativa que explicam esses pontos. A construção desses relatos deixa muito evidente para mim a falta de empatia e de conhecimento – inclusive técnico – das pessoas comuns, que acompanham essas histórias, e do judiciário, que julga esses casos.

No caso da Lei de Alienação Parental, essa questão das narrativas é ainda mais preocupante, uma vez que a própria noção de alienação parental vem de uma teoria muito controversa do ponto de vista dos estudos feministas e de gênero nos quais me baseio. Nesses casos, gostaria de relacionar a dificuldade em conciliar a necessidade de comprovação oficial em casos envolvendo violência sexual com a diversidade – ainda desconhecida – das formas de falar sobre ela.

Você acha que isso seria possível, professor? Na carta para o professor Pepe, eu falei um pouco sobre essa necessidade de trazer alguma serventia ao meu trabalho. E eu sei que não é necessário, mas eu queria muito.

E, para concluir, surgiu – mediante o intermédio de uma colega que conheci recentemente – a oportunidade de hospedar minha pesquisa no repositório Tainacan.

Eu havia pensado em um banco de relatos, mas acho que de pesquisas é mais viável.

Preciso finalizar novamente esse texto e te enviar hoje ainda, como combinamos – e acrescentar uns 10 gatinhos novos no texto artesanal. Vou esperar – muito apavorada como sempre – sua resposta.

Um abraço,

Lud

Professor Rodrigo,

Acrescento mais um retalho de texto a essa carta. Definitivamente não consigo reescrever algumas coisas. Preciosismo, como você me alertou, ou obsessão em preservar os vestígios da construção dessa dissertação? Eu defendo a segunda alternativa.

Eu reli todo o meu trabalho, do começo ao fim – inclusive as versões artesanais que te entreguei ao longo desse tempo. Revi todas as cartas manuscritas, as anotações, as aquarelas,

os esboços, as cinzas das cartas que queimei e que viraram manchas presentes nas pinturas que compõem a exposição, e, também as cartas deixadas de fora, que não foram enviadas, que foram escritas para virarem cinzas, mas que se preservam em arquivos para o futuro. Eu reli e revi e retoquei todo o meu trabalho em busca do algo que faltava, ao qual você se referiu em nossa última conversa de orientação. E na tentativa de suavizar a transição entre a escrita mais ou menos ingênua dos meus textos, que você notou e eu enxerguei.

Relendo, meu movimento é o de acrescentar essas cartas que te escrevo já com o tempo esgotado, mais uma vez. Eu realmente tento fazer diferente, mas não consigo. É como se os textos que escrevo fizessem um esquema de pirâmide na minha cabeça. Cada texto chama mais dois ou três amigos, que chamam outros, e minha dissertação vira uma reunião da Hinode.

Nesta carta, quero falar mais de duas coisas que se aquarelam na minha relação com a universidade e com o universo acadêmico no qual venho buscando me inserir com esse trabalho. Quero falar sobre a experiência de ter sido aluna de um professor golpista, que chamo de Professor X, durante o meu mestrado, que consta no texto que escrevi às vésperas da qualificação e sobre ter inserido a discussão sobre alienação parental e convenção de Haia no meu trabalho. E sobre como isso também é sobre o pertencimento do meu corpo-território desconhecido de mim mesma e que ocupa um lugar no campo minado da universidade.

Começemos pelo Professor X. Sei que existe um Professor X importante no mundo dos heróis e mutantes da Marvel, do qual eu não tenho muito conhecimento, mas não tem nada a ver com isso. Eu escolho chamá-lo assim, com um pseudônimo que me recordo constante na fala das mulheres da minha família quando queriam se referir a alguém de quem não podiam ou não queriam falar abertamente.

O Professor X surgiu para mim como professor de uma disciplina obrigatória do mestrado e, desde o início, a presença dele despertou a minha atenção.

Bastante efusivo nas apresentações e brincadeiras (muitas vezes constrangedoras), se convidando para cafês, orientações e bancas, um currículo Lattes de páginas e páginas de publicações, quatro pós-doutorados, bolsa de doutorado sanduíche da Capes e trabalhos premiados.

O professor X, já no começo do semestre, se envolveu em diversos conflitos com vários estudantes, conflitos nos quais ele tinha posturas bastante controversas.⁴⁶ E ele também

⁴⁶ Optei por contar essa história no meu texto de forma pouco detalhada, por ser uma história recente e que envolve pessoas que não tenho o direito e nem o consentimento de expor, mas preciso dizer que à época eu fiquei OB-CE-CA-DA com as histórias em torno do Professor X, que envolviam, inclusive, condutas criminosas – e não resisto à vontade de dizer que escrevi a palavra assim, em maiúscula e separada, porque a Clarissa ama uma

se mostrou absolutamente despreparado para responder as perguntas feitas pelos estudantes em sala sobre os mais variados assuntos.

Era evidente que tinha algo errado ali e eu me perguntava: como isso é possível? Como foi que isso aconteceu? Como é possível que a pós-graduação na qual eu me esforcei tanto para entrar e que me esforço tanto para me inserir por julgar tão importante e reconhecer sua seriedade me traz o Professor X?

Por fim, o Professor X foi desligado do programa sob acusações diversas e a história foi ficando pra lá, mas, durante a revisão final do meu trabalho, eu acabei retomando-a, numa fala que fiz como discente na reunião de planejamento estratégico do PPGDH. Falei da minha insegurança naquela ocasião e do quanto a história envolvendo o Professor X me dizia de um modelo de universidade e de pós-graduação que eu rejeito, que não me cabe, que não constrói a minha pesquisa. E, por isso, acabei falando dela aqui.

E aí é que entra a segunda coisa da qual eu queria lhe falar e que diz respeito à inclusão no meu texto da reflexão sobre alienação parental, a Convenção de Haia e as histórias de Raquel e Moara. Esse texto nasceu no semestre em que fui aluna do Professor X e no qual eu me preocupava muito com a minha inadequação ao meio acadêmico no quesito de produtividade. Foi ali que comecei a entender um pouco mais como funcionava a pós-graduação, suas regras – de etiqueta e de funcionamento –, seus acordos internos e suas contradições. As conversas que tive contigo me ajudaram bastante nesse entendimento. Lembro que você me falou sobre a minha ilusão acerca da universidade. E eu tinha mesmo, tantas... Ainda as tenho, confesso, mas hoje elas são menos ingênuas, como os meus textos.

Mas eu lhe dizia que, naquela época, eu tentava costurar no meu trabalho algum retalho que permitisse me inserir em um grupo de pesquisa, como o de migrações, por exemplo; ou com o qual eu conseguisse inserir meu trabalho de alguma forma nas discussões consolidadas no campo dos Direitos Humanos. Eu estava cursando muitos créditos, diversas disciplinas, atordoada com as leituras e com medo de não conseguir escrever tudo o que me era demandado nas disciplinas “do meu jeito”, nesse processo que só depois eu entenderia e conseguiria nomear. Eu queria uma alternativa. Queria escrever sobre algo que não passava tão por dentro da minha história, embora ainda me aproximasse dela. E pensei diversas vezes

música de mesmo nome, vive cantando OB-CE-CA-DA e eu não consigo escrever essa palavra sem incluir, de alguma forma, a vizinha dela que canta enquanto escrevo. Que me atravessa e me interpela querendo saber do meu mestrado que tanto me ocupa. E que eu tento encontrar meios de traduzir para ela, até mesmo com a cantora e autora da música, Isa Buzzi. Ela faz músicas e vídeos contando a história das músicas, de como surgiram a partir de coisas que aconteceram na vida dela. E usa coisas que ela gosta, como sombra azul e tênis All Star, para compor seus clipes e sua marca, e, contar – ou cantar – sua história. Eu disse para a Cla que a Isa Buzzi usa as histórias da vida dela para criar músicas e eu uso as minhas para escrever meu mestrado. E que faço isso também utilizando as coisas que eu gosto, como aquarelas e cartas.

em retirar esse conteúdo do arquivo final, mas não consegui. Eu tenho apego ao esquema de pirâmide dos meus textos, eu sei.

Mantê-lo aqui, além de apego e obsessão em preservar os vestígios, é também um grito e um manifesto contra violações das mais diversas que sofremos como mulheres, meninas e mães, dia após dia.



[Inconsciente Líquido – esquema de pirâmide de textos](#)

TERCEIRA CARTA

UnB, Brasília-DF, 27/11/2023

Professor Rodrigo,

Chamo essa carta de “mais um texto inacabado” porque hoje eu deveria estar te enviando o que eu chamei de “último texto finalizado”, nas anotações que fiz na nossa última aula de orientação, o que você já deve ter percebido que não é.

Esse texto inacabado é sobre uma pergunta. Uma pergunta que me fiz sobre o trabalho de um colega. E me fiz porque fui provocada pelos trabalhos e com a viagem para a IX Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, na UFG. Na verdade, é sobre algumas perguntas. E sobre perguntas que eu só posso fazer porque a minha pesquisa é autobiográfica e o meu orientador é você. E sobre o lugar disso tudo na academia. E também uma tentativa de “dar nome às coisas”, como você sempre diz que precisamos fazer. E sobre as reflexões provocadas na disciplina de Antropologia da Violência que cursei esse semestre.

O fato de estar no mestrado me conferiu alguma autoridade e fez com que um amigo me pedisse uma ajuda. Ele soube que o meu tema envolve violência sexual e me disse que vem pesquisando isso também. Ele me contou sobre a ideia dele e sobre o que ele vem escrevendo – que, num resumo simplista, é sobre analisar o impacto de políticas públicas em torno do dia 18 de maio e a efetividade de campanhas visando o combate desse tipo de violência. Ele me explicou tudo isso, me perguntou o que eu achava e se eu poderia dar algumas ideias para o trabalho dele, algumas dicas, visto que ele está em fase de candidatura para o mestrado.

E aí surgiu a pergunta sobre a qual eu precisava te escrever e sobre o que ela me fez pensar. Em algum momento da conversa, eu disse mais ou menos assim pra ele: “Como você pretende lidar com o fato de que o que a lei tipifica como violência sexual não seja percebido por você como violento?”. Pra mim, é uma pergunta importante a se fazer. Porque você me diz que quer combater uma coisa e, academicamente, eu acredito em você, mas eu não consigo me desligar do fato de que eu sei que você vê como possível, legítimo e válido o contato sexual de adultos com crianças e que, em alguns contextos, isso pode não ser violento. Pra mim, de certa forma, o seu pensamento disputa com a sua proposta.

Nesse momento, ele me olhou horrorizado. Eu percebi o desconforto dele e justifiquei: “É que a minha pesquisa é numa linha autobiográfica, então, eu fico curiosa com essas coisas. Porque, pra mim, é importante saber o que as pessoas que pensam e que pretendem pensar

políticas públicas sobre violência sexual pensam sobre si mesmas e sobre as experiências que viveram. E eu só estou dizendo isso porque você já me contou que, aos nove e onze anos, transou com mulheres maiores de idade⁴⁷ e não se via como vítima de violência sexual. Porque você gostava, porque era bom, porque você queria, buscava e nunca viu como errado, nem nunca causou dor nem incômodo nenhum. E você não é o primeiro homem que ouço falar assim, era um relato comum entre meus alunos também. Então, eu acho que é importante te perguntar isso, mas eu só posso te perguntar isso porque conheço um pouco da sua vida e estamos entre amigos. Você não precisa falar disso no seu texto, o que mais tem na academia é gente que escreve sem colocar perguntas que levam mais pra esse campo de autobiografia”.

E ele disse assim: “Você tá querendo dizer que eu relativizo violência sexual?”.

“De certa forma, sim”, eu respondi, “Se você trabalha no conceito de legalidade – o que eu te aconselho que faça –, sim, acho que relativiza. Essas perguntas não precisam ser abordadas de forma explícita no seu texto, quase ninguém faz isso. Você não precisa falar das experiências da sua vida na sua pesquisa. Eu tô perguntando porque é como eu venho tentando construir meus pensamentos”.

E aqui, professor Rodrigo, entra o fato de que algumas pessoas bem próximas a mim me disseram que anda difícil se comunicar comigo porque eu aprofundo e problematizo demais as coisas; e isso acontece mesmo. Mas como ouvir um amigo falar que pesquisa violência sexual sabendo que ele viveu experiências que legalmente se enquadram como criminosas, logo, traumáticas, mas que ele não percebe essa experiência desse jeito e não questioná-lo? Eu não consigo. Porque, pra mim, esse detalhe autobiográfico faz toda a diferença em como eu leio a pesquisa dele.

Mas, esses detalhes autobiográficos não são detalhes. E ficam de fora do texto. Então, aqui eu penso sobre a importância acadêmica das narrativas autobiográficas. A professora Manoela disse, na aula do dia 23 de novembro de 2023, que escuta muito que fazer narrativa autobiográfica é fácil e não é. Eu concordo. Porque, pra mim, é muito difícil tentar defender academicamente o argumento de que um detalhe autobiográfico sobre a vida do meu interlocutor me faz questionar academicamente o argumento dele. E quanto da ciência não se construiu assim? Com pessoas conversando com amigos e construindo ideias e tendo poder,

⁴⁷ Chamo a atenção para um comentário muito pertinente que você fez, o qual me provocou a pensar sobre a ficcionalização das histórias que os homens são levados a contar como forma de se sentir em vantagem. O que se confirma na ideia da atuação do dispositivo da eficácia nos homens, que – retomando o livro da professora Valeska Zanello (2018) – associam virilidade e desempenho sexual à masculinidade.

espaço, dinheiro, influência e a herança que importa – tão bem explicada pela Senhorita Bira⁴⁸ – para dizer que suas ideias eram a ciência.

E todo esse pensamento me motivou a escrever muito mais que ao finalizar o texto anterior. Porque eu entendi o lugar de importância de uma narrativa de violência sexual e do quanto isso é importante para mim e para os meus processos – enquanto mulher que sofreu violência sexual – na hora de contribuir com a pesquisa de um colega. É um tipo de pergunta que eu defendo como academicamente muito válida e que é desconsiderada. Perceber a importância desse tipo de narrativa numa construção acadêmica simples de dois estudantes sem projeção e sem publicação nenhuma me faz pensar no quão pouco se olha para esses detalhes autobiográficos na construção do pensamento validado como científico por aqueles que podem ditar essas coisas.

Então, essa carta é quase que uma ode às narrativas autobiográficas como importantes no meio acadêmico. E essa discussão se tornou importante o suficiente para mim para, mais uma vez, acrescentar um tema a esse trabalho quando eu deveria decidir sobre como lidar com as histórias de Moara e Raquel. E ela me motivou a bancar a escolha de não te entregar o que você me pediu, e, sim, outra coisa, rompendo, assim, o último fio de lógica que eu julgava ter.

E, bancar isso só está sendo possível, para mim, porque autobiograficamente eu sou autorizada a pensar sobre isso no meu mestrado. E sobre o quanto de transgressão e ruptura com isso eu sustento de verdade. Hoje eu sustentei te mandar esse texto novo e não o outro finalizado. E acho que isso aconteceu porque na semana passada, na Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia (IX REACT), eu falei da minha avó encomendadeira de alma de Correntina-BA. E das colchas de retalho que ela fazia e vendia nas ruas de Ceilândia-DF para comprar mistura para o almoço. Ela fazia almofadas também. E esse ofício das colchas e almofadas é parte de mim. Eu ajudava a separar os retalhos que ela ganhava das costureiras da rua, ajudava a lavar e a cortar as espumas que ela usava como enchimento.

As mesmas mãos que digitam esse texto lavavam enormes pedaços de espuma, restos de colchões imundos de indizíveis secreções humanas que as minhas sensações infantis não sabiam nomear, concentrada que estava nos milhões de bolhas que atravessavam meus dedos. Eu separava os retalhos ora por cores parecidas, ora por cores que combinavam, e me lembrei disso quando aprendi sobre círculo cromático nas aulas de aquarela. Meu círculo cromático eram os retalhos da minha avó.

⁴⁸ Referência ao podcast: 6 – A Herança que Importa. [Locução de]: Senhorita Bira. [S.l.]: O Algoritmo da Imagem por Senhorita Bira, 30 mar. 2023. Podcast. Disponível em: <https://podtail.com/pt-BR/podcast/o-algoritmo-da-imagem-por-senhorita-bira/6-a-heranca-que-importa/>. Acesso em: 25 out. 2024.

Eu sempre era responsável por perfumar as almofadas. Colônia Alma de Flores ou Leite de Rosas, bastante, pra pessoa pegar e sair cheirosa.

Esses cheiros, esses tecidos, as rezas dela para as almas e sua fé na proteção das mesmas, eu falei sobre tudo isso no trabalho da IX REACT como ciência. E vi que a ciência valida como científicos os conhecimentos da minha avó, ao mesmo tempo em que a academia me traz a fala de Antônio Bispo⁴⁹ e seu dizer de não querer ser ciência não. O que ele faz não é ciência, são saberes orgânicos, palavras que germinam em encruzilhadas e que me fazem voltar a dialogar com a Antropologia como um fazer possível para mim. E essa fala me chega por meio de um professor num congresso acadêmico, que como homem branco e de prestígio me diz que ninguém nunca fez Antropologia sozinho e que foi o pensamento dos povos estudados que formou o pensamento ocidental. O que se relaciona com a disciplina de Antropologia da Violência e o que ela me trouxe sobre a discussão acerca da construção da subjetividade por meio da noção de vítima construída pelo judiciário. E, da mesma forma que, em todos os semestres, eu acabo costurando disciplinas diferentes, ou trabalhos diferentes, em um texto só ou em textos que dialoguem entre si, esse detalhe não me passa batido. Eu percebo a relação dele com a colcha de retalhos da minha avó, com a aquarela... Meu pensamento e meu escrever da dissertação está sendo costurado, aquarelado, desenhado e sentido durante o meu escrever dos textos que preciso entregar para a banca.

E eu entendo que preciso fazer isso. e vou, eu sei que vou. E eu sei porque eu banco acreditar nisso. Eu banco porque você me autorizou, quando sentado de perna cruzada e cara de sonso, mas, ao mesmo tempo, firme e seguro, como um carvalho na mata. Você me fez acreditar que está tudo bem e que não estou tão perdida assim. Mais ou menos como disse no fac-símile que agora te entrego original na versão artesanal.

Eu não fiz o que você me pediu, mas eu me apropriei do que você me ensinou e estou justificando porque eu escolhi fazer assim e não do outro jeito. Explicando as minhas escolhas e com quem elas dialogam. Eu aprendi sobre o fac-símile, o simulacro, estou organizando o texto em remissão de referência e apêndices, e vou fazer uma carta de apresentação mais instrumental de como ler esse texto. Eu aprendi, eu sei o que eu estou fazendo, mas eu me sinto muito culpada com a simples ideia de transgredir um pedido do meu orientador.

⁴⁹ Na conferência de encerramento da IX REACT, o professor Marcio Goldman (Rede..., 2024b) leu uma carta para os participantes que me impactou muito. Nela, ele falava do impacto do pensamento de Antônio Bispo dos Santos na ciência e na universidade, mas ele ainda não disponibilizou o texto para publicação, de forma que eu ainda não tenho essa referência completa. Mas, na carta, ele cita um encontro dele com Bispo e de como ele repensou sua prática nessa troca. Esse encontro a que ele se refere está disponível no YouTube com o título de Palavras Germinantes (Centro..., 2023).

Ir para a IX REACT, e participar das discussões ali, me deu uma sensação que posso descrever melhor reproduzindo a reação do colega que trabalhou e apresentou comigo. Ele disse: “Eu corri pra ligar pro meu pai lá em Santana-DF e falei assim: ‘Pai, o senhor não vai acreditar, aqui eles estudam a gente, as coisas que a gente faz aqui são importantes’”. Ao que foi provocado: “Essa validação, quem pode dar?”. E quem pode dizer quem é também diz quem não é. E eu não sou.

Não sou e sou um monte de coisas. Não sou indígena, não sou cabocla, sou branca, sou neta de encomendadeira de almas que criou uma colônia de Correntina-BA na Ceilândia-DF e que me traz na prática, e não apenas na teoria, um entendimento do corpo como território. Me faz pertencente a uma aldeia solitária que se vê afogada no rio do que não viveu, como construído por Célia Xakriabá (2018). Que descobre conversando com um colega Guarani Kaiowá, doutorando na UFG, que existem apitos que eles usam para se comunicar com os passarinhos e eu venho descobrindo essa comunicação há dois anos, na minha vida, no dia a dia, como mais um detalhe autobiográfico que tal como o meu colega da pergunta inicial, poderia deixar passar.

Enfim, professor, eu sempre me lembro do “vai doida, vai” e estou indo.

Por fim, não desisti da nossa programação acordada e vou cumprir, só te peço um pouco mais de tempo, de novo. Acho que esse texto pode ser um embrião da carta teórico-metodológica que, por algum motivo, teimou em vir antes, atrapalhando a minha programação.

No mais, eu confio em você, embora me sinta completamente incapaz de concluir esses processos. O que me fez pensar no que você disse sobre encontrar um lugar de trabalho acadêmico onde eu possa trabalhar nisso, e essa possibilidade me ajuda a respirar.

Eu queria muito mais tempo para dar continuidade a essa colcha de ideias, conceitos e coisas sem nome para nomear. E, relendo as minhas anotações de aulas de semestres passados, eu vi uma nota de uma dica que, tão generosamente, a professora Elen Geraldles nos passou: “na qualificação, você pode pedir para ir para o doutorado, daí já emenda e faz um trabalho só, nosso programa aceita, é possível”. E eu, contrariando minha baixa estima e meu desespero de como eu vou defender uma tese sem ter nenhuma publicação, quando colegas da minha turma já tem várias, enquanto eu não tenho nem um lugar onde possa deixar meu trabalho, visto que ele não é só um PDF. Enfim, seria possível pensarmos nisso? Pra mim, seria perfeito. Seria confluência. Eu não sei se bancaria um doutorado sem fazer um mestrado. Acho que pularia um rito também, e eu costumo ser apressada.

Na época do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA), na primeira série, me passaram para a terceira – do CBA iniciando para o CBA concluindo, pulando, assim, o CBA continuando. Eu chorei tanto que me voltaram. No Ensino Médio, eu não esperei o Programa de Avaliação Seriada (PAS) e passei no vestibular no meio do ano. A escola me liberou. Até hoje tenho pesadelos que volto para o Ensino Médio já sendo professora e é assustador sonhar, mas sempre dou risada quando lembro. Então, diante dessa possibilidade que anotei, me vi pensando nisso também. Sobre ter mais quatro anos para continuar pensando-sentindo-costurando-elaborando-nomeando tudo isso e que sonho seria.

Obrigada por tudo, professor Rodrigo.

Ludmila

Professor Rodrigo,

Sigo a procura do algo que falta, e, na tentativa de suavizar a transição entre os textos de antes e de depois da qualificação, nem preciso te dizer o que já estou fazendo: te escrevendo mais uma carta. Mais uma carta que nasce no enquanto (Battistelli, 2022), enquanto brigo com o tempo que corre e que se desfaz, com pássaros que caem mortos hoje com a pedra que Exú jogou ontem, com a data da banca chegando, com os prazos apertados, com minha mãe mudando os medicamentos e com Clarissa de férias.

Nela, venho costurar melhor meu entendimento do meu trabalho depois da nossa última orientação, tomando como base a carta anterior, na qual falei da pergunta do meu colega, da minha experiência na IX REACT e da minha vontade de continuar costurando a colcha que havia acabado de retomar no meu corpo território desconhecido de mim mesma. E, também, trazer mais um retalho, um bem pequeno, de um tecido muito vistoso que não passa despercebido às minhas vistas e que pretendo reencontrar em outras colchas.

Esse retalho é sobre as denúncias graves e consistentes de assédio sexual que envolvem Boaventura de Sousa Santos, figura conhecida no meio acadêmico que vivi desde a graduação. Eu li textos dele, participei de seminários, aulas, palestras e conversas nas quais sua obra – ou ele? – era citada, estudada e comentada como válida, como aliada. E, ao longo do meu mestrado, soube das denúncias de assédio sexual⁵⁰ que o envolviam. Denúncias que

⁵⁰ Aqui tem um bom resumo da história: CORREIA, Mariama. Pesquisadoras deixam anonimato e contam que sofreram assédio de Boaventura de Sousa Santos. **A Pública**, 23 maio 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/05/pesquisadoras-deixam-anonimato-e-contam-que-sofreram-assedio-de-boaventura-de-sousa-santos/>. Acesso em: 25 out. 2024.

soube já serem antigas, comentadas no boca a boca dos corredores das universidades, incluindo a UnB, e desconsideradas – ou apagadas, silenciadas? – nas ementas com textos dele ou nos seminários que ele proferia. Daí, como na história do meu colega, eu me pergunto: será que a história de vida de alguém, sua (auto)biografia e sua vida como um todo são separadas daquilo que produz? Que tipo de estrutura permitiu que alguém com um comportamento tão nocivo como professor e orientador tivesse tanto espaço na minha formação e na de outros estudantes?

Essa também foi uma decepção com a universidade que eu idealizava⁵¹, principalmente porque aqui mesmo, na UnB, eu vi os desdobramentos desse caso respingando em gotas de silenciamento e opressão. Em relatos e histórias que, assim como o meu incômodo com o Professor X, ficariam de fora do meu texto, mas que nesse momento saem. Talvez porque eu também falei dela na reunião de planejamento estratégico do PPGDH⁵², e falar algumas vezes me ajuda a nomear e escrever também.

Eu não pude deixar de notar que a primeira denúncia pública delas, ainda anônima, foi por meio de um artigo⁵³; e, meses depois, veio uma carta na qual elas se revelavam e assumiam publicamente a denúncia. Uma carta para falar de violência sexual. Não tinha como essa história não me atravessar até a alma. E eu cheguei a escrever uma carta sobre esse assunto, mas ela foi para a pilha das que viraram cinzas, que viraram manchas, embora se preserve na pasta de “arquivos para o futuro”, de forma que decido acrescentá-la aqui. Essa carta era para ser uma pergunta para as candidatas à coordenação do PPGDH (quando você e Elen estavam saindo). Ela era sobre esse meu incômodo com o caso em questão. E, hoje eu vejo, também sobre a minha tentativa de falar sobre o tema que me propus: a violência sexual.

Carta às professoras Doriane e Vanessa

Olá, professoras Doriane e Vanessa,

Eu me chamo Ludmila e sou mestrande no PPGDH, com a orientação do professor Rodrigo Matos de Souza. Tenho trinta e oito anos, quinze deles como professora de Sociologia na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tenho uma filha e dois

⁵¹ Paulinho da Viola, em *A dança da solidão* (1972), canta: “Meu pai sempre me dizia, meu filho tome cuidado. Quando eu penso no futuro não esqueço o meu passado. Decepção, decepção...”.

⁵² A natureza desse trabalho, e também a segurança das pessoas envolvidas, me impedem de falar explicitamente desses relatos, mas eu preciso dizer que eles existem e que permeiam a construção da minha pesquisa e do lugar do meu corpo território na universidade.

⁵³ “The walls spoke no one else would: autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia”, de Lieselotte Viaene, Catarina Laranjeiro e Miye Tom (2023).

gatos. Minha dissertação está sendo construída por meio de cartas (auto)biográficas e como uma ferramenta de emancipação dos episódios de violência sexual que sofri na infância e adolescência.

A reflexão acadêmica interdisciplinar sobre violência sexual, narrativa e direitos humanos que venho construindo em meu trabalho entende o direito à fala, inclusive acadêmica, sobre a violência sexual como um direito a ser garantido. E é mais ou menos sobre isso que quero lhes falar. Na verdade, para ser totalmente sincera, essa carta nasceu da angústia de uma pergunta que não fiz porque não consegui entrar na reunião de apresentação da candidatura de vocês, visto que o Google Meet simplesmente deu um bug qualquer que eu não entendi, mas que me mandava reinstalar antes de usar, e, mesmo fazendo isso, ele continuava pedindo a mesma coisa.

Enfim, eu queria fazer uma pergunta, mas não sabia bem ao certo como formular a pergunta que eu queria fazer. Mas eu realmente queria fazer e sabia que na hora, de alguma forma, ela ia sair, provavelmente contrariando a parte de mim que nunca entendeu porque, em eventos acadêmicos, as pessoas fazem perguntas que são precedidas de apresentações tão longas que parecem uma nova palestra. Hoje, de certa forma, entendo e provavelmente a minha pergunta seria precedida de uma breve e confusa explicação, o que venho tentando melhorar a cada vez que falo publicamente sobre o meu trabalho e sobre as violências que sofri. Mas não consegui entrar na reunião e a pergunta continuou aqui, de forma que resolvi lhes escrever e lhes perguntar o que eu queria.

Quis a vida ou a tecnologia – ou a minha pouca habilidade com ela – que minha pergunta esteja vindo em forma de carta e, sendo assim, acredito que consigo organizar melhor as ideias do que provavelmente teria conseguido falando. Posso fazer com mais tranquilidade e segurança a mini palestra introdutória antes da minha pergunta de fato, posto que ela não é uma pergunta fácil de formular.

Essa pergunta tem a ver com a minha história e com muitas outras. É uma pergunta sobre falar. Sobre posicionamento. Sobre narrativas. É (auto)biográfica, assim como meu trabalho tem sido. Talvez, na verdade, nem seja apenas uma pergunta, sejam várias.

Estou acompanhando os desdobramentos do caso do professor Boaventura de Sousa Santos e meu interesse por esse assunto decorre justamente das minhas reflexões sobre narrativa, sobre violência sexual e sobre a escrita (auto)biográfica na academia. Afinal, envolve um professor – que, até outro dia, eu lia – em relatos, a princípio anônimos, de violência sexual.

Hoje, esses relatos têm rosto e têm nome porque, de alguma forma, essas mulheres acreditaram que poderiam falar sobre o que viveram. Elas mostraram o rosto um ano depois do primeiro texto, ao verem que tudo seguia exatamente como sempre foi. Ele foi afastado voluntariamente, elas receberam um pedido de desculpas institucional vago e apenas isso. Já existiam relatos de várias mulheres sobre as violências que sofreram por parte do professor Boaventura e eventos com ele ainda eram divulgados dentro do nosso programa, por exemplo. Elas mostram o rosto como um movimento de resistência. Para que não caia no esquecimento. Não fique por isso mesmo. Não seja deixado para lá. E a pergunta que quero lhes fazer é tão importante para mim porque, de alguma forma, eu também passei a falar “mostrando o rosto” por acreditar que essas histórias precisam ser ouvidas, que é um direito contá-las.

E eu fiquei pensando muito nisso, sabe? Pensando que essas mulheres precisaram mostrar o rosto ao contar das violências que sofreram para que suas falas tivessem alguma validação, na esperança – a tão famosa, do verbo esperar – de alguma reparação ou justiça. Os relatos delas são realmente impactantes. Eu sei o que é sentir que um momento tem o poder de impactar negativamente todo o restante da sua vida. E sei o quanto falar sobre isso pode ser uma ferramenta potente de emancipação da dor. E, se lhes falo dessa dor hoje, é porque vem dando certo.

E, por poder falar dessa dor, professoras, diante da dimensão dos relatos dessas mulheres, como estudante desse PPG, eu me senti bastante constrangida em saber que na defesa do professor Boaventura tem alguém tão próximo ao nosso programa. E, que diante dos relatos delas, ele diz que o referido professor está sendo confrontado por cartas apócrifas e denúncias imprecisas. É constrangedor. Por isso também a minha dificuldade em formular a pergunta. Percebem que ela não tem a ver com questionar o direito de defesa de ninguém? Ela é muito mais no sentido de buscar entender de que forma vocês, como coordenadoras desse PPG, entendem esse contexto que não se trata de um caso isolado do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e, infelizmente, é uma realidade no meio acadêmico. Não consigo passar batido diante da constatação de que a defesa de Boaventura, de certa forma, esteja próxima ao mesmo programa no qual me sinto absolutamente confortável em elaborar minhas experiências de violência sexual, justamente por ser um lugar seguro onde, em regra⁵⁴, me sinto respeitada como estudante e como pessoa.

⁵⁴ Como essa carta está sendo pensada como a pergunta que eu teria feito, me permito incluir aqui que eu digo em regra porque eu, provavelmente, faria alguma piada interna sobre ter tido aula com um professor de procedência duvidosa e indicações precisas. (O Professor X aí de novo!)

Então, a minha pergunta, finalmente, é, na verdade, um desabafo ou uma conversa mesmo, sobre um tema que não passou batido apenas para mim, mas que também atravessou outras colegas com quem converso. É para saber um pouco sobre o que vocês pensam a respeito desse desconforto, dessa encruzilhada ou desse desafio que lhes apresento como porta voz, mas, repito, é compartilhado com mais estudantes. E é por isso que não considero a minha pergunta uma pergunta fácil de formular. Por isso eu faria uma explicação antes de perguntar o que, de fato, eu queria saber. E, no fim, talvez o que eu queira mesmo seja compartilhar e ouvir de vocês de que forma podemos conversar sobre tudo isso com vocês como coordenadoras.

É isso, espero que minha longa explicação faça com que a pergunta tenha sentido e encerro com votos de que tenhamos outras oportunidades de diálogo e sem falhas tecnológicas para mim.

Um abraço,
Ludmila

Fiquei feliz em ter um futuro no qual consigo falar dessa carta. De como reler essas coisas que escrevi, quase sem respirar, hoje me ajudam a entender melhor o que venho fazendo nesses dois anos. E que passa também pelo movimento das cartas. Eu gosto dos “movimentos que elas causam em quem as lê” (Battistelli, 2022, p. 32), dos caminhos que elas podem seguir. Você se lembra que na versão artesanal que te entreguei, junto com a terceira carta, tinha uma carta para Carol? Quando a escrevi, e coloquei como parte do meu trabalho para te entregar, eu não sabia o rumo que ela iria tomar; não sabia se você iria ler, visto que era uma carta para outra pessoa dentro de um trabalho para você⁵⁵; ou se iria entregar para ela. Acabou que ela encontrou por acaso, leu e me respondeu com uma carta tão linda e generosa... E que passou pelas mãos dela, em pontos e letras.

⁵⁵ “Querida te perguntar uma coisa: você leria cartas que não foram escritas necessariamente para você?”; é assim a professora Bruna Battistelli (2022) interpela seus leitores quando compartilha em seu trabalho as cartas que ela escreveu e recebeu e que narram o processo de pesquisa dela, sua relação com a psicologia, a construção do seu pensamento que acontecia com autores e pesquisadores e várias outras coisas que o vento trazia ao seu pensamento e vida. Eu acho que tenho feito algo parecido no meu trabalho, mas quem traz é o rio.

Eu espero que a carta daquelas mulheres que ousaram desafiar o Professor Estrela se movimente nos ventos e nos rios, que conflua com outras águas, que seja lida, lembrada. Que a merda da qual ela trata vire adubo, que ajude a germinar as sementes de uma universidade mais segura, sem tantos campos minados. A desilusão que Paulinho da Viola canta me impede de imaginar que um dia ela possa ser completamente segura, eu olho para o futuro, mas não esqueço o passado. Que ainda é presente, que está aí nas ementas, aulas e seminários cheios de más venturas.

Ludmila

4 CARTA DE CONCLUSÃO OU BREVE DESPEDIDA 1: ESCRITA ANTES DA DEFESA

Essa carta é dedicada às mulheres que, assim como eu, foram crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.

Eu me chamo Ludmila, tenho trinta e nove anos, sou mãe da Clarissa, mestranda em Direitos Humanos na UnB e moro em Brasília-DF. Tenho a pele entre um marrom amarelado meio desbotado e um marrom dourado, ou cinza escuro quando tomo bastante sol. Socialmente sou branca. Cabelos lisos, normalmente bem compridos, mas, por conta de uma promessa da minha avó materna, ele está curto, acima dos ombros. Meus olhos são grandes e levemente puxados. Meu nariz é pequeno e parece uma cópia do nariz da minha avó paterna. Minha boca é grande, meu sorriso mostra todos os dentes e eles são bem alinhadinhos, mesmo sem nunca ter usado aparelho neles, algo que sempre me perguntam. Gosto de me vestir com tons de terra e verde. Amo gatos, plantas, decoração, aquarela, teatro, chocolate, pipoca e manga verde com sal. Essa carta faz parte do meu trabalho no mestrado, que, de forma bem resumida, é um exercício (auto)biográfico sobre a experiência de escrever sobre violência sexual num espaço acadêmico. Ou talvez sobre a minha dificuldade de fazer isso.

Eu fiz questão de fazer essa pequena apresentação de mim mesma no parágrafo anterior, mesmo muito tentada a retirá-la por esse ser um texto de conclusão – ou breve despedida. Porque essa carta é dedicada às mulheres que, assim como eu, foram vítimas de violência sexual na infância e/ou adolescência e, antes de falar sobre isso, eu precisava falar pelo menos um pouco das muitas outras coisas que eu também sou.

A primeira coisa que quero falar é que dedicar essa carta às mulheres que foram crianças e adolescentes vítimas de violência sexual não é simplesmente uma escolha de escrita, é como me sinto. Hoje, nesse momento em que lhes escrevo, eu não consigo nomear isso de outra forma.

Eu não consigo dizer de mim mesma: sou vítima de violência sexual, sou sobrevivente de violência sexual, sofri violência sexual ou fui vítima de violência sexual. Algumas vezes, eu consigo dizer que fui estuprada, mas esse termo tem um peso difícil de administrar⁵⁶, então eu o evito. Embora não seja obrigatório, se alguma de vocês vier a ler a minha dissertação, verá que todos esses termos já fizeram parte da minha escrita e do meu trabalho. E, não é por

⁵⁶ Um dos meus maiores medos no processo de escrita do meu trabalho no mestrado é que eu sei o peso que tem falar sobre essas coisas de violência sexual, vocês devem saber também. É um campo minado – tal qual a universidade – no qual, a todo momento, explodem bombas de caras de pena, olhares de julgamento e silêncios constrangedores.

acaso que a vontade de escrever para vocês só tenha vindo na carta de conclusão do meu trabalho. É que só agora eu consigo me nomear dessa forma; e essa carta é também uma tentativa de que esse nome me ajude a encontrar outras mulheres para as quais ele também tenha algum sentido. E quem sabe possamos trocar cartas?

Conseguir dizer que sou uma mulher que foi uma criança e uma adolescente vítima de violência sexual foi um entendimento importante do meu trabalho. Pois foi no processo de escrita que um monte de coisas foi sendo remexida no meu corpo, nos meus pensamentos, nas minhas emoções...

Eu me senti muito perdida no processo de escrita desse texto.⁵⁷ Só às vésperas da minha qualificação, enquanto escrevia, no final do meu prazo de entrega já expandido por minha conta, e ouvindo a trilha sonora dos filmes da Frozen, é que eu percebi que havia feito algo que eu entrei no mestrado querendo fazer. Conseguir me nomear e me sentir uma mulher e falar como mulher foi muito importante para mim. E o meu trabalho trouxe uma narrativa autobiográfica que serviu de ferramenta de emancipação do sofrimento de uma vítima de violência sexual, partindo desse lugar, do meu lugar no meu corpo, inclusive como processo de escrita.

Eu fiz do meu trabalho no mestrado uma narrativa autobiográfica que se constituiu numa ferramenta de emancipação do sofrimento de uma vítima de violência sexual; numa abordagem, que aprendi com minha avó a costurar e com Nego Bispo a nomear: contracolonial.

Porque foi escrevendo cartas no meu mestrado que eu consigo escrever para vocês me nomeando de uma forma que não fazia de mim uma vítima, nem uma não vítima, nem uma sobrevivente. Que me dava um lugar. E alguma coisa aliviou em mim quando consegui me nomear. A gente realmente precisa aprender a praticar os nossos nomes (Dorneles, 2021).

Além do alívio de me nomear, outros vieram. Hoje eu consigo dizer que a angústia aguda e constante que eu sentia antes de iniciar esse processo diminuiu e que, por vezes, torna-se até pequena diante de sentires e experiências que habitar um corpo com menos dor permite viver. É como se eu tivesse desbloqueado novas funções em mim, que trazem caminhos tão desconhecidos quanto familiares, caminhos que se constroem a cada passo, com a caminhada. E, assim foi com a minha pesquisa também, repleta de gestos – e textos – inacabados (Salles, 1998).

⁵⁷ Motivo pelo qual peço publicamente desculpas ao meu orientador, o professor Rodrigo Matos de Souza, por ter lhe mandado aqueles áudios vergonhosos. Eu me envergonho tanto que estou falando disso aqui no meu texto porque vergonha maior ainda seria ocultar essa parte do meu processo de mim mesma. E dessa prova.

Foi fazendo a minha pesquisa de mestrado, costurando e aquarelando esse trabalho, nesses dois anos dedicados à leitura e à escrita, nos quais esse era o meu trabalho, minha função remunerada como professora afastada para estudar, que eu também consegui costurar retalhos e misturar cores na minha vida, no meu corpo, nas minhas relações, nos meus sentimentos.

Disso tudo se fez minha autoria, meus textos e esse trabalho que, em algum movimento das cartas, eu espero que te encontre. E, se você for estudante universitária da pós ou da graduação, que a narrativa do processo de construção da minha escrita possa te ajudar de alguma forma a escrever também e que essa escrita possa te ajudar a aliviar, como aliviou aqui.

Desejo que minha escrita possa te alcançar, que ela te faça acreditar nas memórias do lugar onde o vento encontra o mar, que te ajude a seguir o caminho do rio que te leve a se encontrar⁵⁸, que te inspire a costurar os retalhos da sua história na sua própria autoria. E que alivie. Escreva. “Com sensibilidade e raiva, talvez até com ódio, mas sem tornar o processo um martírio”, é para aliviar. E, de verdade, se essa carta – ou esse trabalho – chegar a vocês e a minha forma de me nomear e escrever fizer sentido, só aí esse trabalho terá sido, de fato, concluído.

Talvez, por isso, desde o começo, eu soubesse que essa carta não deveria ser, de fato, uma conclusão, e, sim, uma breve despedida.

Espero que possamos nos encontrar pessoalmente um dia.

Com carinho,

Ludmila

Nesse trabalho eu elaborei dor e sofrimento
E construí conhecimento
Seguindo o curso do rio
Que solta as cabras
E germina sementes
e serpentes
E dele não se escapa
Deixar o rio fluir
Deixar a escrita correr
Foi aceitar que eles agiram à revelia

⁵⁸ SE ENCONTRAR. Intérprete: Myra Ruiz. Compositor: Kristen Anderson-Lopez e Robert Lopez. *In*: FROZEN 2 - Trilha sonora original do filme. Intérprete: Myra Ruiz. São Paulo: Universal Music, 2020. 1 CD, faixa 1.

Enquanto lia
E escrevia.

CARTA DE MARISA: RECEBIDA APÓS A MINHA DEFESA, ENQUANTO EU TENTAVA ESCREVER UMA NOVA CONCLUSÃO

Essa é uma carta difícil para eu escrever, Ludmila, minha amiga e mestra.

É porque não sou muito de escrever cartas...

Há muito pouco tempo eu li a sua carta introdutória e ela ainda reverbera na minha cabeça e no meu corpo. Ela insiste em ficar em mim, mas tenho que me separar dela por um tempo para me dedicar à escrita desta carta para você, para caminhar junto com você em busca de uma carta de conclusão do seu trabalho de investigação do mestrado.

Conclusão?

Não vejo como uma conclusão, mas esta carta pode ser um relato sobre o que você encontrou pelo caminho ao percorrer estes traçados que você mesma construiu, a partir e com seus desenhos, suas aquarelas, seus retalhos e suas cartas. Quando a dúvida sobre o seu percurso vier ao seu encontro, revire seu tão recente baú e releia suas cartas, porque você está lá, a imagem que você construiu da sua vida está presente em cada traço, cada linha, cada cor, cada tessitura e cada palavra escrita.

A vida nunca é constituída de certezas e ter dúvidas é viver, é olhar para si mesma, é tecer cada narrativa (auto)biográfica e se embrenhar em território intocado, selvagem, sem caminhos sedimentados para buscar respostas.

Aventure-se neste território.

Mestra, você está a poucos dias da homologação de um novo título para chamar de seu, conquistado por você, sob uma orientação companheira, e ao lado de colegas, pessoas amigas e família, sempre muito presentes neste percurso. Você já percorreu muito nesta busca. E não estava sozinha! E o título, ele é seu.

Nesta carta derradeira para o processo formal, é importante você mostrar para quem for ler a sua dissertação o ponto de partida e ponto de chegada, mesmo que não se encerre neste ponto. É um percurso, e como tal, cheio de descobertas, incertezas, dúvidas, correção de rumo, novas descobertas. Escreva para trazer para você mesma a clareza que precisa alcançar, de forma que a carta me apresente, e a quem vier a ler esse trabalho, sobre o que ele se trata, como foi o percurso e onde se encontra neste momento de conclusão do mestrado.

Escreva para mim, Ludmila, retomando a base da sua introdução, sobre como foi este percurso e estas descobertas, destacando para mim os fatos mais importantes, se houve uma correção de rumo durante o percurso, o que foi evidenciado e onde você se encontra agora, mesmo que inundada por lágrimas e incertezas.

Afinal como as narrativas (auto)biográficas, como ferramenta de emancipação do sofrimento de vítimas de violência sexual, partindo da sua própria história, favoreceu este compartilhamento com o outro? De que forma conseguiu romper o silêncio que te mantinha sufocada em dor? Como foi vivenciar a oportunidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o tema?

Como foi esse processo de simultaneidade da escrita e de conhecer e desvendar a investigação?

Se propor a viver a pesquisa e pesquisar a sua própria vida nesses dois anos, não deve ter sido uma tarefa fácil, e deve ter proporcionado uma autorreflexão constante.

Por fim, gostaria de saber mais sobre este amalhar de tecidos, retalhos, palavras, desenhos e aquarelas... e para onde elas, juntas, caminharam e como podem conduzir e contribuir com a emancipação de mulheres que foram meninas vítimas de violência sexual a percorrer suas próprias jornadas.

Obrigada, Ludmila, por compartilhar comigo e com o mundo esta experiência, com as dores e as incertezas, com as lágrimas e as descobertas sobre o viver.

Escreva para mim, Ludmila, retomando a base da sua introdução, sobre como foi este percurso e estas descobertas, destacando para mim os fatos mais importantes, se houve uma correção de rumo durante o percurso, o que foi evidenciado e onde você se encontra agora, mesmo que inundada por lágrimas e incertezas.

CARTA PARA MARISA: PARA FINALIZAR A CONCLUSÃO

Marisa, minha querida amiga,

Muito obrigada por se dispor a me ajudar nesse momento tão difícil no qual parece um objetivo inalcançável terminar esse trabalho. Que dificuldade, minha amiga, que angústia. Parece que eu sou tomada por uma espécie de paralisia que é impossível tirar de dentro. E, durante o meu trabalho, nesses dois anos, eu também me senti assim muitas vezes. Parece que eu não tive domínio nenhum sobre a minha escrita e que eu é que fui dominada por ela. Eu não conseguia sentar, pegar o computador e escrever, porque eu não sabia, eu não dava conta... Obrigada por me lembrar que fiz isso também.

Quando eu não conseguia escrever a dissertação, quando eu estava assim, paralisada, eu lia, porque foi isso que o Rodrigo disse para fazer: ‘Está inspirada, escreve; não está, leia’. Ele disse isso em algum momento e eu anotei em um post it em meu caderno. E eu lia muito, até que precisava escrever, porque tinha prazos a cumprir, e ainda não conseguia, e aí eu escrevia assim, como você me lembrou de fazer, de forma livre. Só que aí, eu escrevia muitas coisas. Escrevia contos, diários, desabafos, narrativas, nada muito organizado, tudo muito solto, páginas à mão, rabiscos, textos em word que eu nomeava como “arquivos para o futuro” e, depois de algum tempo, eu também pintava aquarelas. E me debatia com a necessidade e com a angústia de escrever sobre o que eu lia, sobre o que eu aprendia nas aulas, nos cursos, nos seminários, nas palestras, nas muitas coisas que eu pude viver nesses dois anos como aluna de pós-graduação.

Eu fiquei tão feliz, Marisa, de poder estudar, ler, pensar, aprender; e que essa fosse a minha “obrigação profissional”, sabe? O meu trabalho era mergulhar, descobrir, aprender, seguir um fluxo que não tinha um monte de outras mil necessidades que me atropelavam. Eu mergulhei tanto na experiência de ser uma aluna de pós-graduação que eu não consegui separar muito isso da minha vida e acabou que minha pesquisa foi sendo também sobre isso, porque eu sentia necessidade de falar e de escrever sobre o que eu aprendia.

E assim aconteceu também na escrita da dissertação nesses dois anos, Marisa; foi no meu primeiro trabalho, o que na dissertação eu chamei de “primeira carta”. Ela nasceu de um processo tipo esse que vivo agora, com prazo para concluir, sem saber o que escrever, duvidando de mim, tentando encontrar algum fio de sentido para me apegar. Logo no começo do mestrado, eu fiz uma oficina de autobiograficções, com uma atriz e professora que gosto muito, o nome dela é Adriana Lodi. Ela passou uns exercícios de corpo e de escrita que foram muito bons para mim, me ajudaram muito também a conseguir escrever, porque eles traziam meu corpo para as letras. Eram exercícios como pular, correr, se coçar, se acariciar, girar, se balançar... em diferentes intensidades, explorando o corpo e as possibilidades, daí, depois, escrever, sentindo as sensações. Tudo isso ainda é sobre não ter domínio da escrita e ser dominada por ela porque, muitas vezes, a minha escrita só saía assim. Como sai agora nesse fluxo de consciência agoniado. E eu me orgulho de ter conseguido fazer aquele primeiro trabalho para o professor Rodrigo e ele ter visto potencial em mim para continuar fazendo e ter me apoiado e vir me apoiando até aqui.

Assim como me sinto muito orgulhosa e agradecida de você, da Luanna e da professora Manoela que me apoiarem também. Isso me fortalece tanto, Marisa, me dá a sensação de força mesmo; como se fossem colunas de apoio, que me ajudam a não duvidar

tanto de mim, embora eu mesma duvide. Porque, se eu fui aprovada, se isso é real, então, eu fiz algo. Mas o que?

Eu tenho uma pesquisa.

Mas onde ela se escondeu nesse labirinto que eu venho tentando decifrar? E eu me sinto insegura em te mandar esse texto assim, mesmo que você tenha dito: “Pode me mandar”. Isso ainda é sobre o domínio da escrita. E eu volto a digitar nesse fluxo de consciência a minha tentativa de fechar a conclusão do meu trabalho, da minha dissertação. Eu uso os dois termos, mas normalmente chamo de trabalho, porque realmente é um trabalho fazê-lo, em todos os sentidos que essa palavra tem. Essa insegurança que, como você bem disse, te preocupa em relação a mim, Ludmila, não à dissertação. Como o professor Rodrigo também disse no dia da qualificação: “Ela tem medo de ser reprovada na vida”. É essa insegurança que está tão em mim, e que identifico no meu corpo abusado, que eu aprendi nesses dois anos, que também é um corpo fraturado e em reconhecimento. A insegurança que me faz paralisar. A dor que me faz sentir incapaz. A agonia que me faz doer. O desconhecido que me faz chorar. O silêncio que me corrói. A angústia de não conseguir expressar. O medo de caminhar. A ausência de um pertencer.

E talvez eu chame a dissertação de trabalho por isso. Porque é um trabalho lidar com tudo isso na minha escrita, no meu aprendizado, na construção dessa pesquisa que eu fui descobrindo a cada dia o que era. Porque eu realmente não sabia, e só depois da qualificação eu consegui entender que esse não saber era parte do percurso metodológico da minha pesquisa. Mas, até agora, tentando escrever uma conclusão, eu não sei direito se entendi certo. Porque eu não consigo vencer essa insegurança, Marisa. A insegurança, a dor, a agonia, o desconhecido, o silêncio, a angústia, o medo, a ausência. Por que é tão difícil? Como concluir a dissertação, como fazer o que precisa ser feito?

Onde eu me encontro agora é assim, insegura, imersa em dor, medicada, com medo, tentando, tentando muito, minha amiga, concluir esse mestrado, entregar essa dissertação, vivendo esse trabalho de vencer a insegurança que me atrapalha tanto. Talvez eu tenha acreditado que o meu trabalho e essa dissertação teriam um desfecho juntos, mas não foi isso o que aconteceu. Desde o dia da defesa eu tenho chorado muito, você viu, você sabe, nem preciso falar... Choro, pesadelos, crises, dor, agonia. Sabe o Buraco que falei no livro infantil? Parece que ele me engoliu. Minha cabeça foi tomada pela escuridão. A dor tomou conta. Alguma ilha dos meus “Divertimentos” desabou, ruiu... Talvez tenha sido a ponte que eu tentei atravessar, a ponte que passava por cima do rio que eu precisava nadar nesse trabalho e que eu me permiti molhar minhas mãos, desajeitada, nas gotas d’água das aquarelas.

Eu não me afoguei no rio porque foi a ausência do que não vivi nele o que me afogou (Xakriabá, 2018). Eu não me afoguei no rio porque eu insisti em caminhar pela ponte. O medo, Marisa, o medo. O medo que me impede de mergulhar. Eu me lembro agora de uma fala de Antônio Bispo, e é sempre difícil me lembrar das citações exatas dele porque eu assistia e escutava muitos vídeos dele no YouTube, muitos mesmo – enquanto dirigia, enquanto arrumava a casa, enquanto pintava aquarelas e enquanto cozinhava. Eram momentos de estudo ativo, nos quais a voz dele e meu corpo construíam percursos, ordem, manchas e alimentos. E eu dizia que ouvi várias vezes ele falar sobre a universidade como uma grande chocadeira de ovos dos colonialistas. E que não era o mais inteligente querer destruir a chocadeira, era muito melhor gorar os ovos. E que esse era o papel dele e dos parentes dele na universidade. E eu me lembro disso enquanto me questiono o que essa imagem me traz. Parece que, nessa grande chocadeira onde me propus a trilhar o meu caminho de romper o silêncio da violência sexual que me assombrava, eu precisava catar ovos para assar um bolo – e também ajudar a gorar os ovos dos colonialistas? Eu não sei, Marisa, não sei nem mais o que estou vomitando. Então, vou tentar responder outra das questões que me colocou. É isso, a ponte desabou.

Afinal como as narrativas (auto)biográficas, como ferramenta de emancipação do sofrimento de vítimas de violência sexual, partindo da sua própria história, favoreceu este compartilhamento com o outro? De que forma conseguiu romper o silêncio que te mantinha sufocada em dor? Como foi vivenciar a oportunidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o tema?

Marisa, eu escrevi, na maioria das vezes, para o professor Rodrigo. No segundo nome que dei para a dissertação, estava lá: cartas para o meu orientador. Ele me disse uma vez que foi isso que chamou a atenção dele no meu projeto de seleção: uma narrativa (auto)biográfica sobre violência sexual. E eu falei pouco sobre a violência sexual mesmo, como ele disse, o que eu fiz foi falar da minha dificuldade em falar e de como eu precisei construir meios para tentar fazer isso, que, ao mesmo tempo, era escrever a minha dissertação. Talvez a insegurança com a escrita seja a mesma do abuso, sabe? O mesmo ponto de partida, a mesma dor. E, ao mesmo tempo que eu tentava lidar com uma, eu estava tentando lidar com a outra, só que sem saber direito. Eu só estou conseguindo entender melhor agora enquanto vomito para você nessa tentativa tão sofrida de concluir essa dissertação, minha amiga. E eu fujo do

vislumbre de clareza de entender que, talvez, para terminar essa dissertação, eu precisasse entender que, ao final dele, nenhum paraíso espera por mim, apenas um novo brilho do mesmo sol, como diz na música que eu ouvia durante a seleção e que vou parar para ouvir novamente agora.

Ouvi algumas vezes a canção, Marisa. Eu ouvia tanto ela no processo de seleção, que até coloquei um trecho num painel de luz, dizia assim: “a cada passo você já chegou, cada bater de asas já é a meta”⁵⁹, logo após aquela parte que dizia que nenhum paraíso esperava por mim, apenas um novo brilho do mesmo sol. E talvez eu tenha sentido isso quando saí tão triste no dia da defesa, mas eu não sabia nomear que talvez eu esperasse um paraíso ao conseguir concluir esse trabalho que eu sei que segue inconcluso. O que eu preciso fazer é concluir a dissertação, esse carai desse PDF e entregar, pegar o diploma, encerrar essa parte.

E acho que no dia da defesa eu saí triste porque eu não queria assim. Por que doer de novo se havia aliviado tanto? Quando eu consegui me nomear como uma mulher que foi uma menina vítima de violência sexual me aliviou tanto, Marisa, eu não sei explicar, mas é como quando se tira um sapato apertado e desconfortável, ou um sutiã com o arame furando, ou ainda uma casquinha de pipoca na garganta. Esse tipo de alívio eu senti quando, às vésperas da minha qualificação, em um outro momento de agonia e dor, me achando incapaz de qualificar e de escrever, eu finalmente consegui encontrar um jeito de falar de mim. E eu achei aquilo tão incrível, tão grandioso, que eu acho que me esqueci que nenhum paraíso esperava por mim, que a cada passo eu já estava chegando, e o alívio de conseguir me nomear naquele momento me deu o sentido de continuar.

Eu continuei. Eu defendi!

E que bom, Marisa, que eu tive o Adeir naquele momento e que tenho você nesse. Muito obrigada, minha amiga, pelo que tem feito por mim e que eu me sinto incapaz de retribuir, mas que eu sei que existe um jeito. Porque você acredita em mim, Rodrigo acredita, minha família acredita, meus amigos acreditam. Tanta gente resistiu a tanta coisa para eu chegar aqui, para eu ser mestra, sabe?

De uma amiga que, ao seu lado, percorreu estes dois anos vivenciando outras angústias e incertezas e espera chegar, neste momento, com você, à conclusão do mestrado.

Lud

⁵⁹ VOA, voa, voa - Caminhos da vida - Escolhas, Aprendizado (Berimbal). Intérprete: Gabriela Geluda e Primit. Composição: Eduardo Almeida (Primit) e Rodrigo Braga.

RESPOSTA DE MARISA

Minha última carta sobre o seu mestrado, Lud!

Lud, amiga e mestra!

*Obrigada pela sua **Carta de Conclusão do Mestrado**.*

Visceral!

Extraída a fórceps!

Com dores e sofrimento nesse parto, assim eu ouvi sua voz e li sua resposta à minha carta. Mas não quero que o sofrimento perdure. Então, se não houver outra forma de escrever, não me escreva.

Na sua carta, reconheço seu DNA, e como você mergulhou profundamente, percorreu as entranhas para redesenhar e traçar novas linhas de compreensão do seu percurso nos últimos dois anos.

Ao olhar nossas trajetórias, dentro e fora dos muros da UnB, fiquei pensando se o seu percurso no início do mestrado foi sendo conduzido linearmente ou se as reviravoltas conceituais e os novos aprendizados fizeram você buscar outros caminhos, como aconteceu comigo. Foi pensando no começo, que consegui estruturar a conclusão. Foi olhando para trás e buscando na memória, nas boas lembranças da minha incursão em campo, que fui traçando a conclusão da dissertação. Desta vez, me conta sobre estas questões?

Beijos, minha amiga! São poucos passos a mais em direção a outro ciclo da nossa vida!

Marisa Guimarães

23/02/2024

5 CARTA DE CONCLUSÃO OU BREVE DESPEDIDA 2: ESCRITA COMO RESPOSTA À MARISA

Marisa,

No início, eu queria escrever para alguém além de mim. Eu queria botar para fora. Eu queria falar da dor que me paralisava, e, no final, acabei falando e escrevendo da dificuldade de conseguir falar e escrever sobre essa dor. Queria falar para fora e fiquei em dúvida se havia conseguido. Mas, você leu, Marisa, e outras pessoas também leram, e isso é um caminho para essa conclusão. Que esta dor e sofrimento, transportados para escrita, para as cores da aquarela e para tantas outras formas de me expressar, sejam vistas e lidas, principalmente por outras mulheres. Que minha trajetória de mulher, mãe, estudante de pós-graduação e professora, narrada nesta (auto)biografia, abra portas e janelas para outras mulheres que carregam em seus corpos a dor de vítima de abuso sexual.

No início do mestrado, não havia a aquarela. No início era só a escrita e no primeiro trabalho escrevi a mão. Uns desenhos e uns carimbos foram tornando minha primeira carta manuscrita diferente. A partir do segundo trabalho, também nomeado como “segunda carta”, a aquarela veio de forma intuitiva. Água e tinta. Até fiz uma oficina para conhecer a técnica. Primeiro, a aquarela me ajudou a relaxar, a acalmar o meu corpo. Depois, entendi que as cores ajudavam a organizar. Não era um aprendizado da técnica, era a mistura. As tintas se misturavam e tomavam forma, como a minha metodologia e o meu trabalho. A aquarela como forma de me expressar. Inconsciente líquido.

A dissertação foi pensada para ser somente em texto, mas a aquarela também era a minha autoria, além da leitura de outras autoras (Célia Xacriaba, Ana Mumbuca, Bruna Batistelli, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Cecília Almeida Salles, Margaréte Berkenbrock-Rosito, Gloria Anzaldúa, Tatiana Salém-Levy). Todas mulheres! Elas em seus textos, dissertações e livros. Eu, como autora das minhas aquarelas, das minhas cartas e da minha – colorida e cheia de pedaços – colcha de retalhos.

Todas nós somos mulheres e escrevemos.

Escrever, essa ação que faz parte de mim desde que me entendo por gente. Desde muito pequena, eu escrevo todos os dias. Sempre escrevi. Mas sempre para dentro, para mim, para ninguém ler. E, escrever essa dissertação, escrever para fora, embora difícil, não foi um martírio. Ao contrário, me trouxe muita coisa boa. Alívio. Ser capaz de falar, escrever, me nomear. Eu via que tinha voz e isso me aliviava. Ser capaz de mostrar que uma vítima tem voz, que a mulher que se formou, apesar do abuso e fragmentada por ele, tem espaço, tem

corpo, tem alma e voz. A palavra não estava presa e eu poderia me nutrir de muito mais que a dor. Aprendendo a sentir, misturar, costurar, aprendendo a aprender um jeito de existir sem dor. O alívio de novas paisagens. O alívio de sentir meu corpo como um território que, embora ainda muito desconhecido, eu sei que habito, que existo e que me reconheço nele.

E as cartas... Quando vieram, foi como um lugar seguro e uma escrita afetiva que me reconfortou e me fez prosseguir. Eu sempre escrevi cartas! A dificuldade de escrever um texto acadêmico me levou a encontrar na escrita de cartas um lugar inicialmente mais seguro, mas que também me desafiou, na imediatez das cartas manuscritas.

Um dos desafios era lidar com a imediatez, como conceitua Anzaldúa (1981), porque, em algumas horas, apareciam momentos nos quais tinha que escrever porque meu corpo pedia para escrever. Não era nem racional. Era um processo de escrita que me dominava e eu precisa escrever, mas nem sempre eu estava em um lugar para que a escrita fluísse. Assim, vieram as cartas manuscritas, imediatas. Outro desafio eram estas versões manuais, manuscritas e que seguiram seu caminho. O movimento das cartas (Battistelli, 2022) e a fluidez delas não estavam no meu controle. Esse ir e vir das cartas, mesmo que fossem um processo natural de endereçamento e encaminhamento para outras pessoas, tornaram-se um desafio quando comecei a sistematizar e inserir estes escritos na pesquisa, alinhar, costurar o que tinha ido e voltado tempos depois.

De forma organizada, as cartas foram agrupando conceitos e temáticas relacionadas com a pesquisa. A escrita tornou-se um lugar discreto e afetivo. As cartas também me desafiaram. E é aí que a autora Bruna Battistelli (2022) embasa esse trabalho, no movimento que as cartas trazem de ir e vir, onde existe a fronteira entre a oralidade e a escrita.

Um grande desafio foi lidar com a oralidade e a escrita, nessa fronteira que trazia dificuldades e barreiras. Mas as cartas foram diluindo estas barreiras. Da oralidade à uma linguagem fluida, espontânea e coloquial, transparecendo a transformação do lugar da menina para o lugar da mulher, por meio de (re)entendimentos e também da transformação social, incentivando que mais mulheres se manifestem. Do lugar autobiográfico para o lugar político, como escreveu Gloria (Anzaldúa 1981).

As cartas estão localizadas no tempo e no espaço, de uma mulher brasileira, criada por uma avó de Correntina, que passou quase 3 décadas com a voz, a alma e o corpo silenciados, de uma história que se repete em todo o país. História que eu conto, que eu escrevo e vomito em cartas, por mim, por meu corpo e voz fragmentados e estilhaçados em pedaços desta colcha de retalhos, também escrevo cartas por mulheres que morreram silenciadas, mas principalmente por mulheres com suas vozes e corpos ainda silenciados.

“A narrativa (auto)biográfica é refletida como dimensão estética por meio de um diálogo entre sensível e razão, vestígios primeiros constituintes da trajetória existencial, na relação tempo e espaço” (Berkenbrock-Rosito; Souza, 2020, p. 1257) e, na minha dissertação, a sensibilidade extrapolou o espaço de dedicação para a razão. A violência sexual é, antes de qualquer coisa, uma violência dilacerante. Recorta e fragmenta de tal forma que a (auto)biografia também machuca, mas alivia. O método (auto)biográfico foi eficiente e eficaz na busca por um espaço, uma escrita à mão, bordada, com colagens, pinturas, enfim, tudo de mim, da minha autoria biográfica.

O caminho metodológico desta Colcha de Retalhos veio e permaneceu. O corpo, a voz e a escrita eram tão fragmentadas quanto a colcha de retalhos que minha avó tecia e que me nutriu, me aqueceu e me guiou. A pesquisa estava também geolocalizada e com a afetividade e ancestralidade que estiveram ali presentes e costuradas. A metodologia da Colcha de Retalhos trouxe para a pesquisa, além da afetividade, a escrita nas cartas e a arte pictórica nas aquarelas. Na pesquisa, os retalhos eram acrescentados o tempo todo. A cada novo retalho, um novo aprendizado, uma nova autoria, uma nova voz, em cores e cartas.

Os pedacinhos da minha pesquisa e também do meu corpo foram sendo alinhavados. Eram desconexos. Eram pedaços sem sentido que me ajudaram a recompor meu corpo, meu espaço, o espaço das mulheres vítimas de violência e a pesquisa. Assim, com a colcha de retalhos, os pedaços grandes e pequenos foram se integrando, se juntando e se transformaram – entre cartas, colchas e cores – na escrita autobiográfica de uma mulher que foi uma menina vítima de violência sexual. “Tecer imagens em retalhos ajuda a puxar o fio da memória e acionar um caminho de retorno” (Berkenbrock-Rosito, 2009, p. 495).

A (auto)biografia como ferramenta de emancipação do sofrimento de vítimas de violência sexual parte da minha própria história e favorece esse compartilhamento com outras mulheres que também foram crianças e adolescentes vítimas dessa violência.

Se a ideia principal apresentada na introdução era falar da experiência da violência vivida pela criança que eu era, transformou-se. Do passado, quando tinha nove anos, transformou-se nas marcas do presente de uma mulher madura aos trinta e nove anos. A monografia da graduação já tinha os vestígios dessa pesquisa, mas ainda era generalizado, focado na violência de outras meninas. Então, com o método (auto)biográfico, a menina que eu fui acordou em mim. Éramos únicas, a menina e eu, mulher.

Ao escrever estas cartas, minha vontade e desejo eram de que a escrita pudesse ser um caminho para aliviar a dor e o sofrimento de mulheres vítimas de violência sexual, mostrando como ela foi para mim, na minha escrita (auto)biográfica que foi até aqui a minha dissertação. E, para isso, eu precisei escrever para fora e falar desse processo, de como ele é difícil, mas também de como ele pode aliviar. E esse processo continua, não mais como esse texto – que talvez, justamente por isso, esteja sendo tão difícil entregar –, mas como o caminho que eu consegui aprender a trilhar nele, no meu corpo. E ele continua no Tainacan, que eu vou continuar alimentando com aquarelas e textos para fora, para quem acessá-lo por meio deste PDF que agora concluo. Ele continua lá como um meio a intercalar meus começos nesse processo de aliviar. E sei que não foi possível me desvencilhar da dor e do sofrimento, não! Mas a minha vida passou a ter sentidos em outras paisagens, sentidos que não doem e que me nutrem. Como minha avó me nutriu de alimentos e memórias costurando e vendendo suas colchas de retalhos.

Todas cartas que escrevi e que recebi ao longo dos últimos dois anos narram o processo de investigação da pesquisa “Entre cartas, colchas e cores: a escrita autobiográfica de uma mulher que foi vítima de violência sexual” e trazem minhas angústias por não conseguir escrever com o rigor acadêmico, minhas dificuldades de expressar, as estradas que encontrei e por onde caminhei, as reviravoltas e as buscas de outros caminhos, os questionamentos e incertezas e o choro diante da sensação de incapacidade.

Mas também trazem a contribuição das autoras que caminharam junto comigo nas leituras que fiz, das minhas idas e vindas conceituais e de tantos novos conhecimentos com a leitura de muitos outros livros, dos encontros acadêmicos, seminários e congressos que trouxeram novas relações de aprendizagem, das trocas com os meus colegas e amigos e da importância do trabalho de orientação que recebi do professor Rodrigo Matos-de-Souza.

As cartas não foram escritas para qualquer leitor, elas tinham um destinatário certo. Em cada momento da pesquisa elas eram direcionadas a uma pessoa. Destinar uma escrita é um ato político de engajamento com a tessitura de comunidade (hooks, 2017).

Se no início, eu queria escrever para alguém além de mim, para falar da dor que me paralisava, e escrevi sobre a dificuldade de conseguir falar e escrever sobre essa dor, as cartas foram meu percurso e minha segurança, e agora estão destinadas a mulheres que, como eu, foram crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.

Assim, minha amiga Marisa, amiga tão sábia e que tanto me ajudou nesses dias de confusão, se a simples possibilidade dessa dissertação incentivar outras mulheres que foram crianças e adolescentes vítimas de violência sexual a falar, externar ou se expressar de alguma forma, eu concluo essa carta com esperança e alívio.

E, para o futuro, outras cartas vão surgir, da minha autoria e da autoria de todas as mulheres que queiram externar as marcas de um corpo.

Com carinho,

Ludmila Raquel Karino Tavares

6 CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Eu sou a carteira. Por isso mais uma carta. Mais uma. Relutante e emburrada eu cedo. Aos poucos a menininha se senta, encolhe as perninhas marcadas de picadas de muriçoca, arranca as casquinhas dos dodóis e fica ali, a espera do cuidado que minha escrita lhe proporciona. A minha escrita de mulher, adulta, mãe, professora, mestra em Direitos Humanos é também uma forma de cuidar da menininha. Eu sou as duas. E escrevo como a adulta.

Essa carta fala das cenas dos próximos capítulos, do capítulo que nem nos meus piores medos e pesadelos imaginei viver. Poucos dias após a defesa desse trabalho eu fui estuprada. Foi um soco. Daqueles que acontecem de uma vez e que jogam o lutador na lona, no chão. Eu caí, assim de cara no chão. E fiquei lá enquanto o juiz contava, a cada número, tentando me levantar. Porque a minha luta não acabaria ali, não. Não foi à toa que nesses dois anos eu escrevi. Eu levantei, cambaleando, mas levantei. Passei 25 dias internada, demorei quase quatro meses para fazer a denúncia e para finalizar esse texto e entregar. E continuo aqui, como a carteira que eu soube ser.

Está entregue. A vidância que aprendi com o “vidante” (Alves, 2024) continua, o caminho e os começos seguem aqui. Continuar. Resistir.

Escrever as cenas dos próximos capítulos com mais segurança, com menos temor, com a garra de quem ousa ser quem se é. Com o que sou.

Florir o jardim devastado e cultivar a profundidade da terra remexida.

Seguir o curso do rio. Brincar nele. Me nutrir da fé que me ampara. Renascer.

REFERÊNCIAS

Já que este texto acabou saindo um pouco do que costuma ser um trabalho acadêmico, acho por bem seguir o padrão de deixar algumas informações também aqui, nas referências.

Meu orientador sempre me incentivou a evitar citações diretas e, embora algumas vezes isso tenha sido inevitável, não foi tão difícil seguir essa sugestão. No entanto, sem as leituras que fiz nesse período, as aulas que tive, as conversas, as palestras, as oficinas e os seminários, eu não teria conseguido construir esse texto. E como citar devidamente esse tanto de coisas que formam o meu trabalho? E como fazer de tudo isso um trabalho autoral e não uma colônia de citações, como o professor Rodrigo nomeou certa vez?

Diante disso, aqui nas referências trouxe não apenas os autores e trabalhos utilizados diretamente na elaboração da minha dissertação, que estão nas **Referências no texto**, como também aqueles que fizeram parte do meu processo de escrita, de forma a contribuir para esse trabalho, que estão nas **Referências gerais**, além de páginas online que considero **Sites úteis**.

Referências no texto:

ALVES, Adeir Ferreira. Vidante: Um filosofar de candomblé. 2024. 283 f. Tese (Doutorado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

ANZALDÚA, Gloria. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: MORAGA, Cherrie; ANZALDÚA, Gloria (org.). **This bridge called my back**: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, 1981. p. 165-174.

ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z**: as idéias do líder da Legião Urbana. Campo Grande, MS: Letra Livre, 2000.

BANIWA, Brulina Aurora. **Indígenas mulheres**: corpo território em movimento. 2022. 102f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BARROS, Marcos Marcelo Silva. Trajetória autoformativa: ressignificar através das narrativas. In: GONZAGA, Amarildo Menezes *et al.* (org). **Narrativas de (trans)formação**: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas. Belém: RFB, 2023. p.85-91.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. **Entre cartas e conversas**: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social. 2022. 311f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 679-701, 2021.

BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Educação**, Santa Maria-RS, v. 34, n. 3, p. 487-500, 2009.

BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May; SOUZA, Juliana Paiva Pereira de. Documento autobiográfico: costuras estéticas nos processos narrativos da prática docente. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, n. 66, p. 1255-1279, 2020.

BOULLEY, Angeline. **A filha do Guardião do Fogo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

CAMARGO, Maria Rosa R. Martins de. **Cartas e Escrita**: Práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.

CENTRO DE ESTUDOS AMERÍNDIOS USP. Palavras Germinantes. Conversa com Antonio Bispo e Marcio Goldman. **YouTube**, 14 de março de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITVgWE1Nd4M>. Acesso em: 25 out. 2024.

CIRIGLIANO, Manuela Ribeiro. Quando o corpo é um só: sobre a construção de um saber localizado. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 169-203, 2022.

CONFLUÊNCIAS AFROINDÍGENAS. Perspectiva contracolonial – Mestre Antônio Bispo dos Santos, **YouTube**, 10 dez. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/live/bhdV4u8Dt20?si=bzyW3SYMOnD3pwt-> Acesso em: 28 set. 2024.

A DANÇA da solidão. Intérprete: Paulinho da Viola. Compositor: Paulinho da Viola. *In*: A DANÇA da Solidão. Intérprete: Paulinho da Viola. São Paulo: Odeon, 1972. 1 disco de vinil, lado B, faixa 1.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: LetrasLivres, 2012.

DINIZ, Debora; Talia. **Cartas de uma menina presa**. Brasília: LetrasLivres, 2018.

DORNELES, Dandara Rodrigues. Palavras germinantes: entrevista com Nego Bispo. **Identidade!**, São Leopoldo-RS, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, 2021.

EVARISTO, Conceição. Entrevista cedida a Juliana Domingos. **Jornal Nexo**, 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> . Acesso em: 10 ago. 2022.

FLORES, Joaquín Herrera. **A reinvenção dos direitos humanos**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

FROZEN. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Peter Del Vacho. Intérpretes: Kristen Bell, Jonathan Groff, Santino Fontana, Josh Gad, Idina Menzel e Alan Tudyk. Roteiro: Jennifer Lee. EUA: Disney, 2013. 1 DVD (102 min)

GONZAGA, Amarildo Menezes *et al.* Apresentação. In: GONZAGA, Amarildo Menezes *et al.* (org). **Narrativas de (trans)formação**: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas. Belém: RFB, 2023. p. 7-9.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IPTV USP. VII Graduação em Campo: Seminários de Antropologia Urbana - Parte 4. **IPTV USP**, 9 set. 2008. Disponível em: <https://iptv.usp.br/portal/transmissao/video.action?sessionId=872AB4A78B377B2B5BC7E1D32FB6B55D?idItem=4304>. Acesso em: 25 mar. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. Vozes da Floresta. **YouTube**, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LEVY, Deborah. **Bens Imobiliários**. Tradução de Adriana Lisboa. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2022.

LEVY, Tatiana Salem. **Vista chinesa**. São Paulo: Todavia, 2021.

LIMA, Alcilândia da Cunha. O (des)construir-se para encontrar-se como professora pesquisadora: um mergulho para dentro de si. In: GONZAGA, Amarildo Menezes *et al.* (org). **Narrativas de (trans)formação**: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas. Belém: RFB, 2023. p. 25-33.

MARIANI, Carla; MARIANI, Chris. Editorial. In: **Revista Inventários**: Dossiê da Memória Arquitetônica de Bom Jesus da Lapa. Bom Jesus da Lapa, BA: Independente, 2024.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2017.

MASSEMBA. Intérprete: Roberto Mendes. Compositor: Capinan e Roberto Mendes. In: FLOR da Memória. Intérprete: Roberto Mendes. [S.l.]: Independente, 2005. 1 CD, faixa 2.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica: outros tempos, outras narrativas e outra universidade. **Revista UFG**, Goiânia. 2021a, v.22: e22.72988

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. El colonialismo revisitado por la memoria. In: GARCÍA; SEDEÑO; RAMÍREZ (Coords.). Territorios, comunidades y prácticas: una lectura en clave decolonial. Corporación Universidad Libre Seccional Pereira, 2021b.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. Olvidar Larrosa: orientaciones posoccidentales para leer la modernidad. **Praxis Pedagógica**, v. 24, n. 37, p. 49-71, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26620/uniminuto.praxis.24.37.2024.49-71>.

MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; JESUS, Mônica Lima de. “Ainda assim me levanto”: as narrativas históricas e a construção do eu feminino. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1348-1371, 2018.

MOANA. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Osnat Shurer. Intérpretes: Auli'i Cravalho e Dwayne Johnson. Roteiro: Jared Bush. EUA: Disney, 2016. 1 DVD (107 min)

NEGRÃO, Felipe da Costa; GONZAGA, Amarildo Menezes. Contar de si em cartas (auto)biográficas: um movimento de biografização na formação de mestres e doutores em Ensino Tecnológico. In: GONZAGA, Amarildo Menezes *et al.* (org.). **Narrativas de (trans)formação: a constituição do professor pesquisador em cartas (auto)biográficas**. Belém: RFB, 2023. p. 11-23.

OYĒWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEIXOTO, Guilherme F., TAVARES, Ludmila R. K.. "Subvertendo a 'Marcha para o Oeste' e a mútua exclusão - trocando farinha e memórias enquanto tentamos sobreviver à capital modernista", in: ST 27 - Coletividades, imaginações e enfrentamentos diante da ameaça e das alterações de regimes de vida, IX Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia - Reactivando o perigo: chamados e ressonâncias diante das crises ecológicas, Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia - GO, 2023. Anais da IX ReACT v. 6 n. 6 (2024) repositório da Rede ReACT (Caderno de Resumos) . Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/3984/3821>. Acesso em: 25 out. 2024.

REDE DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. IX ReACT - CONFERÊNCIAS DE ABERTURA com Ana Mumbuca e Yàsnaga Elena Aguilar Gil. **YouTube**, 28 mar. 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AdrG8MudSR4&t=1343s>. Acesso em: 25 out. 2024.

REDE DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. IX ReACT - CONFERÊNCIAS DE ENCERRAMENTO com Tajëëw Robles e Marcio Goldman. **YouTube**, 28 mar. 2024b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1Lz0KFvvWc>. Acesso em: 25 out. 2024.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p.81-95, 1996.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial. In: Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, 26, Memórias e

Invenções, 2017, Campinas, SP. **Anais...** Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3148-3163.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. O espaço autobiográfico em construção. **Paralelo 31**, Pelotas-RS, v. 2, n. 17, p. 138-167, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.15210/p31.v2i17.22533>

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa Autobiográfica em Arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós – Cultura, Estética e Linguagens**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 95-130, 2021b.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998.

SILVA, Ana Claudia Matos da. **Uma escrita contra-colonialista do quilombo Mumbuca Jalapão-TO**. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SOUZA, Rose Fernandes; VANZUITA, Alexandre. Ressignificando Memórias: quando a (auto)biografia anuncia a luta pela vida. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 7, n. 20, p. 38-51, 2022.

THOMAS, William I.; ZNANIECK, Florian. **The Polish Peasant in Europe and America**. Chicago: University of Illinois Press, 1996.

TUKANO, Daiara Hori Figueroa Sampaio. **Ukushé Kiti Niishé**: Direito à memória e verdade na perspectiva da educação cerimonial de quatro mestres indígenas. 2018. 194f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

UNIPERIFERIAS. Significações da periferia: representações, confluências e transgressões. **YouTube**, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE> Acesso em: 28 set. 2024.

VIAENE, Lieselotte; LARANJEIRO, Catarina; TOM, Miye. The walls spoke when no one else would: Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia. In: PRITCHARD, Erin; EDWARDS, Delyth (Eds.). **Sexual misconduct in academia**: informing an ethics of care in the university. New York: Routledge, 2023. p. 208-225.

WALDELY, Aryadne Bittencourt. Pensar a partir dos migrantes: a perspectiva de Thomas e. Znaniecki. **Argumentos – Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 15, n. 1, p. 1-13, 2018.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Correa. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Editora Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska; SILVA, Livia Campos e; HENDERSON, Guilherme. Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 4, p. 543-550, 2015.

Referências gerais:

AGUIAR, Roberto Armando Ramos de. Alteridade e rede no direito. In: COSTA, Alexandre Bernardino (org.). **O Direito Achado na Rua**: Nossa Conquista é do Tamanho da Nossa Luta. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris, 2017. Coleção Direito Vivo. v. 3.

ALBUQUERQUE, Fabiane. Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 309-326, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v26i1p309-326>

ALBUQUERQUE, Fabiane. **Cartas para um homem negro que ame**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALVES, Adeir Ferreira. Escola de Aruanda: Aprendizados e ensinamentos a partir do lugar do negro. **Revista Com Censo**, Brasília, v. 8, n. 3, p. 80-91, 2021

BOLÍVAR, Antônio. Investigación (auto)biográfica y narrativa: contar, decir y leer. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. **Diversidades, redes de sociabilidade e histórias de vida**: outros modos de narrar. Curitiba: Editora CRV, 2018.

DUPRÉ, Maria José. **Éramos seis**. 43. ed. São Paulo: Ática, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ITAÚ CULTURAL. Nego Bispo – Trajetórias. **YouTube**, 20 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg&t=138s> Acesso em: 28 set. 2024.

MACHADO, Natália Maria Alves. **Epistemologias com Deficiência?**: uma auto-etnografia das ausências (Notas corporais sobre diferença, ensino jurídico e insuficiências em acessibilidade). 2020. 72f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MISSE, Michel *et al.* Entre palavras e vidas: Um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos. - Entrevista com Veena Das. **Dilemas – Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2: 335-356, 2012.

PAIXÃO, Gláucia Pereira da. Violência sexual e rede de atendimento: o olhar dos profissionais do CREAS. 2011. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SARTI, Cynthia. A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 77-105, 2014.

VELOSO, Jorge das Graças. Paradoxos e Paradigmas: a etnocenologia, os saberes e seus léxicos. **Repertório**, Salvador, n. 26, p. 88-94, 2016.

Sites úteis:

BRASIL. Decreto nº 3.413, de 14 de abril de 2000. Promulga a Convenção sobre os Aspectos Cíveis do Sequestro Internacional de Crianças, concluída na cidade de Haia, em 25 de outubro de 1980. Brasília, DF: Diário Oficial, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3413.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.318, de 26 de agosto de 2010. Dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Diário Oficial, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm. Acesso em: 25 mar. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

APÊNDICES

Nos apêndices constam algumas cartas que cito ao longo do trabalho. Cartas que escrevi ao longo do processo e que, de certa forma, se relacionam com ele. Algumas dessas cartas foram escritas e enviadas em formato digital, essas foram copiadas integralmente aqui⁶⁰, uma foi escrita à mão e entregue ao destinatário, de forma que dela consta apenas uma reprodução, o chamado fac-símile.

Além das cartas, nos apêndices consta também a minha proposta de investigação submetida no processo seletivo do PPGDH/UnB com a bibliografia utilizada.

⁶⁰ Exceto as referências bibliográficas, que estão todas no item de referência.

APÊNDICE A – CARTA PARA ADEIR

Adeir é um grande amigo, professor de filosofia na Secretaria de Educação, egresso do mestrado no PPGDH e doutor em Metafísica. Trabalhamos juntos em escolas públicas de Samambaia-DF e ele, como quem aprende a ler para ensinar seus camaradas (Massemba, 2005), me incentivou a tentar a seleção do mestrado.

E não apenas me incentivou, como passou boas horas via Google Meet comigo, me ajudando a construir o que se tornou a minha proposta de investigação. Ele se desculpava quando algum dos seus filhos interrompia a reunião, mas mal sabia ele que aqueles momentos eram justamente os respiros que precisava.

Essa carta foi escrita porque eu havia combinado o tema com ele na nossa primeira reunião e fiquei de escrever alguns itens do projeto para que ele pudesse me ajudar a ajustar o que fosse preciso na reunião seguinte. O meu prazo era de alguns dias, mas não consegui executar as tarefas de escrever o que ele me passou. E, chegado o dia da reunião, eu não tinha nenhum texto dos que ele havia me pedido para produzir, mas tinha diversas páginas de textos que eu chamava de literários.

Eu me senti envergonhada e vencida, e escrevi essa carta para ele, para dizer que não tinha feito o combinado e me desculpar. Adeir disse que ali estava o meu projeto e me ajudou a encontrar a sugestão do professor Rodrigo. Então, antes de sugerir escrever cartas no mestrado, eu já tinha chegado ao mestrado por meio de uma carta.

Adeir, gostaria de iniciar a sessão de hoje lendo essa carta com você. Primeiramente, para mais uma vez te agradecer por estar segurando na minha mão nesse momento da minha vida. Talvez você não tenha noção da importância desse processo para mim, nesse momento da minha vida. E, não, não tem mesmo como você ter essa noção. Pois nem eu mesma saberia te explicar. Mas agradeço infinitamente aos deuses, ao universo, a Deus e – pedindo a permissão – aos orixás, por ter sua irmandade nessa vida e nesse momento.

Agora, queria nessa carta te dizer que esse processo de voltar a estudar academicamente está acontecendo em meio a / sendo uma cura e uma catarse para mim. Espiritual e psicologicamente muito, mas muito, denso, pesado, sofrido. E eu não conseguiria traduzir tudo isso em palavras organizadas o suficiente para serem lidas, nem estruturadas o suficiente para a universidade, sem a sua ajuda e a sua orientação.

Como está tudo tão misturado, é difícil separar meus sentimentos, as dores, a alma, a razão... Não consigo muito bem. Mas é preciso e necessário. Então, essa carta é para te ajudar e me ajudar a traduzir um pouco da minha angústia para uma pergunta de pesquisa. Desde a última sessão, eu fiquei pensando na pergunta inicial e uma angústia me dominava... Eu tentava tirá-la de mim, agir racionalmente e focar na coisa prática. E, com sacrifício, eu conseguia. Fiz todas as atividades propostas por você. Mas a agonia persistia. Mas é só um pré-projeto, que agonia é essa? Não sei. Só que tentar fugir dela não ajuda. Então, mergulho nela te escrevendo essa carta.

Eu quero formular uma pergunta que fale dessa angústia que, como professora na SEDF, sinto ao ver muitas das minhas alunas desprotegidas e feridas em sua dignidade sexual de diversas maneiras, desde quando estão em casa – uma vez que mais de 70% dos abusos sexuais são cometidos por familiares ou parentes das vítimas – até quando são olhadas no caminho da escola. Escola que proíbe uso de legging porque marca o corpo. Quando, mesmo sem conversar, uma mulher que foi uma menina ferida, olha para outra e se reconhece. Sobre perceber a vulnerabilidade nos trejeitos, nos olhares, nos textos inseguros e sobre tudo isso ser tão subjetivo que jamais seria dado de uma política pública. Sobre como eu, professora, sou forçada pelo sistema a me distanciar das minhas alunas para também não ter que olhar para mim. Sobre como o machismo afeta a qualidade da educação. Sobre o cansaço e as duplas jornadas das professoras. Sobre uma categoria predominantemente feminina que não tem letramento sobre gênero e feminismo. E, de novo, sobre como o machismo prejudica a qualidade da educação. Eu queria que minha pergunta fosse sobre como conseguir falar de tudo isso que não sei se consegui explicar. Como uma mulher, professora, que foi abusada diversas vezes ao longo da vida, desde a infância, consegue falar disso tudo sem se expor?

Quero saber se existem e mapear as ações e políticas voltadas para a educação sexual e para a proteção das adolescentes, mas quero, sobretudo, olhar para a angústia de estar há onze anos na sala de aula vendo que não existe isso na prática. Sentindo na pele os danos disso. Quase uma “autoetnografia”, eu acho. Queria que minha pergunta fosse sobre isso também, mas não tenho ideia de como traduzir isso.

Enfim, peço desculpas, meu amigo, se todo aquele trabalho da sessão passada para formular a pergunta te parecer perdido, não foi mesmo. Eu só precisava te escrever essa carta para que esse processo fosse o mais verdadeiro possível para mim, o mais genuíno e autêntico possível, pois, acredite, sem isso eu não sei se dou conta.

A pergunta pode até continuar a mesma, eu só precisava te falar desse processo.

Um forte, abraço, meu irmão!

E como você sempre diz: brilhou!

Ludmila

APÊNDICE B – CARTA PARA A LUDMILA ADOLESCENTE QUE AMAVA ESCREVER CARTAS

1. Carta introdutória:

Essa carta é dedicada à Ludmila adolescente que amava escrever cartas.

Oi, Ludmila adolescente que amava escrever cartas, eu sou a sua versão de trinta e nove anos, mãe da Clarissa, professora de Sociologia e mestranda no PPGDH. Essa carta, que chamei de “carta introdutória”, tem a finalidade de falar um pouco sobre a minha escolha de utilizar a escrita epistolar no meu trabalho de pós-graduação.

A adolescente para quem eu escrevo tem entre quinze e dezessete anos, depois daquele verão em Guriri-ES⁶¹, no qual ela fez vários amigos e escreveu carta para todos eles, tendo recebido resposta de apenas um. E com esse um foram boas cartas, eu me lembro, boas conversas, letras de músicas, uma paixonite e um natural afastamento com a vida adulta cobrando seus preços.⁶²

Lembro que só um ter te respondido te frustrou bastante, e aproveito essa memória para te dizer algo que venho aprendendo nesse trabalho: embora seja uma forma de comunicação muito antiga, as cartas não são a melhor forma de comunicação para todos. E não é tão comum no ambiente universitário, embora tampouco seja novidade, devo lhe dizer.

Nesses dois anos, eu aprendi bastante sobre cartas, li trabalhos muito legais com cartas e quero te falar melhor de um, o da Bruna. E eu não sei exatamente quando nesse parágrafo eu devo colocar a referência (Battistelli, 2022), assim, entre parênteses o sobrenome, vírgula, o ano. Eu faço uma bagunça danada com isso. Eu fico confusa, como fiquei agora, em onde e como colocar a referência porque até agora, por exemplo, eu falei que quero falar do trabalho da Bruna sem ter falado nada do que ela falou. E o que eu queria dizer é que ter lido a Bruna foi reconfortante. E acho que ela ficaria feliz com isso, visto que, no mestrado, ela defendeu a escrita de cartas como uma forma de resistir à armadilha colonial que faz com que algumas pessoas se sintam bastante inadequadas na universidade. E eu nem consigo contar as vezes

⁶¹ Aquele período foi ótimo, né? Eu me lembro bem. Você parecia quase feliz, quase era bom viver. De patinho feio do Fundamental I para a adolescente cobiçada. Eu sei que era muita coisa para assimilar e você era só uma menina. Dos meninos daquele verão, todos queriam ficar com você. E eu me lembro ainda do gosto de bala de enxofre coberta de mel que isso tinha.

⁶² Consegui recuperar com minha amiga Paulinha uma caixa de cartas que escrevi para ela na adolescência. Foram muitas cartas escritas e recebidas ao longo de anos. Reler algumas dessas cartas – são muitas, não consegui reler todas – foi uma experiência emocionante para mim, que costurei com a tessitura da amizade (Camargo, 2011) de Cibele e Amanda, quem conheci já na fase final da construção do meu texto. Elas também trazem uma relação não linear com o tempo de escrita, leitura e resposta; também trazem relatos da vida escolar, confissões e reflexões de duas adolescentes e amigas. Assim como na escrita de Maria Rosa, o conteúdo dessas cartas não foi objeto de análise, mas elas fazem parte da exposição, como elemento que conta essa história.

que me senti assim. Isso fica evidente no meu texto. Insegurança e medo, autocobranças e questionamentos que me assombram e me fazem duvidar de mim e do meu trabalho o tempo todo, com um gatinho aquarelado para cada vez que pensei que não daria conta de concluir esse trabalho, ou que duvidei de mim mesma em relação a ele. E a Bruna propõe que a escrita dela seja a escrita que fala e que aproxima estudantes que se sentem assim, como ela e como eu, inadequadas, de uma universidade que pode ser pensada de forma mais plural. Então, acho que a professora Bruna ia gostar de saber que isso aconteceu comigo. Ler o trabalho dela me ajudou a entender o meu como um caminho possível.

Mas, o fato é que funciona muito bem para mim nesse trabalho, afinal, ainda temos algo em comum: eu também amo escrever cartas. E esse é o motivo pelo qual escolhi dedicar a minha carta introdutória a você, para te mostrar aonde o seu gosto por cartas conseguiu te levar.⁶³ Um mestrado na UnB não é pouca coisa e, mesmo tão jovem, você já sabe disso. Não do mestrado, que você ainda nem sabe que existe⁶⁴, mas a UnB já é um sonho que você está tentando conquistar⁶⁵.

Deu certo e tudo mais. Você passou, se formou, passou num concurso e está no mestrado. E sei que parece um caminho bonitinho em linha reta, mas entre a sua primeira aprovação na UnB até a sua entrada no mestrado passaram-se dezenove anos. Treze deles entre o fim da graduação e a aprovação no mestrado, que foi um grande desafio para você e não quero entrar em detalhes porque são coisas que você vai viver. E, de alguma forma, essas coisas te trouxeram até aqui e uma delas é gostar de escrever cartas.

E é sobre a utilização delas que quero falar. Só que, assim como você, também tenho essa mania de me perder nas palavras. Mas, voltemos às cartas. Me lembrei de um filme que ficou bem famoso mais ou menos nessa sua época: *Central do Brasil*⁶⁶. E trago esse filme porque nele tem uma das primeiras questões sobre as cartas, a mais básica delas, que você,

⁶³ Tem outro motivo também, mas sobre ele eu falo depois.

⁶⁴ Vou te explicar o que é o mestrado como a Clarissa, **no**ssa filha, que une passado e presente, explicou para a Mel (filha da Amandinha, sim, mesmo ela sendo seu bebê vocês têm uma filha da mesma idade e elas são as melhores amigas): “O mestrado é a escola da minha mãe, que é a UnB, que ela vai para estudar mais, mesmo já sendo professora”.

⁶⁵ Voltando ao verão, lembra que você viajou faltando menos de dois meses para a prova do PAS? E ficou eufórica com isso, mas achando que devia se sentir culpada por viajar às vésperas da prova? Você levou materiais e disse que ia estudar, mas obviamente não fez isso. E, cá entre nós, hoje eu sei que você jamais estudaria, mas não conseguia assumir que precisava se divertir e levou os livros só para se torturar mesmo, mas isso é assunto pra outros tempos. Ainda sobre o verão, mesmo sem estudar o quanto achava que deveria, e mesmo buscando uma forma de se culpar, a diversão te fez bem e você tirou a maior nota entre o grupo de amigos que estudavam para aquela prova contigo. Lembro que você ficou muito feliz com isso. E hoje eu sei que aquela felicidade é a mesma que hoje eu sinto quando consigo deixar que meu corpo sinta e viva as experiências que aprendo para além da minha cabeça e do meu intelecto. E continua dando certo. Boa parte desse texto foi construído após pintar aquarela, desenhar, mexer com planta, fazer uns tijolos de barro e assar bolos.

⁶⁶ Filme brasileiro de 1998, dirigido por Walter Salles, que conta a história de Dora e Josué, uma ex-professora que escreve cartas e um menino órfão de mãe, que saem em busca do pai que o menino nunca conheceu.

como adolescente, pode me achar tola por dizer: cartas são escritas⁶⁷. São letras, que se formam como palavras, que viram textos, que viram livros – ou dissertações.

No filme, o que provoca o encontro entre os personagens principais é justamente um deles ter escrito uma carta para alguém que não sabia escrever. Porque cartas são escritas e tem gente que não escreve⁶⁸. E eu sei o que você está pensando que é um absurdo que em 2024 ainda existam pessoas no Brasil que não sabem escrever. E você não está errada, Ludmila adolescente que ama escrever cartas, ainda hoje existem pessoas que não são alfabetizadas.

Segundo o mapa do analfabetismo do INEP⁶⁹ dos seus quinze anos, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 13,6% da população maior de 15 anos. Sendo que 20,4% eram de pretos e pardos contra menos da metade de brancos e amarelos. Dois anos atrás – dados mais recentes do IBGE⁷⁰ –, a taxa de analfabetismo no Brasil estava em 5,6%, sendo que a taxa de analfabetismo entre os brancos continua sendo menos da metade da taxa entre os negros. Tudo isso é importante falar, mas confesso que preciso insistir em retomar o assunto das cartas, dessas cartas que, como já disse, são escritas. E te falei do filme e de saber escrever. E é aqui que eu queria chegar. Em saber escrever.

Ao longo desse processo, eu acreditei que eu não sabia escrever de outra forma, de uma forma mais técnica, menos pessoal, menos autobiográfica ou em outra pessoa que não a primeira pessoa do singular. E as cartas me davam a segurança necessária para conseguir escrever. Hoje eu não acredito mais que eu não saiba escrever de outra forma, eu até sei que eu sei. O que eu não sei é se quero mesmo, se faz sentido. Isso é mais uma coisa que ainda temos em comum, essa necessidade que vem também não sei da onde de ver algum sentido no que faço. E escrevendo dessa forma que estou fazendo, embora seja difícil e me faça me envergonhar profundamente por acabar complicando demais. Faz sentido, sabe?

⁶⁷ Vou usar mais uma fala da Clarissa como exemplo do que quero te dizer sobre a necessidade de se dizer o óbvio. Quando ela estava aprendendo a ler, ela leu uma placa onde estava escrito “proibido fumar” e o desenho do cigarro riscado. Ela perguntou por que o desenho se estava escrito, orgulhosa que ela estava de mal ter aprendido a ler; e eu lhe disse que é porque tem gente que não sabe ler as letras, daí lê os desenhos, igual ela fazia. Ao que ela retrucou: “Mas quem não sabe ler é criança pequena e criança pequena não fuma, então não precisa desse desenho feio na parede”. Ela ficou muito surpresa quando lhe contei que existem adultos que não sabem ler e esse foi um estranhamento que você nunca teve, né, afinal, você sempre lia tudo para nossa avó, que não sabia ler. Ela não gostou de saber disso, ficou revoltada.

⁶⁸ Preste atenção na escolha desse termo, ele é importante.

⁶⁹ MAPA DO ANALFABETISMO NO BRASIL. Brasília: Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 1997. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/mapa_do_analfabetismo_do_brasil.pdf. Acesso em: 9 mar. 2024.

⁷⁰ GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência de Notícias**, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>. Acesso em: 9 mar. 2024.

Mas isso não basta num texto como o meu, esse, que é a minha dissertação de mestrado. Se bastassem palavras escritas para termos cartas, a universidade seria o paraíso delas. Não chega a tanto, mas não é inovador, repito. Existem trabalhos (Battistelli; Oliveira, 2021, p. 679) – olha a Bruna de novo! – que defendem a escrita de cartas como “um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica”, ou ainda “uma escrita de fronteira, entre a oralidade e a escrita”, e eu vou tentar te explicar isso nas minhas palavras nos próximos parágrafos.

O que eu acho legal mesmo das cartas é que elas são escritas para alguém e isso me dá a sensação de não estar falando sozinha. E me sentir falando sozinha é algo que não deveria acontecer se eu me lembrasse o tempo todo que esse trabalho está sendo escrito para ser lido, mas confesso que, às vezes, eu quase me esqueço. E, nesse texto, provar algumas coisas importa. Então, as cartas cabem muito bem nisso. É uma escrita de fronteira mesmo, meio aqui meio ali. E eu gosto disso. Dessa liberdade de poder estar em algumas fronteiras ao mesmo tempo em que me comprometo a seguir as regras que fazem essa estrutura acadêmica funcionar. Eu ainda não domino bem os protocolos, passo umas vergonhas, mas também me permito ousar e isso ainda guardo de você.

Como guardo tantas outras coisas. Outro dia mesmo, eu dobrei uma carta que escrevi para o meu orientador com a mesma dobra que você fazia quando era a adolescente que amava escrever cartas. E a professora Bruna disse que “a pesquisa é uma série de dobras que vamos guardando na memória dos nossos corpos” (Battistelli, 2022, p. 11), e ela criou essa imagem após encontrar um envelope muito dobrado, todo marcado. Ela não se lembrava do que estava escrito nele, mas lembrava das marcas, da textura, do azul da tinta... E ela convidou os seus leitores a conhecer sua escrita não com a centralidade da razão, mas com as mãos, com o corpo. E, disse ela, que não sabia como falar da pesquisa sem falar da vida, uma vez que elas “não são duas histórias distantes, não são pontos extremos de uma existência: uma produz a outra, uma conta da outra” (Battistelli, 2022, p. 13). Comigo, nesse mestrado, é muito parecido, eu pesquiso a minha vida e vivo a minha pesquisa, assim, nesse vai e vem inseparável, cheio de dobras que venho guardando na memória do meu corpo e que me fazem redescobrir memórias desconhecidas.

E, antes de me encaminhar para o fim, gostaria de retomar contigo a nota 67, na qual te peço para prestar atenção à escolha das palavras. Antes de te encher de dados sobre analfabetismo, eu te disse que cartas são escritas e tem pessoas que não escrevem, e eu não disse que isso acontece porque elas não saibam escrever, como uma defasagem de ensino, uma desigualdade ou um absurdo – que eu sei que era só o que você conseguia pensar naquela

época. Tem pessoas que não escrevem porque nem tudo que faz parte da gente dá para ser escrito em palavras, e a gente sabe bem disso, visto que a mulher que sustentou nossa família por anos não sabia escrever.

Ela tem estado muito presente nessa pesquisa também, nossa vovó, dá tanta saudade... Ela me trouxe a colcha de retalhos que compõe o título do meu trabalho, ela me trouxe as plantas que aprendi a cultivar, ela me trouxe o rio Corrente, ela é a raiz da minha pesquisa.

E eu gostaria muito que você, Ludmila adolescente que amava escrever cartas, pudesse, de fato, ler essa carta e que eu pudesse, de verdade, te falar as coisas que hoje eu começo a aprender. Eu imagino que, assim, você poderia ter aprendido bem mais com as palavras que nossa avó nunca escreveu, mas te ensinou.

E se hoje eu estou aqui, escrevendo esse texto no mestrado, é justamente para tentar traduzir em palavras as coisas que não aprendi enquanto tentava tanto aprender a ler e escrever e as que mesmo sem ter aprendido, de alguma forma, eu sei.

E eu acho que esse mestrado me mostra que a gente conseguiu.

Com carinho,

Ludmila de trinta e nove anos, mestranda no PPGDH/UnB

PS. Já ia me esquecendo de te dizer o outro motivo pelo qual resolvi te dedicar essa carta. É que hoje eu dou aulas para adolescentes que tem mais ou menos a idade que você tinha e pra quem eu também quero contar o que estou fazendo.



Inconsciente Líquido – Familiar

APÊNDICE C – CARTA PARA A PROFESSORA DÉBORA DINIZ

Trabalho referente à avaliação da Disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, ministrada pelos professores Elen Cristina Gerales e Renan Antônio da Silva no 1º semestre de 2023. O texto base da resenha é o livro “Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa”, de Debora Diniz (2012).

“Não escrever é viver uma ferida que sangra de uma espera por uma perfeição que nunca vai chegar. Não permita isso a você.” (Debora Diniz)⁷¹

Professora Débora,

Te escrevo essa carta não para que me leia, mas para ser avaliada em uma disciplina no meu curso de mestrado. Não que eu não quisesse isso, ao contrário, seria incrível. No entanto, não escrevo com essa pretensão, ainda que tenha optado por fazer uma carta. Pode parecer contraditório, eu sei, que eu precise escrever como se falasse para alguém definido, nesse caso, a senhora, mas não acreditar que essas palavras são capazes de encontrar alguma interlocução para além da minha avaliação na disciplina que estou cursando. E essa falta de confiança na minha própria voz é um dos meus inúmeros desafios na pós-graduação e na academia.

A solução que encontrei para driblar a espera pela perfeição que nunca chega na minha escrita foi escrever em forma de cartas, não sei dizer ao certo porque esse estilo me conforta⁷², mas me rendo a essa facilidade e não sem uma justificativa teórica e metodológica, uma vez que o gênero carta é reconhecidamente um recurso válido na escrita acadêmica e literária. Inclusive, o seu livro “Cartas de uma menina presa” é um dos meus preferidos, bem como o “Cartas para a minha mãe”, de Teresa Cárdenas, e “Vista Chinesa”, de Tatiana Salém Levy. E eu gosto da ideia das cartas como “um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica, uma escrita de fronteira entre a oralidade e a escrita” (BATTISTELLI; OLIVEIRA, 2021).⁷³

⁷¹ Fala proferida na websérie *Banquinha*, realizada pela professora Debora Diniz, no Instagram, em 13 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RCwjtvVDMp8>. Acesso em: 27 abr. 2023.

⁷² Conforto é eufemismo. Na verdade, eu não consigo escrever de outra forma a não ser à custa de muito sofrimento. Considero uma limitação mais emocional que intelectual e tenho me rendido a ela. Talvez a escrita em forma de cartas me traga a sensação de poder ser eu mesma ao escrever. E esse “eu mesma” se opõe a um “eu acadêmico”, o qual nunca me achei capaz de ser.

⁷³ E me desculpe as disfarçadas referências bibliográficas, mas lembre-se que essa carta é parte da avaliação de uma disciplina obrigatória.

Sendo assim, embora a proposta dos docentes tenha sido uma resenha crítica, tomo a liberdade de fazê-la em forma de carta, de forma que mantenho o conteúdo, mas adapto a forma, o que me possibilita escrever sem sofrimento.

Esse trecho foi, sem dúvida, um que muito me atravessou, “não vale sofrer para escrever”, como um acordo afetivo. Meu orientador⁷⁴, o professor Rodrigo Matos de Souza, me escreveu algo parecido na primeira carta que ele me enviou como resposta a um trabalho. Ele me disse que escrevesse com “sensibilidade e raiva, talvez até com ódio, mas sem tornar o processo um martírio”⁷⁵, e foi exatamente com essa vontade que eu me candidatei ao mestrado e é ela que me movimenta.

No episódio da *Banquinha* do qual retirei a citação inicial, você perguntava por que cada pessoa escreve e eu gostaria de te responder o meu motivo, ainda que ele seja bem parecido com o que já foi dito na live – também escrevo para me reconciliar comigo mesma e porque não consigo não escrever. Mas eu escrevo mesmo porque escrever me permite existir. Encontro na escrita uma forma de elaborar um infinito de sensações, memórias, dores, lembranças, conhecimentos, aprendizados, processos. Não consigo separar a minha escrita dos cheiros, das cores, dos gostos, dos sons e dos mistérios daquilo que considero alma.

Feita essa longa reflexão, percebo que já estou na terceira das cinco páginas que devo escrever e não vejo alternativa mais sutil de introduzir o assunto do plágio na universidade – um dos temas propostos na atividade – a não ser falando o porquê de ter escolhido seu texto como base e fonte de diálogo. Especificamente sobre a parte do plágio, esse diálogo é bem óbvio, uma vez que no livro você dedica vários parágrafos a esse assunto.

Em seu texto fica evidente o quanto o plágio é absolutamente negativo: se descoberto, é vergonhoso e passível de punição; se passar despercebido, é sinal de que ninguém leu a obra com seriedade. Achei que sua reflexão foi bem certa, difícil parafrasear. E não que eu seja muito boa nisso, pra mim é bem complicado reordenar os pensamentos dos outros. Por isso também eu escrevo em cartas, porque elas me permitem me ocupar de reordenar meus próprios pensamentos.

Ainda sobre o plágio – se eu não cuido desse foco eu me perco, preciso estar sempre atenta a isso –, eu gosto muito da forma como você o localiza no campo da integridade

⁷⁴ Amo como você se denomina como “leitora-ouvidora” e o professor Rodrigo tem sido um excelente leitor-ouvidor, mas opto pelo termo “orientador” nesse trabalho, porque eu vejo a palavra orientação como um farol, gosto de como ela soa, do que me transmite e do som dos fonemas. E também me encanta a alegoria da costureira, mas, pra mim, ela soa como conseguir visualizar uma roupa em retalhos ou pedaços de pano recortados, de certa forma é um ver além. Tenho essa fé nos orientadores.

⁷⁵ Não tenho ideia de como citar uma carta não publicada. É necessário?

acadêmica, mais que no campo jurídico ou penal. Eu gosto dessa ideia, porque ela traz toda uma forma de encarar não só o processo de escrita como a vida acadêmica como um todo.

Integridade no sentido mesmo de inteireza, de não faltar nenhuma parte. E é assim que eu considero possível escrever: de forma inteira. Mas esse processo exige uma dose de ousadia que ainda não me considero capaz de ter. Porque a escrita acadêmica traz justamente a necessidade de organizar as muitas ideias, reflexões, leituras e pensamentos, elaborando-as de forma lógica e coerente. É como coordenar várias vozes que teimam em falar ao mesmo tempo.

Agora mesmo, enquanto escrevo, me questiono se escolhi o melhor texto para fazer esse exercício, uma vez que o tema era plágio e você tem um texto apenas sobre isso, junto com Ana Terra Mejia Munhoz, e talvez me baseando nele eu conseguisse escrever de uma forma mais objetiva e centrada, fazendo as devidas considerações acerca do plágio cópia e do plágio pastiche, parafraseando seu texto e apresentando de forma mais estruturada as suas ideias.

Mas me mantenho no texto da carta porque além do conforto emocional que já mencionei, a forma como esse texto foi construído coloca o plágio como algo sem sentido diante dos encontros que você nos apresenta com a escrita, com o texto, com o tempo e com a pesquisa. E aqui eu inverteo propositalmente a ordem que você colocou em seu sumário⁷⁶. Essa inversão se dá justamente pela forma como tenho me encontrado com minha escrita e com minha pesquisa.

Eu pesquiso sobre violência sexual, esse é o plano de fundo de tudo, digamos assim⁷⁷. Mas, sendo menos genérica, eu venho buscando investigar a relação das palavras escritas, do silêncio e das palavras faladas na construção da subjetividade de vítimas de violência sexual, partindo do princípio de que eu entendo as palavras como uma forma de existência, reconhecimento, pertencimento e dignidade. Não foi muito específico ainda, eu sei. Bem como parece confusa a relação de tudo isso com o tema do plágio.

Sabe, professora, era apenas uma resenha crítica de cinco páginas com os temas plágio e/ou assédio na universidade. Eu escolhi o texto. Eu reli o texto. Eu precisava escrever cinco

⁷⁶ Respondendo atrasada a uma de suas perguntas na *Banquinha*, eu gosto muito desse sumário contido e acho que deveria manter assim. Gosto de imaginar o que vai ser dito com base apenas naquelas poucas palavras. E gosto mais ainda que você discuta, inclusive, a construção de um sumário, algo tão protocolar. Isso diz muito, de novo, da integridade no sentido de inteireza ao qual já me referi.

⁷⁷ Eu gostaria aqui de dizer que a violência sexual é como se fosse uma banheira. Uma banheira cheia de água e mais um monte de coisas dentro. Essas coisas todas me formam e formam minha pesquisa. Elas se misturam. Se tocam. Se encontram. Todas essas coisas e a água estão dentro da banheira e tudo se toca. A violência sexual seria a banheira. Mas essa imagem não foi uma criação minha e eu não me lembro agora se eu li ou ouvi isso em algum lugar, nem que lugar foi esse. E aí, para não incorrer em plágio, eu preferi chamar de plano de fundo. Mas para também não ser desonesta com a construção do meu pensamento, eu o coloco aqui nessa nota de rodapé.

páginas. Mas eu não consigo sentar em frente ao computador e fazer isso. E depois de quebrar a cabeça por dias, eu me rendi novamente à carta, essa carta que estou escrevendo. E, além do texto, eu vi diversos vídeos seus no YouTube. Eu gosto muito do som da sua voz, me acalma, e isso desde a primeira vez que a ouvi falar, numa exibição na UnB do seu documentário “A margem do corpo”. Há muitos anos atrás.

E, vendo seus vídeos e lendo publicações suas, eu fui tentando construir essa carta respeitando a proposta de uma resenha crítica. Escrever. Tão simples. Mas, ao mesmo tempo, tão complexo porque parece que estou fazendo isso muito errado. Parece que não tem sentido, embora eu consiga percebê-lo perfeitamente. É o meu processo de escrita. O meu texto. O meu tempo, minha pesquisa. (E disso tudo eu espero que resulte a minha dissertação de mestrado. Amém.)

E o plágio? O plágio fere a integridade da escrita. Essa integridade que você trouxe tão bem na sua carta. A forma como você apresenta esse percurso de escrever um projeto e realizar uma pesquisa acadêmica é um presente para mim.⁷⁸ Ele me mostra que meu processo faz, sim, algum sentido. É bonito de ler. É bonito de escrever. É de verdade. E nada disso combina com plágio, porque embora as minhas palavras e minhas ideias não sejam minhas do nada, é no diálogo – e não na submissão (Matos-de-Souza, 2021) – que elas são construídas de forma original.

Com muito carinho e agradecida pelos aprendizados, me despeço, professora Débora, com um forte abraço.

Ludmila Karino

⁷⁸ Outra resposta da *Banquinha*: eu jamais deixaria de ler um texto por ser dedicado a estudantes de graduação, pra mim nem seria uma questão. Mas, por vezes, esqueço que minha voz é muito tímida e minha autoestima costuma ser frágil, sendo assim, e diante da minha experiência de apenas 6 meses na pós-graduação, acho que pode sim ter esse efeito de repelir mestrandos e doutorandos de alguma forma. E achei brilhante a estratégia de assim poder falar o óbvio que precisa tanto ser dito. De alguma forma, me lembrou de que adoro ler literatura infantil e da forma como elas também podem dizer o óbvio.

APÊNDICE D – CARTA PARA O PROFESSOR PEPE MONTEAGUDO

ARRATÍVAS AUTOBIOGRÁFICAS EPISTOLARES COMO FERRAMENTAS DE EMANCIPAÇÃO DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

OTÍTULO ESTÁ PÉSSIMO E É PROVISÓRIO.

Brasília, 30 de outubro de 2023 - UnB

¡Hola, Pepe! (Prezado professor Monteagudo,)

Esse é o máximo que me sinto segura de escrever em Espanhol embora me vires bem na leitura. (E isso não é uma indireta, mas, caso me responda pode ser em Espanhol.)

Não sei se você se sente da mesma forma ao escrever em sua língua nativa e em outra língua e eu imagino que escrever - ou falar - na nossa língua mãe deve ser mais fácil. Eu digo que imagino porque eu não escrevo em outra língua além da portuguesa, diferente sim e que eu tampouco domino.

Felizmente meu orientador é seu amigo e isso dispensa os meus elogios, até porque ele nem aceita e você sabe. Mas digo felizmente porque ser orientada por ele me permite escrever assim, como escrevo para você. E sim, esta carta é uma tentativa de te representar meu trabalho, minha pesquisa e um pouco de mim.

Foi muito gratificante aprender contigo e ter a oportunidade de conviver em alguns momentos com o Pepe, além do professor Monteagudo. Isso é algo ainda impressionante para mim, que via e vejo - professores da pós graduação como semi-deuses daqueles que brincam com as vidas da gente. E poder ouvir o mestrado da forma de estar ouvindo é ainda inacreditável para mim.

No quesito "aprendizagem" eu te agradeço muita por me apresentar tantas possibilidades e tudo de em organizar as coisas e isso me fez ficar pensando "onde foi mesmo que eu li isso?" na hora de escrever. Você poderia ter falado e a gente ter entregue tudo por escrito e traduzido. Isso me ensinou muito também e por isso eu te agradeço ainda mais, porque me passou respeito, cuidado, zelo... chegou para mim a essência antiga de um PROFESSOR, assim tudo maiúsculo, para sinalizar quem eu estou falando quase de um arquétipo.

E, ainda que eu não saiba explicar muito bem, e algo bem bonito de ver e de sentir.

Sabe, Pepe, eu me sinto muito insegura em relação à minha pesquisa. Mesmo agarrando essa chance com tudo que possa eu ainda me questiono. Escrevi isso ontem mesmo no que estou pretendendo que seja o esboço do texto da minha qualificação. (PERCEBE QUANTAS CONDICIONAIS, QUANTA INSEGURANÇA?)

Eu escrevi assim:

EU SEMPRE COMEÇO A ESCREVER COM UMA SENSÇÃO DE QUE NÃO VOU CONSEGUIR, DE QUE NÃO VAI DAR CERTO, DE QUE SEJA O QUE FOR QUE EU PRECISE ENTREGAR NO PRAZO EU NÃO VOU SER CAPAZ.

Essa conta não tinha prazo nem para ser escrita, não é um trabalho de disciplina e nem uma atividade.

MAS EU FIQUEI MUITO P. DA VIDA QUE EU NÃO PODERIA APRESENTAR MEU TRABALHO PARA VOCÊ PORQUE O MEU TEMA NÃO É MIGRAÇÕES. E NO DIA MARCADO NINGUÉM TER IDO ME DEIXOU MAIS INDIGNADA AINDA E DEIXO AQUI O MEU PROTESTO POR ESCRITO! !!)

Mas eu também me sinto insegura em escrever porque eu queria te apresentar o meu trabalho, minha pesquisa, minhas ideias... mas, ao mesmo tempo eu tenho medo porque é tão diferente do que eu aprendi a considerar acadêmico que eu me pergunto se eu não deveria estar num programa nas artes ou na literatura. E eu lembro do Rodrigo dizendo "vai deitada, vai!" e continuo aqui e não consigo de me apresentar para você.

Embora eu já tenha feito o protesto, queria explicar melhor a razão de eu ter ficado tão chateada com o fato das apresentações serem voltadas para migrações. A questão é que eu passei esses últimos meses lendo, estudando, pesquisando e refletindo sobre a situação de mulheres, migrantes e mães que perderam seus filhos por conta de processos envolvendo a Construção de Hava. E, os casos que estão acompanhando, envolvem "meu tema", a violência sexual. As mães em questão fugiram de países estrangeiros, onde seus filhos nasceram, fugindo de situações de abuso e violência sexual. (NA VERDADE, SUAS FILHAS)

Acontece, que por força da convenção, elas não poderiam mudar de país com seus filhos sem autorizações dos genitores. Mas, em situações de abuso, como essa autorização seria possível?

E, nesses casos a que me refiro, as crianças foram levadas de volta para os genitores abusivos, com a roupa do corpo, chorando, sem nenhuma adaptação prévia e com contato impedido ou muito restrito com suas mães.

Eu quis falar com o Rodrigo diversas vezes sobre isso, falar que na minha

calorça, faz todo sentido a minha questão com o silêncio que envolve a violência sexual e esses casos que estão acompanhando. Faz sentido porque quando eu ouço ou leio as narrativas daquelas mulheres eu identifico muito do que eu senti a vida toda. É uma identificação não no relato em si, mas no contexto dos relatos, quando elas falam coisas ou tocam em pontos que conheço bem, sabe? Posso te dar um exemplo: Raquel estranhou os comportamentos do seu companheiro por anos até conseguir acreditar no que via e sentia. Neide, contrariou sua intuição e seus maus pressentimentos por anos acreditando que eles não eram importantes o suficiente.

Quando me deparo com essas narrativas eu finto silêncio, Haia, gênero... mas de certa forma parece tão abstrato que eu não consigo escrever do jeito que eu acho que deveria para que meu texto tenha alguma serventia na vida real dessas mulheres e crianças. E não precisaria ter. Mas a questão é que eu quero que tenha. Entende meu dilema?

Eu sei que já deveria ter colocado isso para o Rodrigo, por isso fiquei P. da vida comigo. Se eu já tivesse desenvolvido isso eu poderia ter te apresentado e aproveitado muito mais a experiência. Mas eu estou enrolada no tal do dilema e tentando fazer um texto bom.

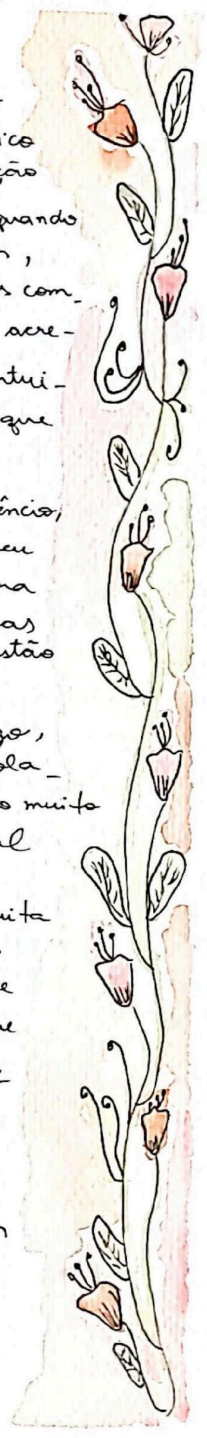
Eu quero que meu trabalho tenha algum impacto, é muita pretensão? É, por algum impacto eu digo: que sirva não apenas para mim, mas que sirva para os meus. Porque eu não estou aqui sozinha. Mas esse é outro assunto, que se um dia for possível, eu adoraria também poder compartilhar.

Enfim, Pepe, acho que conseguirte escrever essa carta já foi muito importante para mim. Obrigada por tudo e uma excelente volta para casa. Dê um abraço na Tóda em meu nome, ela deve ser muito boa gente, assim como você.

Com carinho, (Atenciosamente,)

Leiduíla Raquel Karine Tavares

OBS. VOCÊ ACABA DE CONFIRMAR QUE TERÁ ALGUM TEMPO ENTÃO EU VOU TENTAR CRIAR CORAGEM DE TE ENTREGAR A CARTA NO INÍCIO PARA QUE POSSAMOS CONVERSAR. COMO NÃO ACREDITO A - - - - -?



**APÊNDICE E – CARTA PARA A PROFESSORA ELEN GERALDES E
PARA O PROFESSOR HERRERA FLORES (EM MEMÓRIA)**

Direito a fala como um direito humano: narrativas autobiográficas como ferramentas decoloniais de emancipação de vítimas de violência sexual

Resumo:

Esse trabalho, realizado como requisito avaliativo parcial da disciplina “Direitos Humanos: Fundamentos Teóricos”, traz uma proposta de reflexão autobiográfica partindo da obra “A reinvenção dos direitos humanos”, de Joaquín Herrera Flores. O texto, escrito em forma de uma carta impossível ao autor, falecido em 2009, pretende trazer um diálogo com mais do que a teoria crítica em si, ele pretende ser um diálogo filosófico com as escolhas de Herrera Flores na hora da construção de seu texto. Pretende, ainda, se apresentar como uma alternativa à escrita acadêmica tradicional com a qual tenho muita dificuldade devido ao caráter pessoal do assunto abordado dentro da minha história de vida.

Prólogo: Carta para a professora Elen Geraldês

04/02/2023

Querida professora Elen,

Peço licença para destoar um pouco do protocolo formal de escrita de um texto acadêmico e início o meu com uma carta para você. Tomo essa liberdade devido ao fato dessa escrita mais afetiva e pessoal ser o tom do que vem se desenhando como o que virá a ser a minha dissertação.

O meu orientador, o professor Rodrigo Matos de Souza, acolheu de forma muito generosa a minha proposta e tem me permitido me sentir capaz de fazer esse mestrado, coisa que eu acreditei ser impossível. E essa crença se deu por diversos motivos, sendo um deles justamente a minha dificuldade em encaixar minha escrita num padrão acadêmico e “publicável”. E nem questiono a existência desse padrão, visto que sempre o almejei e sempre tentei alcançá-lo; eu só não consigo escrever apenas dentro dele. O professor Rodrigo, no

entanto, tem me apresentado uma bibliografia de possibilidades de escrita⁷⁹ com as quais me sinto confortável e um pouco mais confiante, daí a liberdade em te escrever.

No dia da prova oral do processo de seleção do mestrado, eu estava muito nervosa, muito ansiosa, beirando a angústia absoluta mesmo. Quando liguei a câmera e te vi e ouvi, eu me senti um pouco menos apavorada, porque estar na presença de mulheres já é por si só reconfortante. Acredito que isso ainda se acentua pelo fato da minha proposta de investigação trazer o tema da violência sexual numa perspectiva autobiográfica. Então, ainda que eu soubesse que era o protocolo e que sua presença não tinha nada a ver com meu tema, eu agradei mentalmente às deusas por você estar ali, afinal, poderia ser outro homem no seu lugar. Eu teria dado conta, eu sei, já superei a fase de me sentir vulnerável diante de presenças unicamente masculinas faz mais de uma década, mas sempre noto quando sinto o conforto de não estar.

E, sabe, professora Elen, é muito libertador para mim iniciar um artigo, no qual pretendo localizar o direito à fala como um direito humano, escrevendo sobre um desconforto que silencieei durante boa parte da minha vida, porque tem coisas que não se fala, tem coisas que não se comenta, tem coisas que não devem ser ditas. E é justamente sobre essas coisas que eu quero falar. E eu não consigo falar sobre elas sem falar de mim e não consigo falar sobre elas sem falar o que sempre calei, o que torna minha escrita mais pessoal e um pouco caótica.

No mais, gostaria de te agradecer pelo semestre incrível e pelos aprendizados e discussões que você oportunizou. Eu amei ter aula contigo, eu adorei a sua didática e a sua condução. Achei lindo seu cuidado em escrever no quadro e fiquei muito grata pelas explicações detalhadas de coisas sobre o programa e sobre a pós-graduação, sobre as quais eu não fazia ideia. Cursar essa disciplina contigo foi um excelente início na pós-graduação, não havia como ser melhor.

No dia em que levei minha filha para a aula, na volta para casa, enquanto conversávamos sobre o dia, ela disse que achou a UnB “muito legal mas um pouco chato porque lá tinha muito espaço e os alunos não podiam aproveitar porque ficavam na sala de aula”, daí eu disse a ela que concordava que ter aula no jardim deveria ser muito legal mesmo, mas que sua aula era muito boa até dentro da sala e que você me lembrava a professora Helena, do Carrossel, e que foi a melhor professora que eu tive lá. Não sei se você assistiu Carrossel, mas eu tenho uma memória afetiva muito linda dessa novela, o que me impede de

⁷⁹ Você já leu *Vista Chinesa*? Foi uma sugestão que ele me deu e que eu estou recomendando para todo mundo, das minhas melhores amigas à desconhecidas na fila do supermercado.

problematizar qualquer posicionamento da Professora Helena ainda que 32 anos depois. E você, pra mim, é a professora Helena da UnB. Muito obrigada, professora Elen.

Com muito carinho,
Ludmila

09/02/23

Professora Elen,

Acrescento aqui mais um trecho à minha carta, pois ontem tivemos a última aula da disciplina, sobre o Direito Achado na Rua e eu fiquei mais aliviada em te escrever essa carta, pois você disse que o texto poderia ser um texto mais leve, informal, não me lembro ao certo o termo, mas que poderia ser um ensaio ou algo assim. E, ao longo da exposição dos textos, disse que o professor José Geraldo havia dado um curso todo por cartas, além de ter escrito a tese dele em primeira pessoa. No entanto, ele o fez após 30 anos de uma carreira consolidada, enquanto eu estou nos primeiros e tímidos passos na academia. De toda forma, me sinto contemplada nesses atos que permitem uma escrita que fala tanto da bibliografia quanto de si e, mais uma vez, te agradeço por isso.

Direito a fala como um direito humano: narrativas autobiográficas como ferramentas decoloniais de emancipação de vítimas de violência sexual

Carta ao professor Herrera Flores

Caro professor,

Te escrevo essa carta em 2023, pouco mais de treze anos após sua passagem, o que significa que você nunca irá ler o que escrevo, o que, no entanto, não me impede de escrever. Recorro aqui à liberdade criativa que me foi permitida por meu orientador no mestrado, a qual, reivindico, ainda que com medo de uma nota baixa, também à professora da disciplina da qual essa carta consta como trabalho avaliativo. Sendo assim, te escrevo uma carta esperando que a resposta venha de outras pessoas que pensam os direitos humanos na minha geração.

Eu te escrevo para tornar possível um diálogo com sua teoria, com seus pensamentos e com sua escrita, já tão esmiuçada por diversos autores e pesquisadores de uma forma que eu seria absolutamente medíocre em tentar fazer. E não ousou.

O meu orientador, o professor Dr. Rodrigo Matos de Souza, disse um dia desses⁸⁰ que busca dialogar com autores e teorias e não se submeter a eles, visto que nossa tradição enquanto pesquisadores foi forjada no sentido de sermos meros leitores, ou colônia de citação. Essa fala pra mim é muito libertadora porque eu já não domino mesmo muito bem a arte da escrita acadêmica tradicional e da citação, vide o fato de estar te escrevendo essa carta.

Com quatorze anos eu escrevi, para um trabalho de História, no meu último ano no Ensino Fundamental, uma carta como se eu fosse Anne Frank, como se ela não tivesse morrido e estivesse ali no ano 2000, com seus 71 anos de vida. A minha Anne escrevia para mim, Ludmila, estudante, e eu, num ato de rompimento com o real, coleí na minha folha com pauta do trabalho uma reportagem sobre o *Diário de Anne Frank*, recortada de uma revista, a qual risquei com pincel atômico preto a parte que falava sobre a morte dela.

O meu então professor, um homem negro retinto de nome Jusmar, me fez ler a minha redação para a classe e elogiou muito o meu trabalho, disse que era aquilo ali que ele queria ver nos seus estudantes: criatividade, pertencimento e autoria no pensar. Eu fiquei muito envergonhada, mas daquele estímulo e daquele reconhecimento nasceu em mim um pouco de autoridade em escrever. Eu me senti, na verdade, autorizada a escrever, como se eu pudesse mesmo fazer isso. Até então, eu raramente escrevia, apenas lia muito. No ano seguinte, eu comecei a escrever em diários, hábito que mantive ao longo de toda minha adolescência.

Foi por meio de uma atividade escolar e de um professor que eu comecei a escrever e talvez por isso tenha me lembrado desse episódio agora, quando escrevo uma outra carta impossível, essa carta que você não pode ler.

Ainda assim, por meio dessa carta, eu me sinto capaz de tentar dialogar com um ou mais autores, conforme solicitado para o trabalho da disciplina “Direitos Humanos: Fundamentos Teóricos”. Por meio de uma carta, eu consigo não me submeter e nem me colocar na “colônia de citação” e, sim, dialogar com teorias e pensamentos de autores, inclusive dos mais consagrados, como você.

Estando clara a minha motivação em escolher te escrever uma carta, acrescento agora de que forma pretendo fazê-lo. Ao ler “A reinvenção dos Direitos Humanos”, mais do que a

⁸⁰ A fala a qual me refiro aconteceu no I Encontro Regional Norte de Pesquisa (Auto)biográfica, no dia 10 de fevereiro de 2022. No entanto, o vídeo não se encontra disponível no YouTube, pois está sendo editado. De toda forma, ele também discute esse assunto em: “A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica: outros tempos, outras narrativas e outra universidade” (Matos-de-Souza, 2021a).

teoria crítica, propriamente dita, contida ali, me chamou a atenção a escolha das palavras, as metáforas e anedotas apresentadas, a forma, dentre inúmeras outras possíveis, como você optou por escrever o que queria escrever. E falo aqui, dentre outras coisas, sobre citar a música do Zeca Baleiro, compositor da minha nacionalidade, sobre ter narrado a história do marinheiro bêbado e a do dilema de Anteu. Dialogo, assim, com suas escolhas muito mais que com sua teoria.

Em minha dissertação, professor Joaquín, pretendo trazer o tema da violência e do abuso sexual, sabendo que ele é de difícil conceituação, uma vez que é transversalizado em múltiplas dimensões, tais como, políticas públicas, direitos humanos, segurança pública, saúde mental e aspectos culturais, especialmente aqueles evidenciados em estatísticas.

Porém, há, ainda, uma dimensão que pode ser pensada numa perspectiva em que a violência ainda reverbera na vítima durante longo tempo, ou até mesmo durante toda a vida – gerando, com efeito, silenciamento, revitimização, exposição e constrangimento. Me refiro às narrativas veladas acerca da violência sexual que, provavelmente, assim como situações de racismo e outras violências em geral, são relegadas à subjetividade das vítimas.

Falar de tragédia tem suas nuances. Pessoas que foram assaltadas, que tiveram uma doença e ficaram internadas, que sofreram um acidente de carro ou que foram vítimas de um golpe financeiro, por mais difíceis que sejam suas histórias e experiências, elas podem contá-las numa mesa de bar ou em uma reunião de família, podem até mesmo recontá-las aliviando o sofrimento, acrescentando toques de humor e ironia. Momentos difíceis se tornam superação, acontecimentos traumáticos se tornam heroicos, momentos assustadores podem ser até divertidos. Isso não acontece com as vítimas de violência sexual e com suas histórias. Não há como suavizá-las nem como fazer delas uma narrativa leve.

Às vítimas de violência sexual resta o silêncio, resta amargarem sozinhas a sua história, sufocarem seus traumas, elaborarem suas questões em terapia, em tarjas pretas, em diálogos com poucos e seletos, afinal, como alguém poderia compreender? É como se a violência sexual deixasse uma marca em suas vítimas. A marca do silêncio. E, sim, existem aquelas que falam, que contam, que gritam. Com caráter de denúncia, de alerta, como um pacto pelo fim desse silêncio, mas, até essa narrativa é controlada e limitada. O silêncio acerca da violência sexual continua mesmo quando as vítimas conseguem falar. Ele continua quando as interações sociais que esse falar provoca são menos de empatia e acolhimento e mais de pena, condescendência e constrangimento.

Eis aqui um exercício imaginativo, professor: qual sua reação ao ouvir uma pessoa conhecida relatar que foi estuprada, que foi abusada sexualmente ao longo da vida, por

peessoas próximas, familiares, professores, amigos? O que isso te desperta? Como seria ouvir isso? O clima pesa, o ar fica denso, é um tipo de relato que não se faz, um tipo de história que não se conta. E esse silêncio decorre de diversos fatores os quais não cabem ser esmiuçados aqui, posto que a finalidade do meu texto e da minha pesquisa não é trazer uma reflexão sobre os motivos que geram o silêncio, e, sim, investigar o impacto desse silêncio na subjetividade de mulheres vítimas de violência sexual na infância/adolescência.

O quão violador dos direitos humanos pode ser construir a sua subjetividade com base em coisas sobre si sobre as quais não se pode sequer mencionar?

Ao longo do semestre, na disciplina “Direitos Humanos: fundamentos teóricos”, brilhantemente ministrada pela professora Elen Geraldles, trabalhamos bibliografias das três linhas do programa, as quais contemplaram uma gama de assuntos pertinentes aos direitos humanos e cada texto e a cada aula eu me perguntava onde mais se encaixaria minha pesquisa. Eu entrei pela linha 1 e acredito que ela seja mesmo a que mais contempla, no entanto, me vi pensando em outras discussões e possibilidades. Daí decorre a minha escolha em dialogar nesse texto com o seu pensamento e sua perspectiva de direitos humanos como campo de luta em constante construção e disputa.

Como lembrado pelos seus tradutores, a força de nomear as coisas pode modificar a nossa maneira de vê-las; e esse pensamento norteia a escrita dessa carta e do meu trabalho no sentido de que, ao dar nome aos processos de construção da subjetividade de vítimas de violência sexual, pretende-se conquistar espaços menos violentos para o existir.

A meu ver, professor, a sua perspectiva situa os Direitos Humanos como um campo de disputa pela dignidade de existir e de viver uma vida digna de ser vivida, trazendo, assim, a ideia de que os direitos não são entidades jurídicas e sim vivências materiais.

E viver uma vida digna pressupõe ter os meios necessários para vivê-la, pressupõe recursos materiais, concretos e visíveis.

Por isso, repito que, mais que dialogar com sua teoria, opto nesse trabalho por dialogar com a sua escrita, com suas escolhas de palavras e metáforas, com a expansão filosófica que o fez questionar a teoria tradicional dos direitos humanos e o possibilitou escrever sobre ela.

Assim como você, venho aqui valer-me das mesmas anedotas apresentadas, começando com a do marinheiro bêbado à procura, sob a luz de um único poste, de uma carteira que sabia perdida noutro local. O marinheiro a procurava sob a luz do único poste porque ali era o único lugar iluminado para onde ele poderia olhar. Ele não suportaria procurar na escuridão. Essa história narrada por você e recontada aqui se apresenta na minha escrita como uma justificativa teórica para trazer a ideia de que, dentro do meu processo de

escrita, inclusive no mestrado, a luz do poste pra mim são as palavras. É por meio da escrita que consigo dar nome, que consigo “por as frases” no direito que anseio – uma vez que um direito quer dizer um “dever ser”.

Eu me pergunto, professor, uma vez que os direitos humanos são frutos provisórios de processos de luta, como a minha luta pode configurar a origem de um direito? Como a minha luta pode criar o direito à fala e ao fim do silenciamento?

Será que os direitos só existem porque são violados? Se todos respeitassem os direitos, não haveria necessidade de sequer existir um direito? Se eu não tivesse sido violada, haveria necessidade de reivindicar o meu direito à fala? Seriam os direitos humanos, na verdade, não descobertos, mas encobertos?

Essas perguntas que me faço enquanto te escrevo, professor, surgiram a partir do meu diálogo com sua escrita, um diálogo muito mais com o que imagino sua angústia prévia à escrita daquele texto, prévia até mesmo ao início das pesquisas que te conduziram, com o tempo, a formular a teoria crítica, do que com a teoria crítica em si.

Gostaria muito que você pudesse ler essa carta, para que pudesse me responder como foi o seu processo de criar uma teoria crítica que defende a materialidade e a construção por meio da luta dos direitos humanos. Queria que me respondesse, e espero de que um dia os seus estudiosos o façam, qual era a sua luta que nos gerou o direito de debater direitos humanos na sua perspectiva? Lembrando que sua perspectiva é ainda a de um homem branco de um país colonizador, ou seja mais fácil de ser aceita⁸¹.

Quem nomeia as coisas se apropria delas, você nomeou e me permitiu me apropriar de sua teoria crítica para reivindicar e construir o meu direito à fala.

E, alcançado o número mínimo de laudas exigido pela professora, quero ainda continuar te escrevendo para dizer, das reflexões que me vieram, com o enigma de Anteu que você escolheu colocar na explicação da complexidade política dos direitos humanos. Mais uma vez, mais que dialogar com a complexidade política dos direitos humanos, quero dialogar com sua escolha desse mito para explicar sua teoria.

Anteu, filho da mãe terra, sempre mantinha seus pés no chão para poder derrotar seus inimigos, sendo assim, invencível, até que Hércules o levantou do chão e o derrotou. Você

⁸¹ NOTA EXTRA: Explicando a nota extra - Na escrita da minha dissertação – que envio ao meu orientador –, recorro a esse recurso que costumo chamar de nota extra. Essas notas extras são os pensamentos que me vêm à cabeça durante a escrita, mas que, por algum motivo, não cabem ser postos no corpo do texto. Seja porque é algo que não quero falar, mas preciso; ou algo que preciso falar, mas não quero.

NOTA EXTRA: Ao fazer essa crítica ao fato de você ser um homem, branco, de um país colonizador, eu imediatamente me senti inadequada, desrespeitosa, mal educada. E, veja bem, professor, são fatos. O senhor, de fato, era um homem, branco e de um país colonizador. Por que seria ofensivo de minha parte sinalizar o óbvio?

associa a terra de Anteu com a certeza de que as coisas não mudam⁸² e a vitória de Héracles com o fato de ter afastado seu oponente de sua base de certezas após identificar que a cada queda ele se fortalecia. E eu fiquei me perguntando, professor, dentro do seu processo de escrita, qual o motivo de sua escolha por esse mito. Uma vez que no meu processo ele se relaciona com o ver-me erguida do chão, levantada ao alto, perdendo a segurança. E isso acontece quando preciso falar desse silêncio que ainda não consigo ao certo nomear.

Sabe, professor, eu não sei o que te motivou a escrever e a pesquisar e teorizar sobre direitos humanos e talvez seja muita pretensão minha te escrever essa carta impossível em busca de diálogo, visto que sua teoria se tornou referência no debate dos direitos humanos. E tampouco sei se algo tão pessoal como ter sido violentada sexualmente mais de uma vez ao longo da minha vida e ter lidado com esse silêncio durante tantos anos pode vir a ser algo político a ponto de contribuir para a luta que vai gerar o surgimento de mais um direito humano, que, sim, visto pelo âmbito da existência de um direito ter como pressuposto sua violação, seja, de fato, provisório, pois espero que um dia deixe de existir por não se fazer mais necessário.

No mais, encerro essa ousada carta com votos de que no céu haja pão, (o senhor conhece o meme?) liberdade e terra. Que haja direito de falar daquilo que nos incomoda e de uma forma que nos contemple.

Um abraço impossível,

Ludmila Raquel

⁸² Vi algumas interpretações na internet que associam a terra com humildade, com autoestima, com se achar muito importante e com voltar para a casa dos pais a cada dificuldade.

APÊNDICE F – CARTA DA APRESENTAÇÃO DO EVENTO NA UFG

Essa carta foi lida elaborada para minha apresentação no evento XIV Pensar Direitos Humanos, ocorrido na Universidade Federal do Goiás. Embora ela não tenha sido citada nos textos, decidi acrescentá-la como apêndice porque, assim como nesse texto, para escrevê-la foi preciso fazer um exercício de sintetizar, explicar e contextualizar o meu trabalho, o que foi decisivo para mim. E foi a primeira vez que falei de uma forma mais estruturada sobre meu trabalho.

Bom dia, gente.

Meu nome é Ludmila, sou aluna do mestrado em Direitos Humanos da UnB, orientada pelo professor Rodrigo Matos de Souza, que é a pessoa a quem vocês devem cobrar qualquer quebra de protocolo que eu venha a fazer nessa apresentação. Porque, segundo ele, eu tenho um trabalho “maluco do carai” e ele, sabendo disso, diz “vai doida, vai, faz”, e eu vou indo, afinal, “escutem seus orientadores” é algo que ele sempre diz.

O meu trabalho se chama: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS EPISTOLARES COMO FERRAMENTA DE EMANCIPAÇÃO DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL. E, quando eu submeti o resumo, eu ainda não havia decidido como escrever (auto)biografia, uma vez que é possível escrever junto, separado, com ou sem parênteses... E eu descobri semana passada que eu precisava decidir. Então, eu deixo aqui registrado que escrevo assim o termo, com parênteses. Que é um termo criado aqui no Brasil, pela professora Maria Helena Abrahão. O título é provisório e bem mais sisudo do que esse trabalho pretende ser.

Eu escrevo sobre narrativas (auto)biográficas epistolares, e mais do que isso, eu escrevo cartas. O meu trabalho vem sendo construído em formas de cartas (Capítulos) que eu escrevo para o meu orientador e as quais ele me responde também em cartas. Além dessas, tem cartas que enviei para outras pessoas, cartas para autores com os quais dialogo – e aí não tem diferença entre os de ontem e os de hoje, entre os vivos e os sempre vivos, como Nego Bispo, a quem presto essa singela homenagem.

E, não sei se já perceberam, mas minha apresentação é uma carta, uma carta que escrevi para vocês enquanto interlocutores genéricos, mas mais ou menos específicos, uma vez que eu sei que falo a um público predominantemente acadêmico, ou com domínio dessa linguagem que é tão difícil para mim. E por isso eu escrevo cartas. Escrevendo cartas eu consigo escrever melhor. Então, essa apresentação será feita em carta e essa é uma carta de

apresentação. Uma carta para falar que vou ler uma carta que fala sobre a importância das cartas e da (auto)biografia na emancipação de vítimas de violência sexual e no fazer acadêmico contra-colonial. Então, aqui eu encerro a carta de apresentação para começar a minha apresentação em carta.

Prezados participantes do Pensar Direitos Humanos, eu fui estuprada. Na infância e na adolescência. E, se hoje eu assumo o desconforto de proferir essas palavras é porque eu entrei no mestrado para falar de silêncio. Eu entrei provocada pelo silêncio que encontrei quando comecei a escrever sobre políticas públicas para prevenção e combate à violência sexual no âmbito das escolas públicas de Ensino Médio de Samambaia-DF no início do processo seletivo do mestrado. Esse silêncio que era meu velho conhecido.

E, para falar desse silêncio, eu costumo recorrer à memória de quem me escuta e, assim, eu lhes peço que se lembrem de quantas vezes em mesas de bares ou rodas de conversa entre amigos falou-se sobre coisas como morte, assalto, doenças, acidentes, traições, falências, dentre outras experiências difíceis que qualquer ser humano está sujeito a passar. A gente fala, às vezes brinca, acrescenta toques de humor e ironia, tece uma sequência lógica e coerente que só é possível ser tecida com fios de presente que olha para o passado. E quantas vezes alguém falou sobre estupro? Sobre ter sido estuprada? E quando se fala, gera um desconforto. E esse desconforto existe em mim também ao não falar. E eu queria falar disso, queria falar do direito à fala como um direito humano.

E, assim, eu entrei no PPGDH para ser orientada pelo professor Rodrigo, que já na primeira aula da disciplina de narrativas autobiográficas detonou tudo o que eu achava que deveria ser acadêmico e no final acrescentou: “mas não quero confusão com ninguém, escutem seus orientadores”. E eu estou escutando.

A minha pesquisa não poderia se desenvolver se meu orientador fosse alguém menos autor, menos inovador, mais conservador ou casado com outra pessoa que não Carol, que me indicou uma das principais referências teóricas desse trabalho. E dizer isso não é um elogio a ele – até porque ele detesta – e sim um dado metodológico. Escrever cartas me possibilita uma escrita que respeita minha forma de pensar, que acompanha meu fluxo de pensamentos, que me permite ser autora e, de fato, tentar criar algum tipo de conhecimento que faça sentido para mim. E não sei de que forma poderia construir o que vem sendo a minha pesquisa se não com a liberdade de poder entregar um trabalho que “não é um artigo, tem algo de ensaio, de memória, de fluxo de consciência, e que não é científico, da forma boa, como somente algo não científico pode ser”. Trecho de carta que recebi como parte da minha orientação.

E, ao longo desse meu primeiro ano de mestrado, construindo uma narrativa (auto)biográfica epistolar, eu passei a me interessar pela forma como uma experiência autobiográfica minha, no caso, a violência sexual sofrida, me fez transitar por caminhos que me trouxeram reflexões as quais considero dignas de estarem sendo faladas aqui, dentro da universidade pública.

Cada vez mais, eu venho sendo convencida da importância dos elementos autobiográficos que, comumente separados do fazer científico e acadêmico, estão, na verdade, impregnados nele. E para explicar melhor o que quero dizer, eu me permito contar uma história. Um colega, em fase de preparação para a seleção do mestrado me contou sobre o que estava escrevendo e sobre o que queria fazer. Ele queria analisar o impacto das políticas públicas envolvendo o dia 18 de maio, dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, em escolas públicas do Distrito Federal. Ele me falou do trabalho dele e ficamos conversando até que chegamos em algo sobre as leis e eu perguntei para ele como ele lidava com o fato de que o que a lei brasileira tipifica como crime de estupro de vulnerável ser entendido por ele como algo não criminoso e nem mesmo nocivo, uma vez que ele já havia me contado que teve experiências sexuais com mulheres maiores de idade quando tinha menos de 14 anos, e que isso não faz muito tempo. E que, assim como ele, vários outros colegas e alunos já haviam feito esse mesmo relato. Colegas homens, heterossexuais, que viveram experiências tipificadas pela lei como estupro de vulnerável, mas que não se entendem vítimas de nada, ao contrário, gostaram das experiências que tiveram. E disse a ele ainda que considerava importante saber se quem pensa políticas públicas ou sobre políticas públicas visando o combate à violência sexual relativiza o conceito legal dela. E se isso impacta ou não nas políticas públicas.

Nessa conversa, acontecida no cotidiano da vida, com detalhes autobiográficos da vida do meu colega e da minha, eu entendi porque é tão importante a pesquisa autobiográfica na academia. São esses detalhes autobiográficos que, de alguma forma, constroem nossas pesquisas. Mas algumas biografias têm mais valor e mais espaço acadêmico que outras. E os trabalhos dessas pessoas, por motivos diversos que jamais vamos saber ao certo, são os que a gente costuma ler.

Enfim, o tempo me preocupa e preciso encerrar. Mas queria ainda dizer que a escrita epistolar me possibilita também transitar por outras linguagens e formas de expressão, é o que chamo a princípio de versão artesanal ou imaterial do trabalho, composta por um corpo cheio de memórias e incapaz de escrever só PDF's. Nada contra os PDFs, esse inclusive é um. Mas é que uma parte do meu trabalho fala sobre silêncios que não cabem neles.

Essa versão artesanal ou imaterial é composta dos cheiros, gostos, sons, sabores e cores do meu processo de escrita da dissertação. Porque tudo isso faz parte dela. Essa parte do meu trabalho se inspira e dialoga muito com o trabalho da professora Manoela Afonso dos Anjos Rodrigues, aqui da UFG. Conheçam o trabalho dela, sério. Bem como dialoga com minha avó que me criou na Ceilândia-DF à moda de Correntina-BA, com quem aprendi a costurar histórias e palavras como uma colcha de retalhos.

Então, ali na mesa tem um pouco disso, de sabores, cheiros, cores, de autobiografia e de artesanato. Fiquem à vontade para levar alguma lembrancinha se gostarem. Tem marca páginas com aquarelas e trechos da minha bibliografia, tem outros com plantas que estou aprendendo a desidratar e a estampar. Porque eu sou professora, gente, de Ensino Médio, mas com alma de Anos Iniciais, e eu amo um EVA de glitter e uma cola quente, eu amo essa forma de ensinar e toda a criatividade envolvida nela e que atua diariamente e diretamente na formação de crianças e adolescentes nas salas de aula e que agora eu trago um pouco para a universidade. Então, sintam-se à vontade para pegarem as lembrancinhas e provarem os bolos – são de banana, e ambos contêm glúten e lactose, só pra vocês não voltarem com a mesma boca que vieram, como dizia minha avó.

E, para terminar – espero que dentro dos 10 minutos, conforme planejei –, gostaria de dizer que concordo com MATOS DE SOUZA quando ele diz que nossa vida é chata. Profundamente chata. Uma sucessão de acordar, lavar os olhos, fazer xixi, com sorte, cocô, talvez tomar banho... A gente é basicamente uma sucessão de coisas chatas que deixamos de fora das nossas autobiografias. Mas, além de chata, a vida também é magnífica quando a gente vê a alquimia dos elementos, sentimentos e alimentos acontecendo no dia a dia. E essa parte imaterial ou artesanal é um pouco sobre isso.

Enfim, espero que tenha feito algum sentido para vocês. É a primeira vez que falo assim publicamente do meu trabalho e ainda é bem desafiador também.

Estou aberta às considerações de vocês,

Um abraço, Ludmila

APÊNDICE G – PRÉ-PROJETO DE INGRESSO NO MESTRADO DA UNB

Proposta de Investigação de Mestrado Acadêmico

Sistema de seleção universal

Linha de Pesquisa: Linha 1

Educação em e para os Direitos Humanos e Cidadania

Projeto de Pesquisa:

Colonialismo/colonialidade e educação: cenários de resistência e subordinação e Narrativas Migrantes: formação, identidade e reinvenção de si

Possível Orientador: Professor Doutor Rodrigo Matos de Souza

a. Título da Proposta:

Narrativas autobiográficas e violência sexual: a abordagem decolonial como forma de resignificação de narrativas que se perpetuam na subjetividade por força da imposição dos discursos dominantes.

Resumo:

Essa proposta de investigação apresenta a narrativa autobiográfica como ferramenta de emancipação do sofrimento das vítimas de violência sexual, partindo desse lugar inclusive como processo de escrita. Pretendo investigar, à luz da abordagem decolonial, em que medida as narrativas autobiográficas podem contribuir para a elaboração e resignificação do sofrimento. A narrativa autobiográfica possibilita à subjetividade depurar internamente formas não-materiais de violações de direitos e, sobretudo, porque permite enquadrar o silenciamento como dispositivo de uma narrativa colonial e revitimizadora.

Palavras-chave: violência sexual, narrativas autobiográficas, gênero.

b. Tema e problema da pesquisa:

A violência e o abuso sexual contra meninas e mulheres, além de se configurar como grave violação de direitos e dos direitos humanos, envolve também, conforme Machado (2001) e Segato (2019) fatores de disputas de narrativas de gênero. Desta forma, arquétipos sociais fundados em aspectos da alteridade contribuem para formação de narrativas

dominantes e narrativas subalternizadas no pensamento Ocidental (AGUIAR, 2017).

Numa perspectiva teórica compreende-se que a violência sexual se organiza como um tipo de violação que aciona uma teia de dominação: gênero, idade, classe, raça e vulnerabilidades. Chamo atenção para as dimensões que os problemas de construção de narrativas geram na vítima, como por exemplo, o silenciamento, o constrangimento, a revitimização e a exposição da intimidade.

c. Relevância e vinculação da proposta de pesquisa:

O estudo desse tema pode ter grande importância para as vítimas bem como para o Poder Público (na construção, promoção e adequação de políticas públicas) e para o PPGDH se considerarmos a necessidade de garantia dos direitos humanos num sentido amplo, que contemple, sobretudo, a urgência da construção de uma narrativa emancipadora e libertária para as vítimas.

Essa proposta se vincula ao PPGDH porque ambos buscam a compreensão de como algumas violações de direitos ancoram na subjetividade de narrativas em disputa. E se vincula à Linha de Pesquisa 1 porque ao utilizar o recurso da autobiografia e das narrativas de si (SOUZA, 2015), é possível contribuir para a educação em e para os direitos humanos. E, por fim, se vincula também ao Projeto de Pesquisa “Colonialismo/colonialidade e educação: cenários de resistência e subordinação e Narrativas Migrantes: formação, identidade e reinvenção de si”, do professor Rodrigo Matos.

Essa escolha se deu justamente pela possibilidade de caminhar na linha das narrativas em torno da construção de possibilidades de diálogo e, por que não, de direitos, “onde quem ganha são as coletividades, a humanidade e a liberdade” (SOUZA, 2017, p.30).

d. Objetivos e pergunta da proposta de pesquisa:

Objetivo Geral: Investigar, a partir da narrativa autobiográfica, à luz de literatura emancipadora, como discursos de dominação contribuem para o prolongamento do sofrimento das vítimas de violência sexual.

Objetivos Específicos: **i)** Estudar a literatura acerca da violência sexual para fundamentação teórica; **ii)** Revisar a literatura acerca da abordagem decolonial a fim de compreender mais profundamente como se estruturam as questões de subjetividade, identidade e direitos; **iii)** Revisar a literatura de Direitos Humanos como parte da fundamentação teórica; **iv)** Pesquisar sobre narrativa autobiográfica e/ou outros métodos de pesquisa como fundamentação e

aplicação da abordagem metodológica da proposta de pesquisa.

Pergunta de Pesquisa: Em que medida uma narrativa autobiográfica, à luz de literatura emancipadora, pode contribuir para o processo de elaboração do sofrimento das vítimas de violência sexual?

e. Fundamentação e Referencial Teórico:

O tema da violência e do abuso sexual é de difícil conceituação, uma vez que ele é transversalizado em múltiplas dimensões, tais como, políticas públicas, direitos humanos, segurança pública, saúde mental e aspectos culturais, especialmente aqueles evidenciados em estatísticas.

Porém, há uma dimensão que pode ser pensada numa perspectiva em que a violência ainda reverbera na vítima durante longo tempo, ou até mesmo durante toda a vida – gerando, com efeito, silenciamento, revitimização, exposição e constrangimento. Me refiro às narrativas veladas acerca da violência sexual, que provavelmente, assim como situações de racismo e outras violências, em geral são relegadas à subjetividade das vítimas.

Diante disso, sem conseguir me desvencilhar da minha história de violência sexual na infância e adolescência, decidi partir dela, por meio de narrativas autobiográficas, para construir essa proposta de investigação que pretende compreender – além dos fatores externos e materiais – os mecanismos arrolados por narrativas dominantes que subjagam as vítimas a outras formas de violência no âmbito subjetivo, existencial, social, moral.

Uma vez que a violência sexual é completamente associada a uma violência de gênero, já se torna um exercício complexo pensá-la em prol de construir uma narrativa decolonial e isso acontece devido à nossa própria noção “ocidentocêntrica” (OYÊWÙMÍ, 2021) de gênero ter sido construída com base em padrões “bio-lógicos” (idem).

Oyêwùmí “discute a tensão entre uma língua isenta de gênero, o iorubá, e outra, que seria estruturada em torno do gênero, o inglês” (nota do tradutor, p.7) e nos alerta para o fato que essa condição revela a complexidade de falar sobre mulher enquanto categoria.

Se formos pensar em termos de direitos, os efeitos da violência na subjetividade não seriam tão relevantes como os fatores objetivos da materialidade da violência sexual, porém, os direitos humanos permitem trazer essa desconstrução para pensarmos o Outro em sua perspectiva (AGUIAR, 2017).

As vítimas de violência sexual, declarando publicamente o abuso sofrido, podem ter suas experiências materiais minimamente amparadas por instrumentos legais (denúncia, ocorrência e inquérito policial, exame de corpo de delito, processo jurídico) e com apoio e

suporte psicológico, no entanto, esse amparo legal/institucional não chega ser a regra para todas elas. Ainda que busquem apoio e justiça, é muito comum que os culpados não sejam punidos e/ou reabilitados e que as vítimas não recebam atendimento psicológico adequado.

Quando passamos para a esfera “não material” (forma em que a violência sofrida atua existencialmente na subjetividade, por exemplo), o processo de elaboração da violência sexual sofrida aprofunda em camadas de negação e silenciamento. Nessa fase as vítimas não dispõem de espaços e ferramentas sociais para se expressarem livremente em relação ao que viveram. Não existe essa permissão sociocultural, suas/nossas experiências são sempre confinadas na individualidade e uma vez que o Estado cumpre - ou mesmo quando ele não cumpre - seu papel legal, resta às vítimas lidar de forma individual com as consequências da violência sofrida, que por força de um modelo de dominação do discurso, acabam perpetuando outras formas de sofrimento – que viola direitos.

Para alinhar à temática proposta, apresento uma bricolagem contendo abordagem de narrativa autobiográfica e História de Vida a partir de alguns/mas autores/as tais como: Bolívar (2018) que vai tratar sobre as histórias de vida como uma perspectiva própria de investigação que é indissociável das formas de falar e Pulino (2021) que discorre sobre a narrativa autobiográfica como uma forma de se conhecer e se reconhecer. E dialogo ainda com Souza (2021) sobre a escrita autobiográfica como lugar de fala, com a “escrevivência” de Evaristo (2017) e com Alves (2021) e sua perspectiva que reivindica reparação e justiça.

f. Abordagem Metodológica da Proposta:

Essa proposta visa discutir não apenas a construção das narrativas e da elaboração subjetiva das vítimas de violência sexual, mas também analisar novas possibilidades de construção de narrativas emancipadoras e decoloniais. Conforme Bolívar (2018):

Contar las propias historias de vida, sus vivencias, y leer (en el sentido de “interpretar”) dichos relatos que los agentes narran, es ya una perspectiva propia de investigación. La dimensión personal y biográfica es, pues, indisociable de las lógicas del decir: el relato de los sujetos (p. 11).

Sendo assim, o enfoque autobiográfico possibilita ao sujeito recuperar a autoridade sobre sua própria prática. Também nessa perspectiva, Pulino (2021) diz que falar sobre si mesma é um exercício de se conhecer e se reconhecer, ao revisitar memórias.

Souza e Vanzuíta (2022) argumentam que a perspectiva autobiográfica possibilita o direito de existir e, conforme Marques e Satriano (2017), é referendada “como viável, válida e

mais, como uma alternativa rica no estudo sobre o ser humano” (p. 383), além de apontá-la como importante no processo de aperfeiçoamento profissional e desenvolvimento social do pesquisador.

Muitos autores/as negros/as (ALVES, 2021; EVARISTO, 2017) trazem a abordagem autobiográfica como possibilidade de reinterpretação de traumas sofridos em suas trajetórias de vida.

Alves (2021) traz a perspectiva autobiográfica como possibilidade de (re)interpretação do mundo. Ele, tomando como base seu lugar de homem negro, parte de si para apresentar uma perspectiva decolonial.

A escrita dessas reflexões sobre si baseiam-se no conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2017). A autora criou esse termo para se referir a uma escrita que se mistura com as memórias e relatos dela e de seu povo.

O lugar de mulher negra de Evaristo é fundamental para compreender a formulação e aplicação da *escrevivência*. E para mim, mulher branca, dialogar com esse conceito faz parte de uma escolha de perspectiva decolonial.

Sendo raça e gênero categorias interseccionais, a escolha bibliográfica dialoga com autores que vivenciam e narram o lugar de “Outro” como potência. Assim sendo, a escolha da abordagem metodológica se deu pela própria necessidade de utilizá-la como forma de compreensão e reelaboração de uma narrativa emancipadora de mim mesma e de outras vítimas de violência sexual.

APÊNDICE H – CARTA PARA A MINHA MÃE

Essa carta foi escrita para minha mãe, na ocasião do aniversário de 60 anos dela, dia 20 de março de 2024. Eu decidi colocá-la aqui, como apêndice, porque ela tem uma relação com esse trabalho e com a minha relação com prazos e tempos na escrita.

Mainha,

Hoje, na verdade, já é dia 21, a senhora já tem 60 anos e 1 dia, mas essa é a sua cartinha de aniversário e, como não dormi ainda, eu considero que ainda é o seu aniversário. Eu pretendia dormir no caminho de volta, mas a Lala errou o caminho algumas vezes e eu não consegui. A volta foi uma aventura, mainha, os ponteiros do carro continuaram não funcionando e até uma estrada de terra a gente pegou. Mas deu tudo certo. Deixei a Lala e o PC, deixei a Memel e fui pra casa com a Clacla. Ela já está na cama, já tomei um banho, cuidei dos gatos e peguei o computador para terminar de fazer o meu trabalho, mas não consegui porque queria mesmo escrever para a senhora enquanto escuto Roberto Carlos.

Hoje é seu aniversário. Sessenta anos. 22 a mais que eu. A senhora era uma menina quando eu nasci e só quando eu fui ficando mais velha é que eu fui entendendo isso. Aos 22 anos eu ainda nem pensava em ser mãe, nem sabia se queria ser mesmo mãe um dia. Eu li uma vez que, quando perguntado se queria ser pai, Renato Russo⁸³ respondeu assim: eu sou egoísta demais para ter filhos. Ter lido isso na adolescência me marcou e sempre que pensava sobre ser mãe eu pensava se não seria egoísta demais para isso. Porque, no fundo, mesmo que eu não assumisse nem para mim mesma, eu te achava uma baita de uma egoísta.

Eu não entendia, mainha, como a senhora conseguia não ser a mãe que eu queria que a senhora fosse. A mãe perfeita⁸⁴, dos contos de fadas... Mas, quando escrevi “conto de fadas”, eu me lembrei que neles não existe a mãe perfeita porque ela geralmente morre no início da história e dá lugar a uma madrasta geralmente muito má. Foi assim com a Branca de Neve, com a Cinderela, com a Elsa⁸⁵... As mães da Bela Adormecida e da Rapunzel não morreram, mas não puderam ser mãe porque as princesas foram roubadas pelo sono e pela bruxa. A mãe

⁸³ Vocalista da banda preferida da minha adolescência, Legião Urbana, falecido em 1996. E foi engraçado que quanto tentei confirmar a fonte dessa citação eu não encontrei da forma como me lembrava no livro *Renato Russo de A a Z*, organizado por Simone Assad (2000). Nesse livro, ele diz que não pensava em amor e que se achava egoísta para ter um relacionamento honesto com alguém, e não para ser pai. Ainda vou confirmar, mas mantive o texto, pois era uma memória.

⁸⁴ Olha que coincidência, mainha, quando comecei a escrever sobre a mãe perfeita, o Bebeto começou a cantar Lady Laura, e eu me lembro que a senhora me disse que ele fez essa música para a mãe dele. E como eu queria dormir agora ganhando seu cafuné... “Me leve para casa, Lady Laura, me conte uma história, me faça dormir”, dona Ruth.

⁸⁵ Elsa é a princesa do filme *Frozen*, que a Clarissa amava, lembra? E ficava cantando “levistou” pela casa. Tem um vídeo dela fazendo isso que no fundo aparece a sua voz sorrindo e celebrando a fofura dela.

da Moana⁸⁶ até era legal, mas por ela a filha teria ficado presa numa ilha aparentemente perfeita, mas sem história e sem raízes. A mãe da Pequena Sereia eu não me lembro ao certo se morreu, mas, na história dela, o pai que era a figura central. Enfim, a mãe perfeita definitivamente não é a dos contos de fadas.

E hoje, enquanto te escrevo essa cartinha de aniversário, eu me pergunto o que era de fato essa mãe perfeita que eu queria. Hoje isso parece tão insignificante, sabe por quê? Porque eu sinto de uma forma tão certa no meu coração que eu tive e tenho a mãe perfeita para mim. A senhora!

Mainha, a senhora é a mãe perfeita para mim. A mãe que me deu e me tirou o que eu precisava. A mãe que me amou incondicionalmente até hoje. A mãe que faz cafuné na minha cabeça quando deito no colo, não importa que seja na sala de espera de um consultório cheio de um neurologista qualquer. A mãe que a senhora foi é parte fundamental de tudo que eu sou hoje, inclusive do trabalho que eu estou escrevendo nesse exato momento em que também te escrevo.

Eu nunca te expliquei muita coisa do meu mestrado, nem da minha faculdade, né? A senhora sempre diz que sou professora de Sociologia e reza para que as pessoas não perguntem o que é Sociologia. Eu dou risada, mas no fundo me preocupo. Porque a Sociologia que eu acredito que tento ensinar para os meus alunos não faz sentido se eu não conseguir falar dela com a senhora também. Em breve, com fé em Deus, a senhora vai poder dizer que sua filha caçula é mestre em Direitos Humanos também. E Direitos Humanos a senhora provavelmente não vai ter que explicar o que é, porém já te digo que, dependendo da pessoa que a senhora falar, inclusive da nossa família, isso pode ser visto como algo muito ruim e que não serve para nada além de defender bandido. Mas eu sei que a senhora me defenderia com unhas e dentes, assim como a Bibi te defendeu quando tentaram te diminuir dizendo que “até cachorro veste um jaleco branco”. E eu amo muito que vocês sejam assim.

Mas, eu dizia que nunca conversamos muito sobre os meus estudos, né? E eu queria te falar um pouco disso agora. Percebi que essa carta que começou como uma cartinha de aniversário também fazia parte do meu trabalho quando inseri a primeira nota de rodapé. Eu te explico. Estou na fase final de um texto muito importante e que está sendo muito complexo para eu produzir. Eu digo complexo porque não é absolutamente difícil, embora não seja fácil. Tampouco é ruim, embora nem sempre confortável. É desafiador. E tem me feito muito bem, ao passo que me coloca em confronto com minhas dificuldades. E esse texto é escrito

⁸⁶ A Moana talvez a senhora não conheça, ela é uma princesa de filme da Disney também, mas a Cla não ficou muito fã dela.

justamente em forma de cartas e eu gosto tanto de escrever cartas que ri da minha ingenuidade ao achar que escrever essa carta para a senhora, nessa altura do campeonato, seria apenas uma carta de aniversário.

Mas, ontem, eu vivi um conflito interno e acadêmico quando fui pra Goiânia comemorar seu aniversário. É que eu estou no prazo final da escrita do meu trabalho, prazo já muito apertado. Meu orientador – que é como se chama o professor que lê, corrige e me ajuda a melhorar tudo que eu escrevo e que venho pensando –, o nome dele é Rodrigo, e ele me pediu muita celeridade na conclusão do texto, de forma que eu precisava ter passado esse dia de hoje terminando as considerações da última leitura dele. Mas era seu aniversário de 60 anos. A senhora está pertinho de mim e como assim eu não ia te ver? Como assim eu não ia comer o pregado da panela do frango da tia Stella, não ia rir das palhaçadas da Elisângela e nem vê-la chorando quando a senhora disse o quanto meu sorriso parece o do meu pai? Como eu não ia ver a Clarissa colocando o bebê Bruno para dormir no colchão no chão da área que eu lavei com a mangueira? E a senhora disse que era seu sonho lavar aquela área com a mangueira e comemorou por eu estar fazendo aquilo. E depois a tia Stella me disse que dia sim dia não vocês lavam a área. E que a senhora disse que tinha esse sonho na primeira vez e, desde então, continua repetindo todas as vezes. Como se já não tivesse realizado, ou como se estivesse lavando a área pela primeira vez.

E esse foi o motivo que me autorizou a fazer essa viagem atrapalhada, num bate volta para Senador Canedo-GO, com 3 crianças e a Lala, num carro⁸⁷ cujos ponteiros e vidro do passageiro pararam de funcionar na estrada. Essa condição neurológica que a senhora tem como diagnóstico médico e que faz com que sua memória recente apresente prejuízos, ou simplesmente “O alemão”, como a tia Stella brinca. O mal de Alzheimer.

A senhora me perguntou umas dez vezes que horas eu havia saído de casa e por que não havia chegado mais cedo, e em todas elas eu te respondi da mesma forma na esperança que usar as mesmas palavras e frases pudesse te ajudar a lembrar: “Mulher, ontem eu fui dormir já era madrugada fazendo o diacho do meu trabalho, saí de casa seis da manhã, passei na Lala para pegar ela e o PC e o Valderi trocar as pastilhas de freio do carro, mas acabou que nem precisou. Daí saímos de lá era quase oito horas. Era para ter chegado mais cedo, mas o trem do carro deu problema e eu tive que vir mais devagar, acompanhando a velocidade pelo GPS do celular”. Eu repeti essa mesma explicação, forçando a minha memória a decorar e

⁸⁷ Parece roteiro de filme, mas eu juro que não é, mainha. Quando digitei “carro” ali em cima, ouvi um barulho de freada brusca e o Roberto começou a cantar: “Por isso eu corro demais, sofro demais, corro demais só pra te ver, meu bem”. E foi o que fiz, mainha, meu bem, minha mãe!

usar as mesmas palavras exatamente do mesmo jeito acho que da terceira vez em diante. E em todas as vezes a senhora brigou comigo dizendo que eu não devia usar celular dirigindo, mas, algumas vezes, me deu um abraço, logo depois dizendo que estava muito feliz por eu ter ido. Em outras, disse que é por isso que odeia essa porra de celular e que hoje em dia até as crianças são viciadas nisso. E saiu braba caçando o que fazer. E teve uma vez em que a senhora perguntou que trabalho era esse e eu respondi que era o da UnB e que tinha até levado o computador para continuar fazendo lá, ao que a senhora sabiamente respondeu: “Até parece que você vai conseguir fazer algum trabalho aqui nessa zona”⁸⁸. Mas, como eu te disse, era urgente. E eu estava me sentindo angustiada por não estar fazendo e, ao mesmo tempo, estava feliz por estar ali, fazendo o que a médica disse que eu deveria fazer quando me deu seu diagnóstico: aproveitando os bons momentos.

Ela me disse, logo em seguida, que eles iriam diminuir gradativamente e que só me restariam as boas memórias que eu deveria cultivar. Nessa parte eu tento não pensar muito, mas confesso que morro de medo do momento em que ao me ver seus olhos não brilhem sorrindo por não me reconhecer.

E assim eu fui, e foi incrivelmente delicioso e cansativo. E que bom que fui, mainha, porque eu vi seus olhos brilhando e sorrindo ao me reconhecer.

E que bom também que estou te escrevendo e que bom que escrevo cartas porque, unindo as duas coisas, posso te falar mais um pouquinho do meu trabalho. O professor Rodrigo havia me sugerido em uma nota que eu olhasse o trabalho de uma professora chamada Valeska Zanello, no qual ela fala sobre envelhecer. Eu não consegui fazer isso ainda, mas eu me lembrei de uma coisa que ela diz que tem um pouco a ver com a senhora e com envelhecer. A professora Valeska⁸⁹ fala que existem coisas que, quando somos jovens, são riscos para nós, mulheres, mas que essas mesmas coisas se tornam proteção quando envelhecemos. Ela chama essas coisas de dispositivos de gênero. Nós, mulheres e mães, temos a maior parte do peso do cuidado e do amor. Somos incentivadas a sempre nos doar e dedicar. Isso nos limita em boa parte da vida, mas, na velhice, se transforma em um fator de proteção de saúde mental que garante mais qualidade de vida. Justamente porque, dessa forma, nós construímos laços de afeto que perduram. E isso funcionou que é uma beleza com a gente, afinal, como não amar e cuidar de dona Rita e dona Ruth?

⁸⁸ Eu me lembrei de uma nota que escrevi no meu trabalho, na qual eu disse que levei livros para me enganar que ia estudar nas férias na praia quando adolescente. E percebi que fiz a mesma coisa agora, trazendo o notebook para o seu aniversário.

⁸⁹ Zanello; Silva; Henderson (2015).

E hoje eu, volta e meia, falo para a Clarissa o que cresci ouvindo a senhora e a Bibi dizendo: a lã não pesa o carneiro. A gente cuida e é cuidada. E isso é um dispositivo de gênero que nos limita e, ao mesmo tempo, é uma sabedoria. E é muito bom.

Eu precisei ler um monte de livros para entender aquela história que a Bibi contava sobre a mãe dela, sua avó, minha bisavó e tataravó da Clarissa; aquela história sobre a herança.

Questionada se queria se casar com João José Marques, porque achava que iria herdar alguma coisa, Etelvina Maria, mulher indígena de etnia ainda desconhecida, foi informada que a única coisa que herdaria seria merda. Nessa hora, dona Rita imitava o sotaque com o erre puxado da família paterna. Ao que Etelvina respondeu: se for dura parte na faca, se for mole parte na cuia.

Hoje eu entendo essa história numa perspectiva que intersecciona gênero, classe e raça, mas eu entendo, sobretudo a resposta firme e bem humorada de bisavó Etelvina. Que diz que ainda que a herança dela fosse merda, ela iria dar um jeito de fazer valer seu direito. E é um pouco para isso que eu quero que sirva o meu trabalho, mainha, para fazer valer minha herança, a sua herança, a da Bibi e da Etelvina, que é a herança da Clarissa também. E essa herança está longe de ser merda.

Começou um toque lindo de uma música do Roberto que eu não conhecia, fui ver qual é e se chama “Cavalgada”. E agora o algoritmo mandou mal, não é uma música para eu comentar com a senhora, porque nunca falamos sobre sexo e a música é exatamente sobre isso, mas deixei registrado aqui para dizer que eu adoraria te ouvir falar das suas experiências como mulher. Fica o convite para fazermos isso num dia qualquer.

Feliz aniversário, mainha, vou dormir porque amanhã tenho muito trabalho para terminar. Eu corria o risco do meu trabalho ficar raso e ser questionado porque eu não estava sabendo falar das coisas que li e como elas impactaram meu trabalho. E ainda falta colocar todas as obras citadas nesse texto, incluindo agora o seu Roberto.

E agora, mesmo com a música errada para uma despedida de uma carta de aniversário, eu me despeço, não sem antes te dedicar mais um verso do rei. É o que eu mais quero: ***nunca se esqueça nem um segundo que eu tenho o amor maior do mundo. Como é grande o meu amor por você!***

Te amo.

Sua filha, Mila

APÊNDICE I – REPOSITÓRIO ENTRE CARTAS, COLCHAS E CORES

[illegible]

ANEXO

Carta escrita pelo meu orientador, em resposta à segunda carta que enviei para ele e que também foi o meu primeiro trabalho oficial.

Ludmila,

Apenas terminei de ler seu trabalho e senti para responder seu texto. Vou chamar de texto, pois, de fato, não é um artigo, tem algo de ensaio, de memória, de fluxo de consciência, não é científico da forma boa como somente algo não científico pode ser. Em muitos momentos me vi pensando em seu texto, lembrei-me de Diana Klinger¹, de Manoela Afonso dos Anjos², dos livros de artista que ela orienta lá na UFG. Pensei que meu papel talvez seja o de te apresentar uma academia que não conhece e que se ocupa de outras sensibilidades, de outras formas e de outros modos de existência³.

Então, respondendo a pergunta que você não fez: gostei do trabalho final, tanto que estou te respondendo também em forma de carta, o que jamais fiz.

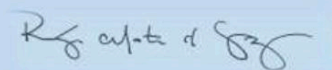
Estou - de uma maneira nem um pouco velada - sempre à procura de orientações que me desafiem, que me proporcionem outro modo de ler. Confesso que na maioria dos casos encontro o mesmo, raramente uma proposta de escrita me mobiliza, o que acaba reforçando meu cinismo. Algo que você percebeu e caracterizou muito bem em sua escrita, mesmo que não tenha se expressado dessa forma.

Em um ponto queria de dizer que não foi bem como narrou, mas, de fato, o foi. Não me recordava de seu memorial de ingresso, nem de mais esse detalhe de sofrimento em sua narrativa. Mas, como você mesma disse, é preciso ajustar as expectativas. Como professor isso é boa parte de minha vida, ajustar as expectativas.

Não sei se seguirá com o trabalho da forma como está propondo, talvez o trabalho da disciplina, de ter um leitor te satisfaça, mas, se for continuar, preciso que o faça com sensibilidade e raiva, talvez até com ódio, mas sem tornar o processo um martírio.

Quis te responder logo, pois não queria que ficasse em casa imaginando-se mais uma vez inadequada⁴. A pós-graduação costuma brincar com a autoestima de quem nela se aventura. É bom tomar este momento da vida como um desafio (um segredo: acho que o é para todos), mas não tome as resistências como inadequação, elas fazem parte do pacote, seguimos com o barco mesmo que ele pareça bem estranho para quem o vê da margem.

Queria, por fim, te dizer que na universidade se faz ciência, mas também se faz arte.



¹ Klinger, D. (2014). Literatura e ética. Da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco.

² <https://nupaa.org/> e https://www.instagram.com/nupaa_favufg/

³ Lapoujade, D. (2018). Las existências menores. Buenos Aires: Cactus.

⁴ Por isto estou enviando logo por whatsapp e não te entregando como carta.

EPÍLOGO: A HISTÓRIA

A primeira tarefa que professor Rodrigo me passou, logo na minha primeira reunião de orientação, foi que eu escrevesse a história sobre violência sexual que eu queria contar. Ele me disse para escrevê-la do começo ao fim e depois dar um tempo dela, deixar guardada e só voltar a ler em outro momento. E eu me pergunto como teria sido esse trabalho se eu tivesse conseguido concluir a primeira tarefa que meu orientador me passou. Mas não foi o que aconteceu.

Passei mais de um ano escrevendo a história, sem, no entanto, conseguir terminar. E chegou a hora de finalizá-la também. Mas acontece que, ao reler tudo que consegui escrever até agora, eu percebi que aquela não é a forma que eu quero contar a história. Não quero contar uma história grande, cheia de detalhes horrendos – os quais revivi inúmeras vezes ao longo da vida.

A vocês, leitores, provavelmente causaria revolta, repulsa, nojo. E, embora eu quase tenha conseguido finalizar essa história, definitivamente ela não é a história que quero contar. Porque se tem algo que aprendi nesse processo de escrita até aqui é que, entre a história que aconteceu e a história que quero contar, existem as palavras. E palavras contam histórias das formas mais diversas. A que escolhi é um livro infantil.

Ainda não fiz as ilustrações, parte fundamental do livro infantil⁹⁰, mas deixo aqui o texto. Ele se chama: *O Buraco no Quintal da Mila*.

O Buraco no Quintal da Mila

Esse livro é dedicado à Clarissa Yumi

Essa é a história da Mila, uma menina que adorava pensar.

Enquanto a irmã e as amigas cantavam “atirei o pau no gato”, brincando de roda, a Mila ficava olhando para o céu e pensando: “É pau no gato ou Paulo Gato? Será que o gato da música se chamava Paulo?”.

Além de pensar, a Mila gostava de outras coisas, como ganhar amendoim do avô, passear pelo quintal no colinho da manhã da mãe e que seu pai estralasse seus dedinhos do pé.

No quintal da Mila já tinha um buraco, era onde seus pais jogavam cascas de ovos, frutas e verduras para se transformarem em comida para as plantas deles. A Mila adorava fazer sanduíches de casca de

⁹⁰ “Por que os seus livros de adulto não têm desenhos, só letras?”, Clarissa me perguntou certa vez. E eu também me pergunto isso, visto que as imagens, ilustrações e desenhos comunicam tanto.

ovos com recheio de folhas para as formiguinhas comerem e ela enterrava pedacinhos de cascas na terra para as minhocas encontrarem mais fácil.

No quintal da Mila tinha duas mangueiras, horta com alfaces, couves e cebolinhas, florzinhas cor de rosa e chão de barro vermelho.

Tinha um papagaio louro do bico cinza escuro e não dourado; talvez por isso ele não levasse cartinhas para ninguém. Mas ele cantava, pedia café e fazia cafuné na cabeça da Mila quando ela pedia: “Cata piolho, louro”. Será que o nome do papagaio era Louro? Como ele seria louro se ele era verde? – pensava a Mila deitada no chão, cavucando a terra.

No quintal da Mila também tinha a Laila, uma cachorrinha preta que adorava cavar buracos no quintal. Os pais da Mila ficavam bravos com a Laila por isso e davam broncas nela enquanto a Mila pensava maravilhada que se tivesse um lápis de cor de terra ela também poderia pintar por cima do preto, porque os pelinhos da Laila de pretinhos ficavam vermelhos e ela ficava ainda mais linda.

Mas, uma noite, um buraco novo apareceu no quintal da Mila. Não era o buraco das cascas nem os buracos da Laila, era um buraco novo e muito misterioso.

Depois que esse buraco apareceu no quintal da casa da Mila, muita coisa mudou por ali, inclusive a casa e o quintal.

A Mila se mudou para outra casa, com outro quintal, muitas outras plantas, a Laila, o Louro e sua irmã.

O pai da Mila não foi. Todos lhe diziam pra não chorar e não ficar triste pois ele estava no céu.

A mãe da Mila foi, mas de um jeito tão diferente que parecia outra mãe. Todos lhe diziam que ela estava muito triste sem o marido.

Deitada num galho grande da laranjeira do novo quintal, a Mila tentava entender: “Meu pai que está no céu é o marido da minha mãe, que está triste... mas por que ela está triste se ele está no céu? E o céu deve ser muito legal porque tem nuvens, passarinhos e aviões”.

A Mila tentava mas não conseguia entender e ela suspeitava que, na verdade, seu pai tinha caído naquele buraco misterioso do antigo quintal. E tudo de chato, ruim ou difícil que acontecia, a Mila achava que era coisa do buraco. E o maior medo da Mila era de desaparecer naquele buraco também.

Por isso, a Mila passou a fugir de quintais, mesmo o novo, cheio de plantas e sem nenhum buraco daqueles. Ela parou de subir nas árvores, de cavucar a terra, de olhar o céu e de brincar com formiguinhas e minhocas.

Mila foi crescendo, virou gente adulta, começou a trabalhar, pagar contas e resolver problemas. Essas coisas que os adultos costumam mesmo fazer. E muitos anos se passaram. Como costuma mesmo acontecer. Mas a Mila nunca se esqueceu do buraco. E, mesmo adulta, ainda tinha medo dele.

É que parecia que tudo que ela tanto gostava tinha começado a ser perdido ali, naquele buraco. Seu pai, seu avô, sua mãe, o céu, as formigas e as minhocas.

Mas foi aí que Mila se lembrou do outro buraco, aquele cheio de cascas que iriam para o lixo, mas que viravam comida de planta. Adubo – a Mila adulta sabia o nome – é algo que fortalece as plantas, que ajuda elas a crescerem, assim como a Mila também cresceu.

E quando se lembrou desse buraco que havia esquecido, a Mila, mais uma vez, lembrou do buraco que nunca esqueceu. E foi aí que ela percebeu que, assim como as plantas, ela também havia crescido.

E, mesmo com medo, a Mila finalmente resolveu encarar o buraco que a assustava tanto. E para isso, ela buscou ajuda no azul do céu, no vermelho da terra, no rosa das florzinhas, nas formigas e nas minhocas.

E quando, finalmente, conseguiu chegar perto daquele buraco tão assustador, abrir os olhos e olhar para ele, a Mila teve uma grande surpresa.

Ela de fato havia crescido e estava maior que o buraco. Mesmo que ela pulasse nele e tentasse ficar presa ali, já não dava, bastava levantar a perna e dar um pequeno impulso que estaria fora dele. E foi o que ela fez.

No buraco, a Mila colocou mais terra, cascas de ovos, verduras e frutas. E água, claro, que não pode faltar. Com a terra fortalecida, a Mila plantou uma árvore, dessa árvore vieram sementes, que viraram outras árvores, que viraram uma floresta. E dessa floresta nasceu a árvore de onde surgiu o papel que fez esse livro no qual a história da Mila foi escrita.

E a Mila? O que aconteceu com ela? Bem, a Mila continuou fazendo as coisas que os adultos fazem, mas sem medo do buraco, contemplando o céu, cavucando a terra, brincando com formiguinhas e minhocas. Como ela sempre gostou de fazer.

FIM